



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO - CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Andreia Grandi

**Atributos Ambientais de Abrigos e Habitações Temporárias:
Contribuições para o Bem-Estar em Cenários de Desastre**

Florianópolis
2025

Andreia Grandi

**Atributos Ambientais de Abrigos e Habitações Temporárias:
Contribuições para o Bem-Estar em Cenários de Desastre**

Dissertação submetida ao Programa de Pós
Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. Lisiane Ilha Librelotto, Dr.(a)
Coorientador(a): Prof Luana Carbonari, Dr.(a)

Florianópolis

2025

GRANDI, ANDREIA

Atributos Ambientais de Abrigos e Habitações Temporárias: :Contribuições para o Bem-Estar em Cenários de Desastre / ANDREIA GRANDI ; orientadora, Lisiane Ilha Librelotto, coorientadora, Luana Toralles Carbonari, 2025. 181 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Abrigo emergencial. 3. Habitação Temporária. 4. Bem-estar. 5. Desastres. I. Librelotto, Lisiane Ilha. II. Carbonari, Luana Toralles. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Andréia Grandi

Atributos Ambientais de Abrigos e Habitações Temporárias:
Contribuições para o Bem-Estar em Cenários de Desastre

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 04 de setembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Vanessa Casarin, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Rachel Faverzani Magnago, Dra.
Universidade Federal de Santa Maria (UFSC)

Profa. Vanessa Goulart Dorneles, Dra.
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.



Documento assinado digitalmente

Maira Longhinotti Felipe

Data: 12/09/2025 11:25:55-0300

CPF: ***.406.999-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente

Lisiane Ilha Librelotto

Data: 12/09/2025 11:40:07-0300

CPF: ***.489.710-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Lisiane Ilha Librelotto, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2025.

Às vítimas da inundação de 2024 no RS, aos guerreiros *Xokleng* de José Boiteux e aos imigrantes haitianos. Esta pesquisa é um registro de suas lutas e um compromisso: que a arquitetura possa ser instrumento não apenas de abrigo, mas de reparação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela força e sabedoria que me guiaram ao longo desta jornada, iluminando cada desafio com esperança e perseverança.

Aos meus pais, Fiorindo e Isabel, pelo amor incondicional, pelos valores que me ensinaram.

Ao meu marido, José Ivan, meu companheiro em todos os momentos, pelo incentivo, paciência e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava. Sua parceria tornou este caminho mais leve e significativo.

Às minhas filhas, Helena e Maria Clara, que são minha maior inspiração. Cada sorriso e abraço renovaram minhas energias para seguir em frente, lembrando-me sempre do que realmente importa.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Lisiane Ilha Librelotto, e à minha coorientadora, Prof^a. Dr^a. Luana Carbonari, pela orientação dedicada, pelas críticas construtivas e pelo comprometimento em transformar esta pesquisa em um trabalho relevante. Seu conhecimento e apoio foram fundamentais para a concretização deste estudo.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao grupo de pesquisa VIRTHUHAB pela valiosa troca de experiências, conhecimentos e apoio constante durante todo o desenvolvimento desta pesquisa. Um agradecimento especial à Prof^a Lisiane, Bibiana, Vitória e Maria Luiza, que não apenas compartilharam seus saberes, mas também me acompanharam em campo no Rio Grande do Sul, dedicando tempo e energia para realizar as entrevistas e compreender *in loco* a realidade das comunidades afetadas. Agradeço também à CAPES pelo financiamento que tornou possível essa viagem de pesquisa.

À minha querida amiga Ernestina, pelo carinho, pelas palavras de ânimo e pela ajuda nos momentos de dúvida.

Por fim, meu profundo agradecimento às vítimas de desastres que participaram desta pesquisa, compartilhando suas histórias, dores e esperanças. Suas vozes são o coração deste trabalho, e minha maior gratidão é por terem confiado em mim para levar adiante suas experiências. Que este estudo possa, de alguma forma, contribuir para mudanças que garantam dignidade e acolhimento a quem mais precisa.

RESUMO

Esta dissertação está voltada a investigar o contexto das populações desabrigadas em cenários pós-desastre, analisando a relação entre características físicas do espaço e o bem-estar dos usuários. Partindo do problema da inadequação dos modelos convencionais - que frequentemente negligenciam dimensões culturais e psicológicas - o estudo estabelece como objetivo principal caracterizar os atributos ambientais que favorecem o bem-estar nos abrigos emergenciais e habitações temporárias para vítimas de desastres. A metodologia combinou revisão integrativa da literatura e teorias de ambientes restauradores (Ulrich, 1984; Kaplan & Kaplan, 1989) com pesquisa de campo qualitativa envolvendo aplicação de técnicas e entrevistas com moradores de habitações temporárias que já se alojaram em abrigos emergenciais e assistentes sociais no Rio Grande do Sul, lideranças indígenas e imigrantes, complementada por análise de estudos de caso e avaliação de sustentabilidade das unidades modulares. Os resultados demonstraram que privacidade, segurança física/emocional, conforto térmico-ambiental e flexibilidade espacial emergem como necessidades prioritárias, sendo igualmente essenciais a participação comunitária no processo projetual e a incorporação de elementos identitários culturais. A pesquisa conclui que os abrigos emergenciais e as habitações temporárias eficazes devem transcender a função básica de abrigo, integrando desde sua concepção estratégias bioclimáticas, possibilidades de personalização e vínculos com o território, configurando-se como espaços de transição que restauram não apenas a moradia, mas também o senso de dignidade e pertencimento. O estudo oferece recomendações projetuais intersetoriais que articulam arquitetura, psicologia ambiental e políticas públicas, propondo um novo paradigma para intervenções em situações de desastre.

Palavras-chave: Abrigo emergencial, Habitação temporária; Bem-estar; Ambientes restauradores; Desastres;

ABSTRACT

This dissertation investigates the environmental attributes that promote well-being in shelter, temporary housing for displaced populations in post-disaster contexts, analyzing the relationship between the physical characteristics of space and user satisfaction. Addressing the inadequacy of conventional temporary shelter models—which often neglect cultural and psychological dimensions—the study aims to identify design criteria capable of transforming temporary housing into restorative environments. The methodology combined an integrative literature review and theories of restorative environments (Ulrich, 1984; Kaplan & Kaplan, 1989) with qualitative field research, including techniques and interviews with temporary housing residents, social workers, Indigenous leaders, and immigrants, supplemented by case study analysis and technical evaluations of modular units. The results demonstrated that privacy, physical/emotional security, thermal-environmental comfort, and spatial flexibility emerge as priority needs, while community participation in the design process and the incorporation of cultural identity elements are equally essential. The research concludes that effective temporary housing must transcend its basic function as shelter, integrating bioclimatic strategies, customization possibilities, and territorial connections from the outset—thereby serving as transitional spaces that restore not only housing but also dignity and a sense of belonging. The study offers intersectoral design recommendations bridging architecture, environmental psychology, and public policy, proposing a new paradigm for disaster response interventions.

Keywords: Shelter, Temporary housing; Well-being; Restorative environments; Disasters;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Opções de Abrigo Temporário.....	12
Figura 02 - Tipos de Materiais.....	25
Figura 03 - Tipos de Forma.....	25
Figura 04 - Tipos de Implantação.....	26
Figura 05 - Tipos de Ventilação/Iluminação.....	26
Figura 06 - Tipos de Layout.....	27
Figura 07 - Tipos de Dormitórios.....	27
Figura 08 - Síntese Metodológica.....	28
Figura 09 - New Orleans - Passagem do Furacão Katrina.....	32
Figura 10 - Enchente em Canoas/RS.....	33
Figura 11 - Deslizamento no Vale do Itajaí.....	35
Figura 12 - Mapa de localização José Boiteux.....	36
Figura 13 - Localização da Área Indígena e Barragem em José Boiteux/SC.....	37
Figura 14 - Enchente na Área Indígena de José Boiteux.....	38
Figura 15 - Possível Evolução dos Modelos de Desastre.....	42
Figura 17 - Localização do Acampamento.....	62
Figura 18 - Estrutura de Abrigos Emergenciais/Temporários no ATP-01.....	63
Figura 19 - Localização do ATP-02.....	64
Figura 21 - Abrigos Individuais do ATP-02.....	65
Figura 22 - Localização do ATP-03.....	67
Figura 23 - Mid- Term Shelter em Kutupalong.....	68
Figura 24 - Mid- Term Shelter em Kutupalong.....	69
Figura 25 - Localização do ATP-04.....	71
Figura 26 - T-Shelters.....	72
Figura 27 - Localização do ATP 05.....	74
Figura 28 - (a) Tendas e (b) Abrigos Individuais.....	75
Figura 29 - Centro de Memória Kutupalong e Igreja em Ajumong Thok.....	76
Figura 29 - Mapa Indicando a Localização da Visita Técnica.....	80
Figura 30 - Fotos das Habitações Temporárias em Estrela/RS.....	81
Figura 31 - Fotos das Habitações Temporárias em Cruzeiro do Sul/RS.....	82
Figura 32 - Projeto 3D das Unidades.....	83
Figura 33 - Nuvem de Palavras.....	107
Figura 33: Representação do Abrigo Emergencial.....	121
Figura 34: Representação da Habitação Temporária.....	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Objetivos e Métodos.....	27
Quadro 02 - Síntese dos Impactos Psicológicos dos Desastres.....	40
Quadro 03 - Conceito de Refugiados, Deslocados, Desabrigados e Desalojados....	43
Quadro 04 - Síntese dos Atributos Físicos Ambientais Favoráveis ao Bem-estar....	47
Quadro 05 - Síntese dos Fatores de Restauração da Capacidade de Atenção.....	49
Quadro 06 - Síntese dos Conceitos de Apropriação.....	51
Quadro 07 - Síntese dos Fatores Ambientais Geradores de Estresse.....	53
Quadro 08 - Revisão de Literatura: Autor(es), País, Disciplina(s) e Foco.....	55
Quadro 09 - Síntese da Revisão de Literatura.....	60
Quadro 10 - Atributos do ATP-01.....	63
Quadro 11 - Atributos ATP-02.....	66
Quadro 12 - Atributos do ATP-03.....	70
Quadro 13 - Atributos do ATP-04.....	73
Quadro 14 - Atributos Restauradores do ATP-05.....	76
Quadro 15 - Síntese dos Atributos Relacionados ao Bem-estar Identificados nos Estudos de Referência.....	79
Quadro 16 - Características Construtivas da Unidade Modular.....	83
Quadro 17 - Síntese da Visita Técnica e da Avaliação de Sustentabilidade.....	86
Quadro 18 - Resultado das Entrevistas do Grupo 01.....	90
Quadro 19 - Resultado das Entrevistas do Grupo 02.....	92
Quadro 20 - Resultado das Entrevistas do Grupo 03.....	94
Quadro 21 - Resultado das Entrevistas com o Assistente Social.....	97
Quadro 22 - Resultado das Entrevistas com Grupo 04.....	99
Quadro 23 - Resultado da Entrevista com Grupo 05.....	101
Quadro 24 - Síntese das Entrevistas.....	104
Quadro 25 - Atributos Ideais Baseado no Poema dos Desejos.....	107
Quadro 26- Síntese das Preferências por Atributos Ambientais.....	109
Quadro 27 - Atributos Ambientais que Promovem Bem-Estar em Habitações Temporárias.....	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ART - Attention Restoration Theory - Teoria de Ambientes Restauradores

ATPs - Acampamentos Temporários Planejados

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

EPA - Estudos Pessoa-Ambiente

SEDEC - Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, um órgão do governo que coordena as ações de proteção e defesa civil no Brasil

ONU - Organização das Nações Unidas

TEPT - Transtorno de Estresse Pós Traumático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 JUSTIFICATIVA.....	14
1.2 OBJETIVOS.....	16
1.2.1 Objetivo Geral.....	16
1.2.2 Objetivos Específicos.....	16
1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA.....	17
1.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	18
2 . METODOLOGIA.....	19
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	19
2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	20
2.2.1 Recrutamento.....	20
2.2.2 Critérios de Exclusão e Inclusão.....	20
2.2.3 Local de Estudo.....	20
2.2.4 Amostra.....	21
2.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS.....	22
2.3.1 Procedimento 01: Revisão de Literatura.....	23
2.3.2 Procedimento 02: Estudos de Referência.....	23
2.3.3 Procedimento 03: Levantamento de Campo.....	24
2.3.4 Organização e Análise dos dados.....	30
3 REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
3.1 OS DESASTRES E AS EMERGÊNCIAS HUMANITÁRIAS COMPLEXAS....	31
3.1.1 Os desastres naturais e os principais eventos no Brasil e no Mundo....	31
3.1.2 Área Indígena em José Boiteux / SC.....	37
3.1.3 Aspectos Psicológicos dos Desastres.....	39
3.1.4 Vulnerabilidade.....	41
3.1.5 Conceito de Refugiados, Deslocados, Desabrigados e Desalojados...	44
3.2 ATRIBUTOS AMBIENTAIS E A PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR.....	45
3.2.1 Ambientes Restauradores.....	45
3.2.2 Fatores que Contribuem para Qualidade Ambiental.....	50
3.2.3 Fatores Ambientais que Causam Estresse.....	53
3.3 REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.....	56
3.3.1 Síntese da Revisão de Literatura.....	56
4 ESTUDO DE REFERÊNCIAS.....	62
4.1 ACAMPAMENTO AJUNONG THOK (ATP-01).....	63
4.2 ACAMPAMENTO AZRAQ - JORDÂNIA (ATP-02).....	65
4.3 ACAMPAMENTO KUTUPALONG-BALUKHALI (ATP-03).....	67
4.4 ACAMPAMENTO CORAIL - CESSÉLESSE NO HAITI (APT-04).....	71
4.5 ACAMPAMENTO ZAATARI - JORDÂNIA (ATP-05).....	74
4.6 ANÁLISE DOS ABRIGOS.....	77

4.6.1 Considerações do Estudo de Referências.....	78
5 RESULTADOS.....	81
5.1 VISITA TÉCNICA E AVALIAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE.....	81
5.2 PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO DOS ENTREVISTADOS.....	88
5.3 RESULTADO DAS ENTREVISTAS: PADRÕES, TEMAS E RELAÇÕES.....	89
5.3.1 Análise das Entrevistas do Grupo 01.....	89
5.3.2 Análise das Entrevistas do Grupo 02.....	91
5.3.3 Análise das Entrevistas do Grupo 03.....	94
5.3.4 Análise da Entrevista do Assistente Social.....	96
5.3.5 Análise das Entrevistas do Grupo 04.....	99
5.3.6 Análise da Entrevista do Grupo 05.....	101
5.3.7 Conclusão das Entrevistas.....	103
5.4 RESULTADO DA TÉCNICA POEMA DOS DESEJOS.....	107
5.5 RESULTADO DA TÉCNICA FOTOGRAFIA COMO MODELO.....	108
5.6 CONCLUSÕES DO LEVANTAMENTO DE CAMPO.....	112
5.7 DISCUSSÕES DA PESQUISA.....	114
5.8 RECOMENDAÇÕES PROJETOAIS PARA ABRIGOS E HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS PARA CENÁRIOS DE DESASTRE.....	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	136
APÊNDICE B - ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS.....	141
APÊNDICE C -TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS.....	143
APÊNDICE D -TRANSCRIÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRAFIA COMO MODELO.....	166
APÊNDICE E -TRANSCRIÇÃO DA TÉCNICA POEMA DOS DESEJOS.....	173

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o mundo tem sofrido com o aumento gradativo de crises socioambientais, esta crise é complexa e interconectada, pois os problemas sociais e ambientais estão profundamente interligados e se influenciam mutuamente. Ela é caracterizada pela forma como as atividades humanas impactam negativamente o meio ambiente, causando danos irreversíveis e afetando diretamente a qualidade de vida das pessoas, especialmente as mais vulneráveis (ONU, 2023).

Até o final de 2024, mais de 120 milhões de pessoas foram deslocadas à força devido a perseguições, conflitos, violência, violações de direitos humanos e eventos que perturbam seriamente a ordem pública (ACNUR, 2025). Isso representa um aumento de 8% em relação ao ano anterior (um acréscimo de 8,8 milhões de pessoas), continuando uma tendência de aumentos anuais há 12 anos (ACNUR, 2025).

Segundo dados da Agência Brasil (2025), em 2024, 68.159 pessoas apresentaram pedidos de refúgio no Brasil – um aumento de 16,3% em relação ao ano anterior. A nacionalidade com o maior número de solicitantes de refúgio no Brasil foi a venezuelana, com 27.150 pedidos, seguida por cubanos (22.288) e angolanos (3.421) (Agência Brasil, 2025). Ao todo, o Brasil recebeu solicitações de refúgio de pessoas oriundas de 130 países (Agência Brasil, 2025).

De acordo com os dados da ONU Brasil (2021) de 1970 a 2019, os desastres naturais equivaleram a 50% de todos os desastres, sendo que mais de 11 mil ocorrências reportadas foram atribuídas a eventos climáticos. Dos dez maiores tipos de desastres documentados pela ONU, as tempestades causaram 577 mil mortes, seguidas de enchentes, que tiraram 58,7 mil vidas (ONU Brasil, 2021).

No período de 2018 a 2022, os Estados Unidos contabilizaram o maior número de eventos, com 133 eventos e 1.855.990 afetados, já a Índia com 72 eventos contabilizou 82.140.281 afetados, maior número de afetados (Costa *et al*, 2024).

No Brasil, as mudanças climáticas estão alterando os padrões de temperatura e o regime pluviométrico. No período de 2018 a 2022, houve no país 39 eventos com 11.900.934 afetados (Costa *et al*, 2024).

Ainda, segundo Costa *et al* (2024) o Estado de Santa Catarina figura como um dos estados mais afetados pelas mudanças climáticas. No período de 2018 a

2022, os eventos registrados no Brasil tiveram maior número em Santa Catarina, com 2.432 eventos e 5.972.014 afetados, conforme mostra a Tabela 01.

Tabela 01 - Somatório de desastres naturais no período de 2018 a 2022.

Período 2018-2022			
Posições	Estados	Maior N.º de Eventos	N.º de Afetados
1	Santa Catarina	2432	5972014
2	Minas Gerais	2309	6182053
3	Rio Grande do Sul	1553	3352727
4	Bahia	1527	30423395
5	Pernambuco	939	12465725

Fonte: Costa *et al* (2024)

Embora alguns Estados tenham desenvolvido nos últimos anos articulações para mitigar o problema, ainda apresenta dificuldades para desenvolver ações durante o impacto, bem como a acolhida dos afetados. Apesar de existirem planos de gestão de riscos de desastres, tanto em nível estadual, quanto municipais, que estabelecem as rotas de fuga e posição de onde deverão ser constituídos os abrigos fixos para atendimento à população, ainda percebe-se (pelo que é mostrado nas mídias) que a montagem do abrigo e estruturas de atendimento precisam de planejamento, principalmente no que diz respeito ao bem-estar dos ocupantes.

De acordo com a Defesa Civil de Santa Catarina (órgão responsável por organizar os abrigos temporários), o Abrigo Emergencial é uma instalação adaptada e organizada para esta finalidade, por um período determinado e/ou específico, para atender as pessoas e famílias que ficaram desabrigadas, que tiveram suas casas danificadas pelo evento adverso e dependem de apoio do poder público porque não tem para onde ir. Conceitua ainda, que deve ser uma estrutura adequada, habitável, segura, privada e protegida, afastada de áreas de risco, e adaptada à cultura local, ao clima e as características da região, com acesso aos serviços básicos e que mantenha a dignidade das pessoas e famílias (SEDEC - Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, 2017). Aludem também que podem ser estruturas preexistentes (estruturas fixas) como um clube, igrejas, hotéis, ginásios, associações

de moradores. Deve-se evitar a utilização de escolas, uma vez que o retorno à normalidade é fundamental. (SEDEC, 2017)

A habitação temporária destina-se a ser utilizada durante um período prolongado, normalmente de seis meses a três anos, até que os indivíduos possam regressar às suas residências permanentes (Mora, 2019).

O governo do Estado do Rio Grande do Sul, em seus documentos e diretrizes, adota a denominação “moradia temporária” para se referir às soluções habitacionais destinadas às populações desabrigadas após desastres. No entanto, nesta pesquisa, opta-se por utilizar o conceito de “habitação temporária”, conforme estabelecido na literatura acadêmica.

Segundo Carbonari (2021), diversos autores fazem uma distinção entre os termos “abrigo” e “habitação” para cenários de emergência. Enquanto “abrigo” refere-se a um local para ficar durante o auge e imediatamente após um desastre, onde as rotinas diárias regulares são suspensas; “habitação” indica o retorno às atividades e responsabilidades domésticas e às rotinas diárias. Com base nesta distinção, há quatro fases diversas que podem ser empregadas: emergency sheltering (abrigo emergencial), temporary sheltering (abrigo temporário), temporary housing (habitação temporária) e permanent housing (habitação permanente). As diferenças entre essas fases muitas vezes não são bem definidas e sua duração depende das sobreposições existentes entre duas ou mais fases. Elas nem sempre se desenvolvem de forma linear e são configuradas como um processo social dinâmico (Félix et al., 2015; Félix; Branco; Feio, 2013; Quarantelli, 1995).

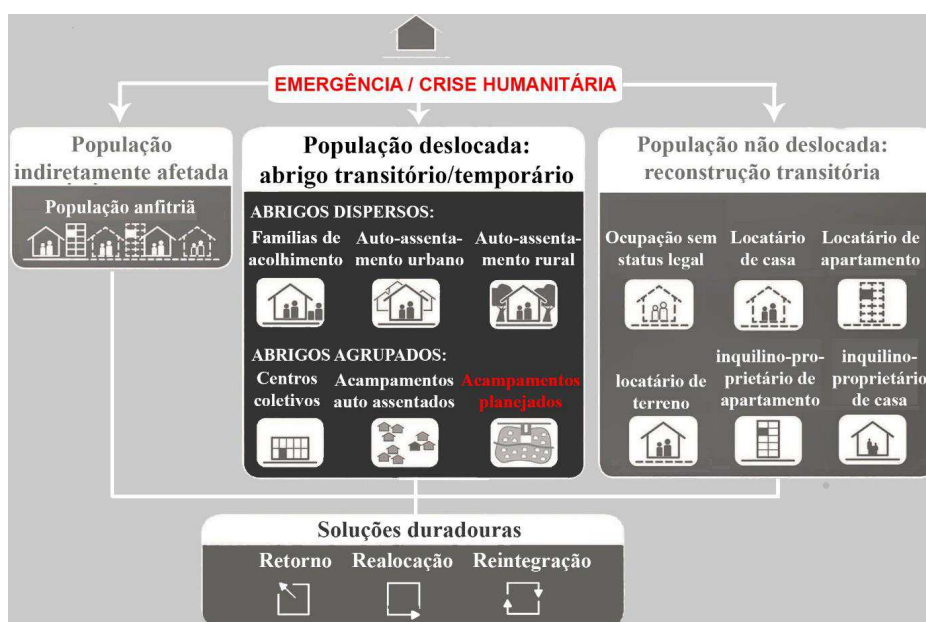
No Brasil, a SEDEC (Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, um órgão do governo que coordena as ações de proteção e defesa civil no Brasil) - RJ (2006) faz a mesma distinção conceitual entre os termos “abrigo” e “habitação” pós-desastre. No entanto, distinguem-se três fases: abrigo temporário de caráter emergencial, habitação temporária e habitação permanente.

No que diz respeito às opções de abrigo temporário, a SEDEC – RJ (2006) distingue dois tipos: abrigos temporários em instalações fixas ou móveis. O primeiro é constituído por edificações públicas ou privadas adaptadas para abrigar temporariamente a população. Alguns exemplos são escolas, ginásios, clubes, hotéis, entre outros. O segundo (móveis) refere-se a alojamentos, como barracas, casas pré-fabricadas etc. Estes alojamentos geralmente são locados em áreas

pré-determinadas, como campos de futebol, quadras poliesportivas sem cobertura fixa, descampados horizontais, entre outros.

Por outro lado, grande parte da literatura internacional categoriza as diversas alternativas de abrigo temporário em seis tipos, separados em abrigos dispersos e agrupados: 1) Família de acolhimento, 2) Auto assentamento urbano 3) Auto assentamento rural 4) Centros coletivos 5) Acampamentos Auto assentados 6) Acampamentos planejados, conforme pode ser visto na Figura 01 (Corsellis; Vitale, 2005, 2007, 2010; IFRC; Ocha, 2015; IOM; NRC; UNHCR, 2015; JHA, 2010; NRC, 2010; Shelter Centre, 2012; Sphere Association, 2017 apud Carbonari, 2021).

Figura 01 - Opções de Abrigo Temporário



Fonte: Adaptado por Carbonari (2021)

A Figura 01 sintetiza os diferentes arranjos habitacionais possíveis diante de situações de emergência ou crise humanitária, organizando-os em função do grau de deslocamento da população e das estratégias de resposta adotadas.

Inicialmente, identifica-se a população indiretamente afetada, composta pela comunidade anfitriã, que, embora não tenha sido diretamente deslocada, desempenha papel fundamental no acolhimento de famílias e no suporte social, sendo igualmente impactada pelas dinâmicas emergenciais.

No caso da população deslocada, observa-se a necessidade de abrigos transitórios ou temporários, que podem ser estruturados de duas formas principais: abrigos dispersos, caracterizados pela distribuição de famílias em diferentes modalidades, como acolhimento por terceiros, autoassentamento urbano ou rural; abrigos agrupados, organizados em estruturas coletivas, tais como centros de acolhimento, acampamentos autoassentados e acampamentos planejados.

Por outro lado, a população não deslocada encontra-se em processos de reconstrução transitória, permanecendo em seus locais de origem, mas em condições provisórias de ocupação. Nessa categoria incluem-se situações de ocupação sem status legal, locatários de casas ou apartamentos, bem como arranjos de inquilino-proprietário ou locatário de terreno.

Por fim, a figura enfatiza a busca por soluções duradouras, que correspondem ao horizonte de estabilização pós-crise. Tais soluções incluem: o retorno às moradias de origem, a realocação em novos territórios ou a reintegração comunitária em condições permanentes.

Dessa forma, o diagrama evidencia a complexidade do processo de gestão habitacional em contextos emergenciais, destacando a coexistência de múltiplos arranjos temporários e a necessidade de políticas que articulem o caráter transitório das soluções com a construção de alternativas definitivas de habitação.

Segundo Delgado (2022) os planos de gestão de desastres ainda ignoram que a recriação de um senso de lar em abrigos e habitações temporárias pode contribuir no alívio do estresse e na saúde mental das pessoas deslocadas. Os abrigos fixos, frequentemente organizados em escolas, clubes, igrejas e centros comunitários, não possuem estrutura adequada para atender a demanda e proporcionar privacidade e bem-estar¹ às famílias alojadas, gerando desconforto e agravando o quadro de estresse das vítimas de desastres (Delgado, 2022).

Lee *et al*, (2018) e Osofsky *et al*, (2011) demonstraram que a saúde e o bem-estar dos sobreviventes de desastres estão fortemente associados à restauração de ambientes físicos e sociais familiares, como casas, empresas e

¹ Bem-estar, no contexto desta pesquisa, é compreendido por esta pesquisadora, como uma condição multidimensional que envolve a percepção de segurança, conforto físico-ambiental, estabilidade emocional e reconhecimento identitário no espaço habitado. Para além da ausência de sofrimento, o bem-estar abrange a sensação de dignidade, pertencimento e possibilidade de restabelecimento da vida cotidiana, sendo influenciado tanto por aspectos materiais (como privacidade, proteção e condições bioclimáticas) quanto por dimensões subjetivas e culturais (como vínculos comunitários, memória e identidade).

comunidades. O senso de lugar já foi reconhecido como importante para recuperação (Zetter *et al*, 2009) porque tem um papel na restauração do sentido de vida, identidade e pertença (Gibbs *et al*, 2016).

Além do contexto do deslocamento por desastre, Stokols *et al* (1983), concluíram que a alta mobilidade residencial estava diretamente associada a mais sintomas de doença física, enquanto indivíduos com menor mobilidade e maiores níveis de satisfação residencial experimentaram os maiores níveis de bem-estar psicológico.

Caia *et al* (2010) investigou se tipos qualitativamente diferentes de lares temporários afetaram a saúde psicológica dos sobreviventes do terremoto de 1997 em Marche, na Itália Central, de maneira positiva ou negativa. Em comparação com aqueles em contêineres, as vítimas do terremoto designadas para casas tradicionais ficaram mais satisfeitas e mais apegadas a seus lares temporários e relataram maior bem-estar psicológico (menos sintomas de estresse psicológico, menos desconforto e menor sensação de ser dominado pela situação).

Assim sendo, conclui-se que os abrigos emergenciais e as habitações temporárias pós-desastre desempenham um papel fundamental no restabelecimento psicológico das vítimas, tanto durante a emergência inicial quanto nas fases subsequentes. No contexto da recuperação pós-desastre não foram encontrados estudos que analisam quais atributos ambientais proporcionam bem-estar às vítimas nestes espaços.

A partir do exposto, esta pesquisa busca respostas para a seguinte questão principal: **“Quais características ambientais favorecem o bem-estar nos abrigos emergenciais e habitações temporárias para desabrigados por desastres”?**

1.1 JUSTIFICATIVA

Após o desastre, a reação das vítimas envolve muito medo, impotência ou horror. Segundo Cardinalli (2011) os sintomas incluem revivência, esquiva de situações que relembrem o evento, embotamento da responsividade geral e excitação aumentada. Tal quadro sintomático deve estar presente por mais de um mês e a perturbação deve causar sofrimento ou prejuízo significativo na área social, ocupacional ou outras importantes na vida do indivíduo (Cardinalli, 2011).

Nos países em desenvolvimento, o número de mortes desta natureza e o impacto psicológico são significativamente maiores, tais comunidades sofrem de privações socioeconômicas sérias e possuem recursos insuficientes para enfrentar situações de calamidade (Sharan, 1996). Os dados de Norris (2002) mostram que mais de 50% das vítimas de desastres nestes países padecem de sofrimento psicológico clinicamente grave ou de transtornos psiquiátricos.

O Marco de Hyogo², posteriormente o Marco de Sendai³ e a Agenda 2030⁴ da ONU são exemplos de protocolos que determinam metas e servem de base para o desenvolvimento de estratégias para a redução de riscos de desastres e também disseminam informações de experiências adquiridas entre os países (Leandro *et al*, 2021). Este Marco é extremamente importante para a redução dos riscos de desastres, é um instrumento adotado pelos estados integrantes das nações unidas e tem por objetivo aumentar a resiliência dos países e das comunidades frente a possíveis desastres naturais.

Segundo Vibhas *et al* (2021), a psicologia ambiental postula que os indivíduos requerem um ambiente "bom o suficiente" para viver. Eles estão ligados a esse ambiente por meio de três processos psicológicos principais: apego, familiaridade e identidade. O apego ao lugar, que é paralelo, mas distinto do apego à pessoa, é um vínculo de cuidado mútuo entre uma pessoa e um lugar amado. A familiaridade se refere aos processos pelos quais as pessoas desenvolvem conhecimento cognitivo detalhado de seus ambientes. A identidade do lugar está relacionada à extração de um senso de identidade com base nos lugares em que se passa a vida. Cada um desses processos psicológicos — apego, familiaridade e identidade de lugar — é ameaçado pelo deslocamento, e os problemas de nostalgia, desorientação e alienação podem surgir causando estresse (Vibhas *et al*, 2021).

Esta pesquisa foca nos abrigos emergenciais e nas habitações temporárias. Segundo Carbonari (2021) o "abrigo" refere-se a um local para ficar durante o auge e imediatamente após um desastre, onde as rotinas diárias regulares são

² Marco de Hyogo^{**}: Foi adotado em ^{**}janeiro de 2005^{**}, durante a ^{**}Conferência Mundial sobre Redução de Desastres^{**}, realizada em Hyogo, Japão. O documento, chamado ^{**}Quadro de Ação de Hyogo (HFA)^{**}, distribui diretrizes para a redução de riscos de desastres entre 2005 e 2015.

³ O Marco de Sendai foi acordado em 18 de março de 2015 - na Terceira Conferência Mundial da ONU sobre Redução de Riscos de Desastres em Sendai, Japão. Estrutura de Sendai para Redução de Riscos de Desastres 2015-2030 .

⁴ A Agenda 2030 é um plano global de ação da Organização das Nações Unidas (ONU) para o desenvolvimento sustentável, que visa a melhorar a vida de todos os povos e nações até 2030.

suspensas. Já o termo “habitação” indica o retorno às atividades e responsabilidades domésticas e às rotinas diárias.

Portanto, as características ambientais dos abrigos emergenciais e das habitações temporárias abordadas estão relacionadas aos fenômenos de bem-estar: restauração psicológica do estresse e ambientes restauradores. O estresse é entendido como resposta ou conjunto de respostas e reações do organismo decorrentes da iminente adaptação a um novo ambiente, contexto ou realidade que ameaça seu bem-estar (Kaplan, 1995; Ulrich, 1983).

A redução psicológica do estresse, é também conhecida como recuperação psicofisiológica ao estresse (psychophysiological stress recovery), cuja teoria foi desenvolvida por Ulrich (1983) a partir da chamada Teoria Psicoevolucionista. O conceito de Ambientes Restauradores está associado, com a redução de fadiga mental e estresse diante de características ambientais que proporcionam bem-estar aos usuários (Ulrich, 1983).

Assim sendo, a importância social desta pesquisa apoia-se no pressuposto de que a arquitetura pós-desastre bem-sucedida não deve atender apenas à necessidade de abrigo imediato, devendo incorporar também soluções com foco no bem-estar dos desabrigados, para reduzir o estresse, aliviar o sofrimento, e permitir um rápido retorno à normalidade (resiliência).

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Caracterizar os atributos ambientais que contribuem para o bem-estar em abrigos emergenciais e habitações temporárias pós-desastre, a fim de orientar recomendações projetuais baseadas nos princípios da Percepção Ambiental.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar características arquitetônicas e espaciais de abrigos e habitações temporárias para vítimas de desastre;
2. Analisar atributos ambientais em diferentes tipos de Abrigos e habitações temporárias em várias localidades do mundo;

3. Investigar a percepção e as expectativas das vítimas de desastre sobre os abrigos e habitações temporárias; e
4. Identificar os fatores ambientais que influenciam a qualidade de vida e a adaptação dos usuários em abrigos emergenciais e habitações temporárias.

1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo compreende a introdução, na qual são apresentados os fundamentos da pesquisa, incluindo sua justificativa, objetivos gerais e específicos, delineamento metodológico e considerações éticas pertinentes ao estudo.

O segundo capítulo desenvolve a revisão de literatura e fundamentação teórica, estabelecendo os conceitos basilares através de definições terminológicas e análise integrativa de produções científicas. Nesta seção, examina-se o panorama global e nacional de desastres naturais, além de abordar teorias sobre ambientes restauradores, fatores determinantes da qualidade ambiental e elementos estressores. Complementarmente, aborda-se os impactos psicológicos decorrentes de situações de desastre.

O terceiro capítulo consiste em um estudo de referência que analisa cinco casos de Acampamentos Temporários Planejados (ATPs), localizados na plataforma *Infrashelter* do grupo Virtuhab.

No quarto capítulo, detalha-se a metodologia empregada, com a caracterização da pesquisa, descrição dos procedimentos, estratégias de organização e análise de dados, perfil dos participantes, processos de recrutamento, critérios de exclusão e composição amostral.

O quinto capítulo apresenta os resultados e discussões, contextualizando e interpretando os dados obtidos através das técnicas de pesquisa aplicadas, estabelecendo relações com o referencial teórico e propondo recomendações projetuais para habitações temporárias.

Por último, as considerações finais do estudo, destacando desafios encontrados, limitações metodológicas, sugestões para pesquisas futuras e o alcance das contribuições acadêmicas e práticas proporcionadas pelo trabalho.

1.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Os participantes foram convidados previamente para participar das entrevistas e técnicas aplicadas, e todos estavam cientes do Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), concordando em participar de forma voluntária, anônima e confidencial.

Esta pesquisa foi registrada e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 79748324.00000.0121.

2. METODOLOGIA

Neste Capítulo caracteriza-se a pesquisa, mostrando as fases e as etapas do processo metodológico. Também são apresentados os instrumentos e técnicas e os procedimentos de coleta de dados, bem como o recrutamento dos participantes.

As pesquisas que abordam experiências que podem ser traumáticas são por si só intrusivas, sendo necessário um cuidado apurado nesse sentido. É preferível, assim, a realização de um método que se aproxime do mundo do participante, compreendendo os fenômenos através dos olhos de cada indivíduo, de maneira gradativa a fim de evitar uma sensação de intrusão (Krum e Bandeira, 2008).

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma abordagem qualitativa, cujo caráter corresponde ao explicativo, já que se propõe a explicar a relação entre dois fenômenos (atributos ambientais e bem-estar).

A abordagem qualitativa foi escolhida devido ao intuito de estudar a natureza dos dados e informações produzidas para compreender as relações pessoa-ambiente envolvidas nos fenômenos supracitados. Segundo Karnopp *et al.*, (2016), a pesquisa qualitativa contribui com aperfeiçoamento de habilidades dos profissionais de arquitetura e urbanismo para condução de situações que exigem competência para conhecer e atender a demanda complexa de componentes humanos repletos de subjetividades.

O corte transversal se justifica em decorrência de os dados terem sido levantados uma única vez com cada participante, em um determinado período de tempo.

Quanto à natureza, classifica-se como uma pesquisa aplicada, pois tem o objetivo de gerar conhecimento para aplicações práticas dirigidas à solução de problemas específicos (Gil 2008).

Trata-se de uma pesquisa de campo, que adota métodos de levantamento, já que busca coletar dados diretamente com as pessoas e no contexto que se deseja explorar (Sampieri *et al.*, 2006).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

2.2.1 Recrutamento

Foram realizadas visitas às habitações temporárias entregues às vítimas das enchentes de 2024 nos municípios de Cruzeiro do Sul/RS e Estrela/RS. Na mesma ocasião, foi estabelecido o primeiro contato com os voluntários, aos quais foram apresentados a pesquisa, seus objetivos e procedimentos. Posteriormente, foi agendada uma reunião presencial para a leitura e, caso aceite, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dando início à entrevista.

Também foi realizado contato telefônico com o cacique presidente *Xokleng* para conceder uma entrevista sobre as enchentes e a organização dos abrigos em José Boiteux/SC. Além disso, entramos em contato com um imigrante haitiano que veio para o Brasil e ficou alojado em abrigo no Acre.

2.2.2 Critérios de Exclusão e Inclusão

Para participar da pesquisa o entrevistado deve possuir idade igual ou superior a 18 anos; compreender os aspectos da pesquisa e consentir por escrito através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A); ter se abrigado ou estar abrigado em um ATP ou Abrigo Emergencial para vítimas de desastres.

2.2.3 Local de Estudo

As entrevistas e técnicas foram aplicadas em cinco grupos de diferentes locais, contextos e experiências.

O local de estudo dos grupos 01, 02 e 03, bem como a visita guiada, compreendeu as habitações temporárias entregue às vítimas da enchentes de 2024 nos municípios de Estrela/RS e Cruzeiro do Sul/RS, situados a aproximadamente 120 km de Porto Alegre, capital do estado, na região da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas. No município de Estrela, as unidades habitacionais encontram-se distribuídas em dois terrenos: 59 módulos localizados no bairro Novo Paraíso e 27 no bairro Imigrantes. Já em Cruzeiro do Sul, foram instaladas 28 unidades no bairro

São Gabriel, em área adjacente ao Esporte Clube Salão XV de Novembro, espaço que havia sido utilizado inicialmente como abrigo provisório.

Os participantes indígenas do Grupo 04 pertencem ao povo Laklãnõ/Xokleng, localizado no sul do Brasil, especificamente no noroeste de Santa Catarina, na região do Alto Vale do Itajaí. Trata-se da única etnia indígena presente nessa área, cuja Terra Indígena limita-se com os municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meireles e Itaiópolis. O território encontra-se organizado em oito aldeias: Sede, Bugio, Figueira, Toldo, Coqueiro, Palmeira, Pavão e Plipatol. Em períodos de enchentes, o represamento das águas a montante da barragem provoca alagamentos que afetam diretamente a comunidade indígena, ocasionando o isolamento de algumas dessas aldeias.

O Grupo 05 é composto por um participante haitiano que migrou para o Brasil após o terremoto catastrófico ocorrido em seu país de origem. Ao chegar, permaneceu por aproximadamente um mês em um abrigo improvisado instalado em um ginásio no Estado do Acre. Segundo estimativas do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, cerca de três milhões de pessoas foram afetadas pelo sismo de 2010. Já o Ministro do Interior do Haiti afirmou que o desastre resultou em um número de vítimas fatais entre 100.000 e 200.000 pessoas.

2.2.4 Amostra

Segundo Thiollent (1947) a posição da representatividade qualitativa consiste na valorização dos critérios qualitativos. Mesmo em pesquisa convencional, ao planejarem amostras de pessoas a serem entrevistadas com alguma profundidade, os pesquisadores costumam recorrer às chamadas "amostras intencionais". Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto. (Thiollent, 1947).

As entrevistas, o questionário e as técnicas (Poema dos Desejos e Fotografia como Modelo) foram conduzidas e aplicadas com cinco grupos de voluntários que estão ou estiveram alojados em abrigos ou habitações pós-desastre, além de uma assistente social. A composição dos grupos foi a seguinte:

- Grupo 01: Composto por 04 desabrigados alojados em habitações temporárias localizadas no Bairro Imigrantes em Estrela/RS.

- Grupo 02: Composto por 02 desabrigados alojados em habitações temporárias localizadas no Bairro Novo Paraíso em Estrela/RS.
- Grupo 03: Constituído por 05 desabrigados alojados em habitações temporárias e uma assistente social no Município de Cruzeiro do Sul/RS.
- Grupo 04: Formado por 02 indígenas afetados pelas inundações decorrentes do fechamento da Barragem de José Boiteux/SC em 2023.
- Grupo 05: Representado por 01 haitiano que migrou para o Brasil em decorrência dos terremotos que assolaram seu país de origem em 2013.

Os Grupos 01, 02 e 03, bem como a assistente social, foram entrevistados nos dias 13 e 14 de novembro de 2024, nas habitações temporárias destinadas às vítimas das enchentes ocorridas em maio de 2024 no estado do Rio Grande do Sul.

O Grupo 04 foi entrevistado no dia 28/01/2025 na Casa Indígena localizada no município de São José/SC.

O Grupo 05 concedeu a entrevista no mês de agosto de 2024 na sua residência localizada no bairro Sambaqui em Florianópolis/SC.

2.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Através da interdisciplinaridade, buscou-se intercalar técnicas e métodos da psicologia e da arquitetura. A utilização de diferentes métodos para coleta dos dados possibilita descrever a interação entre pessoa e ambiente, de modo a obter uma perspectiva ampla do fenômeno a ser pesquisado (Günther, *et al.*, 2004).

Os métodos que investigam os atributos das pessoas em função do ambiente chamam-se centrados na pessoa, os métodos que buscam levantar as características do ambiente em função das pessoas denominam-se centrados no ambiente, e os métodos que buscam uma interlocução e relação entre pessoa-ambiente, observando esse processo como transacionalista, são chamados de centrados na transação entre pessoa e ambiente. Centrar na transação pessoa-ambiente corresponde a interação que um implica no outro e vice-versa, isto é, uma mútua influência que está sendo investigada simultaneamente (Pinheiro *et al.*, 2008).

Para cumprir os objetivos específicos, foram elencados os procedimentos que serão descritos a seguir:

2.3.1 Procedimento 01: Revisão de Literatura

Teve por objetivo encontrar atributos ambientais que promovem bem-estar em abrigos e habitações temporárias. A consulta foi realizada no dia 28 de maio de 2024, e resultou em 33 artigos, sendo que o número exato de publicações que retornaram por cada base de dados foi: 4 artigos da *Scopus*®, 29 artigos da *Web of Science*® e 0 artigos do Portal de periódicos. Para direcionar os resultados à área de concentração de interesse, foram utilizadas as seguintes sequências de palavras para busca: 1) “*Temporary Housing*” AND “*environmental psychology*” AND “*disaster victims*” OR “*emergency shelter*” AND “*emotional comfort for disaster victims*”. Considerando a pouca produção da temática, não foi utilizado nenhum tipo de filtro nas buscas.

Dos artigos encontrados, foram descartados os trabalhos cujos títulos e resumos não apresentavam similaridade com o tema de interesse. Além disso, foram removidas da análise as pesquisas sem enfoque ou menção sobre “Bem-Estar em Habitações Temporárias”. Desta forma, dos 33 estudos encontrados, apenas 6 artigos foram selecionados para leitura.

2.3.2 Procedimento 02: Estudos de Referência

Foram selecionados 5 exemplos de ATPs de diferentes localidades no mundo, localizados nos casos de desastres catalogados na Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023), que fazem parte dos principais eventos ocorridos nos últimos quinze anos, sejam desastres ou conflitos. Com o objetivo de conhecer as diferentes soluções adotadas e suas potencialidades ou limitações em promover o bem-estar.

Análise comparativa de diferentes estratégias de tipologias, materiais, layouts e condições ambientais presentes em ATPs em contextos de desastres e conflitos ao redor do mundo.

2.3.3 Procedimento 03: Levantamento de Campo

1) Visita Guiada e Avaliação de Sustentabilidade : A visita guiada é uma metodologia qualitativa que consiste na inspeção visual detalhada de um ambiente, geralmente acompanhada de observação participante (o pesquisador se torna um participante do cenário, interagindo e se envolvendo com as pessoas e atividades locais) ou sistemática (envolve um plano pré-definido para a observação, incluindo categorias de análise, métodos de coleta de dados e critérios de registro), para coletar informações sobre as condições físicas, ambientais e de uso do espaço.

Esta técnica foi utilizada para mapear as condições ambientais reais, avaliar aspectos como o conforto térmico, a qualidade do ar, iluminação natural, privacidade, acessibilidade, uso do espaço e materiais utilizados, que influenciam o bem-estar dos moradores. Perceber, na prática, quais atributos do ambiente contribuem positivamente ou negativamente para o conforto e a saúde emocional dos usuários. Verificar a adaptação ao contexto local: Observar como o projeto ou a implementação das habitações se ajustam às condições climáticas, culturais e sociais locais.

2) Questionário Sociodemográfico: (Apêndice B - junto com as entrevistas)
Os cinco grupos de participantes responderam ao questionário que foi utilizado com vistas a caracterizar e identificar os participantes da pesquisa, irá contribuir para compreender o contexto social e demográfico em que o entrevistado se insere. Investigar o perfil dos entrevistados é importante para compreender de que forma os sentimentos e sensações dos atributos ambientais estão relacionados com o gênero, cultura, idade, condição social, econômica e familiar dos participantes.

3) Entrevistas: A aplicação das entrevistas foi conduzida com os cinco grupos de voluntários que estavam ou já estiveram abrigados em habitações pós-desastre, e com um assistente social. Optou-se pela modalidade de entrevista semiestruturada (Apêndice B), pois ela permite ao entrevistado discorrer sobre o tema sem prender-se à indagação formulada e possibilita que o pesquisador reformule a indagação ou complemente-a (Minayo, 2010).

4) Poema dos Desejos: Traduzido ao português do nome original *Wish Poem*, consiste em um instrumento de coleta de dados e investigação que instiga o participante a descrever verbalmente em forma de palavras, frases, versos, poemas ou por meio de desenhos as suas pretensões sobre determinado ambiente (Machado *et al.*, 2016). Foi aplicado nos cinco grupos de voluntários com objetivo de identificar o imaginário coletivo em relação às Habitações Temporárias, contribuindo com a construção do que seria a imagem ideal do ambiente para o bem-estar. Esse instrumento permitirá mensurar informações relevantes sobre as Habitações Temporárias e compreender as expectativas dos usuários. Será apresentado ao participante em formato de ficha (Apêndice B), onde há um campo destinado à sua expressão livre, contendo a frase “eu gostaria que o abrigo ou a habitação temporária fosse ou tivesse...”. Percebe-se que o instrumento possui um questionamento que permite respostas amplas, que podem abranger tanto aspectos físicos e psicológicos, quanto questões de interações sociais. Como visto, é um instrumento simples, mas que permite mensurar sentimentos e desejos (Machado *et al.*, 2016).

5) Técnica da Fotografia como modelo: Foi aplicada nos cinco grupos de participantes com o propósito de garantir um conjunto variado e representativo de exemplos de abrigos e habitações temporárias, a fim de suscitar percepções e sensações entre os participantes, permitindo identificar atributos ambientais associados ao bem-estar ou ao estresse. As imagens utilizadas na técnica da fotografia foram coletadas em diferentes bases disponíveis na internet, tais como revistas de arquitetura, reportagens jornalísticas e acervos digitais de instituições que documentam situações de pós-desastre. A seleção foi realizada com base em critérios previamente definidos: uniformização do tamanho das imagens e diversidade de materiais construtivos, formas arquitetônicas, modos de implantação, tipos de aberturas (janelas) e configurações espaciais, conforme podemos observar nas figuras abaixo.

Figura 02 - Tipos de Materiais



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 03 - Tipos de Forma



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 04 - Tipos de Implantação



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 05 - Tipos de Ventilação/Iluminação



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 06 - Tipos de Layout



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 07 - Tipos de Dormitórios



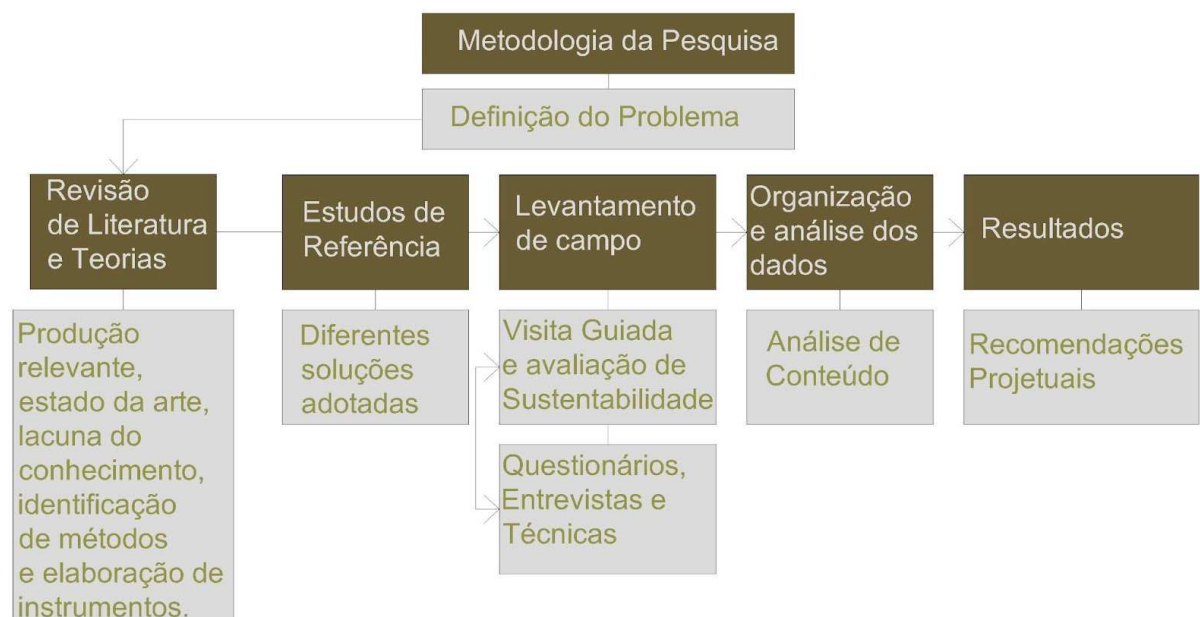
Quadro 01 - Objetivos e Métodos

Objetivo Específico	Métodos Utilizados
1. Identificar características arquitetônicas e espaciais dos abrigos e das habitações temporárias para vítimas de desastre	- Revisão de Literatura - Estudos de Referência (análise comparativa de tipologias, materiais, layouts) - Visita Guiada e Avaliação de Sustentabilidade (observação do ambiente físico) - Técnica da Fotografia como Modelo (análise de imagens de habitações temporárias)

2. Analisar atributos ambientais em diferentes tipos de Abrigos e Habitações Temporárias em várias localidades do mundo	- Estudos de Referência (comparação de estratégias em diferentes contextos) - Visita Guiada e Avaliação de Sustentabilidade (avaliação de conforto térmico, iluminação, acessibilidade etc.) - Técnica da Fotografia como Modelo (percepções sobre diferentes configurações ambientais)
3. Investigar a percepção e as expectativas das vítimas de desastre sobre Abrigo e Habitação Temporária	- Questionário Sociodemográfico (perfil dos entrevistados) - Entrevistas Semiestruturadas (relatos detalhados sobre vivências) - Poema dos Desejos (expectativas e desejos dos usuários) - Técnica da Fotografia como Modelo (sensações despertadas por diferentes ambientes)
4. Caracterizar os elementos potenciais de bem-estar para habitações temporárias	- Visita Guiada e Avaliação de Sustentabilidade (identificação de atributos que influenciam o bem-estar) - Poema dos Desejos (idealizações dos usuários) - Técnica da Fotografia como Modelo (elementos que geram conforto ou estresse)

Fonte - Elaborado pela autora (2025)

Figura 08 - Síntese Metodológica



Fonte - Elaborado pela autora (2025)

2.3.4 Organização e Análise dos dados

Na escolha do método de análise de conteúdo foi definido como critério principal o delineamento da pesquisa. Convém destacar a necessidade de uma organização lógica para as etapas, sendo assim utilizaremos as etapas indicadas por Bardin (2016), a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação.

Para Bardin (2016), na primeira etapa as ideias iniciais são sistematizadas, sendo necessário ler cada material e formar hipóteses e compreender qual os objetivos que deseja alcançar.

A segunda etapa, de acordo com Bardin (2011), é a exploração do material. Nesta etapa será transformado dados como textos, áudios e imagens para unidades de análises, sendo elas codificadas por palavras ou frases que sejam relevantes para a pesquisa. Após a codificação das palavras, serão classificadas, através de critérios previamente definidos. Nesta etapa, deve-se fazer uma leitura cuidadosa da entrevista, sublinhando e categorizando informações. É necessário resumir e anotar informações relevantes.

Desta forma, as 15 entrevistas foram gravadas e transcritas (Apêndice C), após foram organizadas notas de campo, e preparado os dados para análise. Foram identificados padrões, temas e ideias repetidas. Também foram utilizados sistema de códigos para categorizar os dados de forma sistemática.

A elaboração de relatórios e conclusões foi feita com o auxílio da IA Deepseek (2025) que interpretou os resultados da análise com base nas evidências encontradas.

3 REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção é apresentado um panorama sobre desastres naturais e emergências humanitárias complexas, com enfoque nos principais eventos ocorridos no Brasil e no mundo, em especial na área indígena de José Boiteux/SC.

É apresentada a revisão de literatura com o objetivo de mapear o cenário nacional e internacional sobre o tema.

Por fim, são apresentadas as teorias dos Ambientes Restauradores, fatores que contribuem para qualidade ambiental e fatores geradores de estresse.

3.1 OS DESASTRES E AS EMERGÊNCIAS HUMANITÁRIAS COMPLEXAS

3.1.1 Os desastres naturais e os principais eventos no Brasil e no Mundo

Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2020), os desastres são conceituados como resultado de eventos adversos que causam grandes impactos na sociedade, sendo distinguidos principalmente em função de sua origem, isto é, da natureza do fenômeno que desencadeia, podendo ser Natural ou Tecnológico. De acordo com INPE (2020), os desastres naturais são determinados a partir da relação entre o homem e a natureza. Além da intensidade dos fenômenos naturais, o acelerado processo de urbanização verificado nas últimas décadas, em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, levou ao crescimento das cidades, muitas vezes em áreas impróprias à ocupação, aumentando as situações de perigo e de risco a desastres naturais.

Além disso, os desastres também podem ser ocasionados por emergências humanitárias complexas, que segundo o ACNUR (2020), podem ser definidas como crises humanitárias multifacetadas em um país, região ou sociedade, marcada por uma divisão total ou considerável de autoridade e que requer uma resposta internacional multissetorial que vai além do mandato ou da capacidade de uma só agência e / ou programa nacional das Nações Unidas em curso. De acordo com Sphere (2017), a crise pode ter sido causada por atividade humana (conflito ou agitação civil) e / ou por fatores naturais (secas, inundações etc.).

A exposição não ocorre de forma igual em todos os lugares e para todas as pessoas, sendo diferenciada principalmente pelas condições de vulnerabilidade, que

podem resultar tanto em maior efeito do desastre sobre uma comunidade ou sociedade, como limitar as capacidades de redução dos riscos e resiliência perante os mesmos. Muitas vezes as emergências e emergências humanitárias complexas ocasionam o deslocamento forçado em massa de pessoas. Segundo a Sphere (2017), as populações deslocadas podem ser pessoas refugiadas, requerentes de asilo, pessoas deslocadas internamente (PDI), refugiados retornados, PDI retornadas e outras, como migrantes.

Dentre os principais fatores que contribuem para desencadear os desastres nas áreas urbanas destacam-se a impermeabilização do solo, o adensamento das construções, a conservação de calor e a poluição do ar. Enquanto que nas áreas rurais destaca-se a compactação dos solos, o assoreamento dos rios, os desmatamentos e as queimadas (Brighenti e Pansera, 2021).

Nos últimos cem anos, as mudanças populacionais atraíram pessoas para centros urbanos que se encontram em regiões propensas a forças naturais devastadoras. Consequentemente, os danos materiais e vidas perdidas em desastres dispararam, afirma Comerio (1998). Ela diz que a principal causa dos aumentos nos custos dos danos tem sido a perda de habitação, que constitui o maior componente individual de todas as perdas em um desastre urbano.

Nos Estados Unidos, um dos maiores desastres naturais da história foi o furacão Katrina (Figura 09) que atingiu a costa do Golfo do Mississippi em 2005 como uma tempestade de categoria 3 (na escala de furacões Saffir-Simpson) . A tempestade se estendeu por cerca de 645 km e teve ventos sustentados de 160 a 225 km por hora (Feireiss, 2009).

Figura 09 - *New Orleans* - Passagem do Furacão Katrina.



Fonte - *BBC News Brasil*, Córrea(2024).

Estima-se que ocorreram 53 rompimentos nos diques, inundando mais de 80% da cidade. Aproximadamente 1.836 mortes foram atribuídas diretamente à tempestade. Os danos materiais ultrapassaram os 150 milhões de dólares e partes da costa do Golfo do Mississippi desapareceram. Mais de 1 milhão de pessoas da Louisiana, Mississippi e Alabama fugiram da tempestade, com o Censo dos EUA estimando uma diminuição de quase 50% na população de Nova Orleans entre 2000 e 2006, o ano seguinte ao furacão (Feireiss, 2009).

No Brasil, também tem ocorrido desastres naturais de grande impacto e que têm se intensificado nos últimos anos, como as chuvas na região serrana do Rio de Janeiro (2011), a crise hídrica no Estado de São Paulo (2014–2015), a intensificação das secas na região Nordeste do país e a passagem cada vez mais frequente de tornados na região Sul. Um dos recentes acontecimentos registrados foi no Estado do Rio Grande do Sul, principalmente na região da capital deste estado, e teve muita semelhança ao do ano de 1941. De acordo com dados oficiais (ANA - Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico, 2024) o rio Guaíba, principal componente hídrico da região metropolitana de Porto Alegre e um dos principais do Rio grande do Sul, atingiu níveis superiores à 5m em cinco de maio de 2024, contra exatos 4,76m em oito de maio de 1941, vale ressaltar que a

atual enchente tomou proporções catastróficas com apenas seis dias de chuva se equiparada aos vinte dois dias na década de quarenta.

Nos últimos anos, o Rio Grande do Sul tem enfrentado uma série de eventos climáticos extremos que têm desencadeado inúmeros desastres, impactando significativamente a economia, a sociedade e o meio ambiente. De acordo com o Relatório Técnico do Governo do RS elaborado por Pessoa *et al.*, (2025), no final de abril e ao longo de maio de 2024, o Estado enfrentou o maior desastre de sua história, resultado de chuvas intensas e concentradas em poucos dias, que atingiram volumes históricos de precipitação. Esses eventos provocaram inundações, alagamentos, enxurradas e deslizamentos em 478 dos 497 municípios, deixando cerca de 200 pessoas mortas, além de milhares de desabrigados e desalojados.

Figura 10 - Enchente em Canoas/RS



Fonte - BBC News Brasil, Guimarães (2024).

No Estado de Santa Catarina, o relevo, a altitude, a continentalidade e a maritimidade são os fatores que apresentam maior interação com os sistemas atmosféricos tornando-os instáveis. A influência desses fatores determina variações climáticas locais (Monteiro, 2001). As adversidades atmosféricas que frequentemente ocorrem no Estado são caracterizadas pelos elevados totais pluviométricos, pelos prolongados meses de estiagens e pelas tempestades severas, que frequentemente geram vendavais, granizos, tornados e marés de

tempestades, as baixas temperaturas ocasionam geadas e ocasionalmente precipitação de neve (Hermann, 2001).

No período de 1980 a 2000 foram computados um total de 2.881 desastres naturais em Santa Catarina, uma frequência de 120 casos por ano. Destes episódios, 1.299 foram associados a inundação gradual, o que representa 45% do total, seguida pela inundação brusca e vendaval com 19% e 17% respectivamente (Hermann, 2001).

Segundo Hermann (2001) a inundação gradual é um dos tipos de desastre natural que mais ocorre em todo o Estado de Santa Catarina, causando sérios impactos socioeconômicos. A frequência de eventos mais severos está diretamente associada aos anos de El Niño, que atua com mais intensidade no inverno na Região Sul do Brasil, provocando episódios pluviais intensos. Os municípios mais atingidos pelas inundações estão localizados nas planícies costeiras e/ou nas bacias hidrográficas dos grandes rios catarinenses. Dentre as principais bacias de drenagem destaca-se a do Rio Itajaí-Açú, onde frequentemente ocorrem inundações que deixam milhares de desabrigados, dezenas de mortos e causam significativos prejuízos aos municípios afetados (Hermann 2001).

Uma das maiores catástrofes ocorridas foi no Vale do Itajaí em 2008, resultando em perdas econômicas e sociais significativas devido às chuvas intensas, enchentes e múltiplos deslizamentos, conforme mostra a Figura 11, que resultaram em 135 mortos e milhares de pessoas afetadas em 60 cidades (Tominaga, Santoro e Amaral, 2009).

Figura 11 - Deslizamento no Vale do Itajaí



Fonte - Nsctotal, Laurindo, 2024.

Segundo Costa *et al.*, (2024), durante as catástrofes ocorridas no Vale do Itajaí em Santa Catarina, desde 2008, uma das maiores dificuldades enfrentadas pela Defesa Civil foi a alocação adequada dos desabrigados em abrigos temporários e acampamentos, devido à grande quantidade de pessoas afetadas e à falta de infraestrutura adequada. Muitas vezes são improvisados abrigos em locais que não oferecem condições sanitárias mínimas, aumentando o risco de doenças e outras complicações de saúde para os desabrigados. Além disso, a falta de recursos e a dificuldade de acesso a algumas áreas também foram fatores que dificultaram a montagem de acampamentos e alojamentos adequados.

No entanto, é importante ressaltar que tem um grupo específico de pessoas que são frequentemente afetadas devido à sua localização em áreas vulneráveis, como encostas de morros, margens de rios, zonas costeiras e regiões com florestas densas, que estão propensas a deslizamentos de terra, inundações, ciclones e outros eventos climáticos extremos, são as populações tradicionais.

3.1.2 Área Indígena em José Boiteux / SC

Tradicionalmente habitada por indígenas *Laklãnõ-Xokleng*, *kaingang* e *Guarani*, a região começou a ser explorada em 1920 por descendentes de alemães que foram trazidos da região de Rio do Sul. Ignorando as comunidades originárias que ali residiam há séculos, o Estado ao organizar e impor estes novos assentamentos acabou gerando conflitos pelas terras dos indígenas, os quais por estarem política e economicamente em desvantagem acabaram perdendo seu território e sendo isolados a força em reservas indígenas afastadas. Por este e outros fatores, em 1926 foi criada a área indígena *Ibirama-Laklãnõ*, que abrange atualmente parte do território municipal e abriga a maior barragem de contenção de cheias de Santa Catarina que tem impacto direto no nível do Rio Itajaí-Açu na região de Blumenau. Estima-se dois metros a menos de água se o fechamento das comportas ocorrer. Apesar da relevância, a estrutura é alvo de um impasse histórico entre o governo e indígenas.

Figura 12 - Mapa de localização José Boiteux



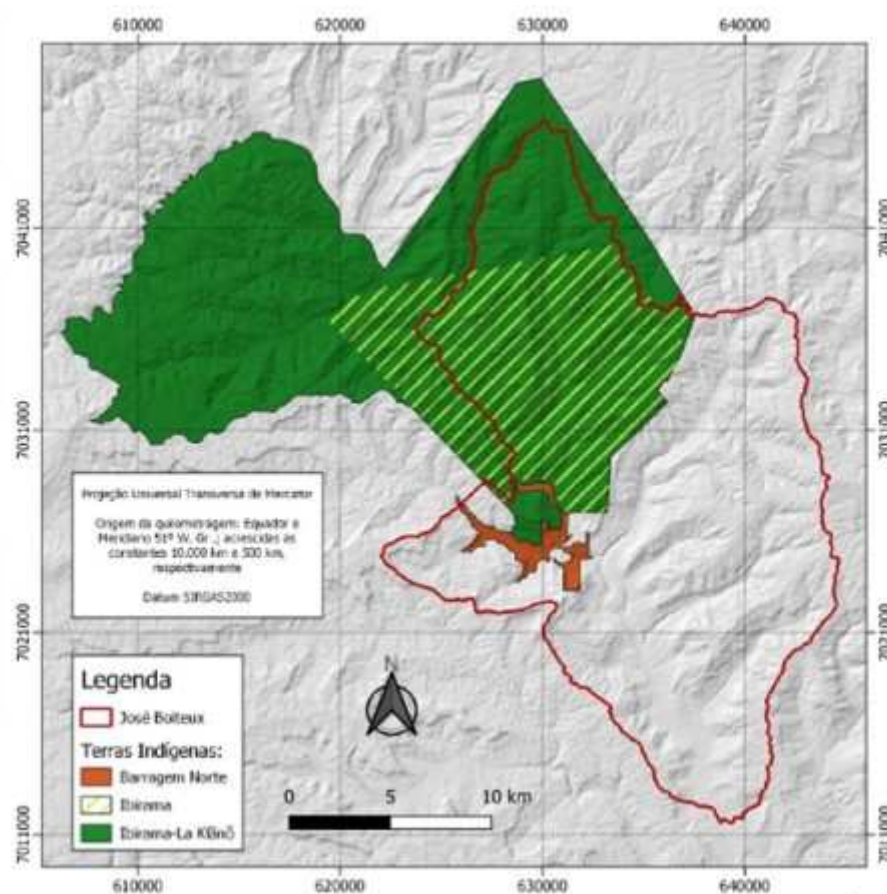
Fonte - Wikipedia (2022)

De acordo com o Relatório do Levantamento Cadastral (Defesa Civil, 2019) “o maciço da barragem foi erguido, a partir de 1972”, logo a jusante da confluência

do rio Dollmann com o rio Itajaí do Norte e próximo dos limites da Terra Indígena *Xokleng/Laklãnõ* (Terras Indígenas no Brasil, 2023).

A Barragem Norte, que faz parte de um conjunto de 3 barragens para contenção das cheias no Alto Vale do Itajaí, é uma estrutura imponente de enrocamento com núcleo de argila, alterou significativamente a paisagem e a dinâmica ambiental da região. Com uma altura máxima de 60 metros e capacidade para armazenar mais de 357 milhões de metros cúbicos de água, sua construção afetou diretamente as terras de várzea antes habitadas pelos povos indígenas mencionados (Defesa Civil, 2019). No período de enchentes, o alagamento a montante da barragem atinge aldeias da comunidade indígena deixando algumas aldeias isoladas.

Figura 13 - Localização da Área Indígena e Barragem em José Boiteux/SC



Fonte – Prefeitura de José Boiteux, (2023).

Segundo Costa *et al.*, (2024), os indígenas relatam que ao longo da história casas, escolas e plantações se perderam por causa da barragem. Citam, inclusive,

mortes em decorrência das inundações conforme mostra a Figura 14. Desde então, cobram indenização por causa dos danos provocados pela construção. A Justiça Federal chegou a determinar, em 2003, uma série de ações para reparar os prejuízos, mas as demandas nunca foram cumpridas.

Figura 14 - Enchente na Área Indígena de José Boiteux



Fonte – Prefeitura de José Boiteux, 2023.

A ocorrência de desastres naturais representa uma ameaça constante para comunidades tradicionais, expondo-as a riscos significativos de perda de vidas, danos materiais e interrupção de suas atividades cotidianas (Nogueira, 2002).

Em decorrência das precipitações pluviais intensas do ano de 2023, a barragem Norte, pela primeira vez, apresentou extravasamento, desencadeando perturbações significativas tanto nas estruturas habitacionais quanto nos acessos viários circundantes à comunidade.

3.1.3 Aspectos Psicológicos dos Desastres

Atualmente, entre os mais comuns tipos de trauma estão os desastres, entendidos como eventos ambientais estressantes que ocorrem em larga escala e que afetam adversamente um significativo número de pessoas (Briere e Elliot, 2000). É um evento súbito que tem o poder de aterrorizar ou gerar perdas substanciais de

muitos indivíduos simultaneamente (Norris, 2002). São episódios desorganizadores e com grande potencial de adoecimento físico e psíquico, em que ficam suscetíveis às pessoas atingidas direta ou indiretamente.

No Guia prático de saúde mental em situações de desastre (Rodríguez, 2009) consta que, durante uma situação de desastre, na maioria das vezes, o sujeito se depara de forma abrupta com a realidade. Nesse momento, o sistema nervoso se altera e pode afetar as respostas imunológicas, podendo experimentar sensações emocionais intensas que podem ir do medo paralisante à agitação desordenada, da dor extrema à ausência de dor. Após a situação de desastre, pode continuar sentindo forte medo e ansiedade, que vão dando espaço para sensações de tristeza e irritabilidade. Podem, ainda, surgir sintomas psicossomáticos como dores e agravos em geral.

Além disso, a dor pode ser intensificada quando acontecem perdas materiais e pessoais. O sujeito precisa lidar com luto e com uma nova adaptação, a interrupção do processo natural da vida pode ser interpretada de forma distinta entre as pessoas: alguns têm a percepção de que a ameaça faz parte da própria subjetividade e que não encontrarão esforços para lidar com o ocorrido, para outros, essa é uma situação que traz sentimentos de solidão, isolamento social, auto e heteroagressão, entre outras (Beniakar, 2009).

Peek e Mileti (2005) apontam os impactos psicológicos de tais eventos e enfatizam o estresse e o trauma. Em curto prazo há o aumento da prevalência de sintomatologia psiquiátrica: transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão, sintomas somáticos e pesadelos como podemos observar no quadro 02. Além das consequências do próprio desastre, os referidos sintomas são resultado também do processo de evacuação e das perdas financeiras. Peek e Mileti (2005) apontam ainda a existência de grupos de risco de estresse emocional dentro de uma determinada população atingida por eventos de desastres: as crianças, e logo adicionalmente, cujo histórico prévio de marginalização pode exacerbar a sintomatologia pós desastre.

Quadro 02 - Síntese dos Impactos Psicológicos dos Desastres

Escala Temporal	Impactos Psicológicos
Durante o evento	Sensações emocionais intensas, medo, agitação e dor
Dias e meses	Transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão, sintomas somáticos e pesadelos

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

3.1.4 Vulnerabilidade

Vulnerável vem do latim *vulnerabile*, com idêntico sentido de «que, ou por onde, pode ser ferido». Quanto à vulnerabilidade, é a qualidade de vulnerável e provém do mesmo étimo, com o sufixo - idade. Os seus contextos, como é evidente, têm de se relacionar com os significados destes dois termos, por exemplo: «Fulano é muito vulnerável», isto é, pode facilmente ser ferido, tanto física como moralmente (Peixoto da Fonseca, 1992).

Segundo Acsehrad (2006), os Indicadores de Vulnerabilidade Social são: idade; renda; número de moradores por moradia; número de vítimas; linha de pobreza; número de decretos de situação de emergência ou calamidade pública da região; demografia; taxas desemprego; desenvolvimento comunitário, e Infraestrutura e recursos públicos.

De maneira geral o termo induz ao entendimento de condição instável, de exposição a algum risco. Acsehrad (2006) alerta que na maioria das vezes a condição vulnerável é apontada para os sujeitos e não para os processos que os tornam vulneráveis. O autor propõe um modo mais politizado de entender a questão: as pessoas vulneráveis são aquelas vítimas de proteção social desigual. Ou seja, a vulnerabilidade é uma noção relativa - está normalmente associada à exposição aos riscos e designa a maior ou menor susceptibilidade de pessoas, lugares, infra-estruturas ou ecossistemas sofrerem algum tipo particular de agravo.

Desta forma, a vulnerabilidade é uma condição externa à pessoa que a predispõe ao risco e por esta razão estes dois conceitos (vulnerabilidade e risco) estão intimamente ligados, podendo mesmo ser entendidos como um existindo em

função do outro. Por exemplo, dois grupos populacionais podem estar sujeitos ao mesmo perigo, mas não apresentem o mesmo risco por não estarem igualmente em situação de vulnerabilidade (Acselrad, 2006).

A ciência da vulnerabilidade fornece a base empírica para a elaboração de políticas de redução de riscos, através do desenvolvimento de métodos e métricas para analisar a vulnerabilidade social aos riscos ambientais e aos acontecimentos extremos (Cutter, 2012).

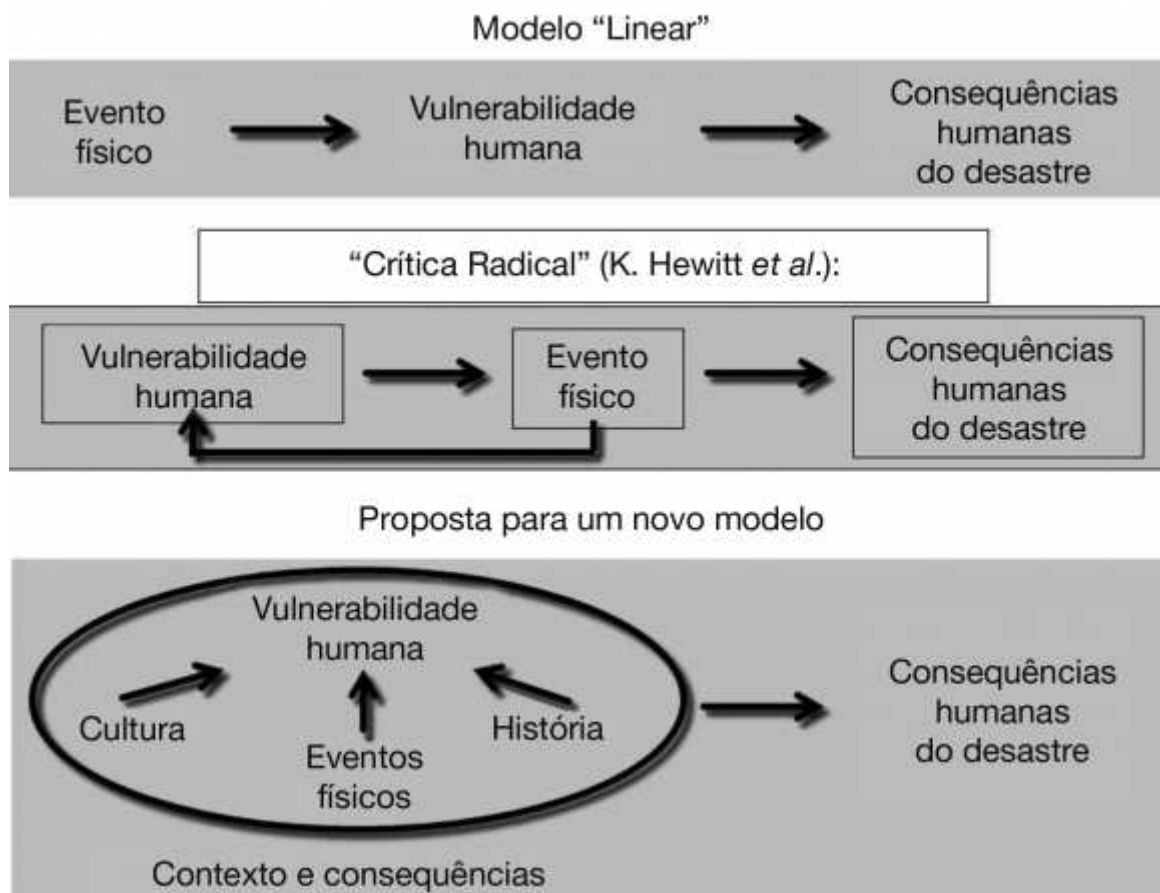
Segundo Hewitt (1983), os primeiros modelos ecológicos de desastre eram de concepção linear. O perigo atuava na vulnerabilidade para produzir desastres. Daí decorria que, uma vez que os perigos estavam no início do processo, eram eles que recebiam a atenção. Isto também estava em linha com o predomínio na altura das ciências físicas em relação às sociais. No período de 1979 a 1983, os investigadores que trabalhavam nos países em desenvolvimento produziram a chamada “crítica radical”, que defendia que a vulnerabilidade tem mais peso do que o perigo na explicação do desastre (Hewitt, 1983). Em resultado de ciclos de retroação, o perigo pode ser encarado como o detonador de processos sociais que geram vulnerabilidade, que é causa determinante do potencial de desastre.

Para Alexander (2011) o conhecimento cada vez maior dos desastres e dos processos sociais envolvidos e a crescente complexidade da vida no início do século XXI sugerem que se deve formular um novo modelo (Figura 14).

Os perigos físicos (sejam naturais ou antropogénicos), assim como os factores culturais e históricos, atuam em conformidade com a vulnerabilidade dos sistemas socioeconómicos humanos.

O plexo do contexto e as consequências destas associações é o que determina a forma, a entidade e a dimensão de qualquer desastre subsequente (Alexander, 2011).

Figura 15 - Possível Evolução dos Modelos de Desastre



Fonte: Alexander (2011)

A imagem apresentada sintetiza a evolução teórica na compreensão dos modelos de desastre, evidenciando uma transição do enfoque linear para uma abordagem mais complexa e contextualizada. O primeiro modelo reduz a análise a uma sequência causal direta entre evento físico, vulnerabilidade humana e consequências, desconsiderando fatores estruturais mais amplos. A crítica radical, por sua vez, inverte a lógica causal ao destacar a vulnerabilidade humana como elemento central e anterior ao evento físico, deslocando o foco da análise para as condições sociais que potencializam os impactos. Por fim, a proposta de um novo modelo amplia o escopo interpretativo ao incluir dimensões históricas e culturais, reconhecendo que os desastres não podem ser compreendidos apenas como fenômenos naturais, mas como processos socialmente construídos. Assim, a evolução dos modelos revela um avanço epistemológico significativo, ao integrar múltiplas dimensões contextuais que contribuem para uma compreensão mais abrangente das causas e consequências dos desastres.

3.1.5 Conceito de Refugiados, Deslocados, Desabrigados e Desalojados

De acordo com o CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados (2019) e a ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2020), os refugiados são pessoas que deixam o seu país de origem ou de residência habitual devido a emergências complexas, relacionadas a fundados temores de perseguição por questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social ou opinião política, como também devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos, e não possam ou não queiram acolher-se na proteção de tal país. Somado a isso, têm os chamados refugiados climáticos, que são pessoas forçadas a fugir através das fronteiras para encontrar refúgio fora de seu país de origem devido a algum evento climático catastrófico.

Por outro lado, os deslocados internos são pessoas deslocadas dentro de seu próprio país. Mesmo tendo sido forçadas a deixar seus lares por razões similares às dos refugiados ou devido a outras emergências como desastres de origem natural ou tecnológica, os deslocados internos permanecem legalmente sob a proteção de seu próprio Estado – mesmo que esse Estado seja a causa de sua fuga. Como cidadãos, eles devem ser protegidos por seus países e têm seus direitos previstos nos tratados internacionais de Direitos Humanos e do Direito Humanitário (ACNUR, 2020).

Quando acontecem casos de desastres e situações de risco que têm impacto em habitações, a Secretaria Nacional de Defesa Civil, ligada ao Ministério da Integração Nacional, divulga os dados de pessoas desalojadas e desabrigadas. A proximidade entre o significado dos dois termos pode confundir. A diferença entre os dois termos de acordo com o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil (SINPDEC, 2012): 1) desalojado é a pessoa que foi obrigada a abandonar temporária ou definitivamente sua habitação, em função de evacuações preventivas, destruição ou avaria grave, decorrentes do desastre, e que, não necessariamente, carece de abrigo provido pelo Sistema; 2) desabrigado é a pessoa cuja habitação foi afetada por dano ou ameaça de dano e que necessita de abrigo provido pelo governo. O Quadro 03 abaixo apresenta uma síntese dos conceitos explicados.

Quadro 03 - Conceito de Refugiados, Deslocados, Desabrigados e Desalojados

TERMO	DEFINIÇÃO
Refugiados	São pessoas que deixam o seu país de origem ou de residência habitual devido a emergências complexas.
Refugiados Climático	São pessoas forçadas a fugir através das fronteiras para encontrar refúgio fora de seu país de origem devido a algum evento climático catastrófico.
Deslocados Internos	Os deslocados internos são pessoas deslocadas dentro de seu próprio país.
Desabrigados	Alguém que não tem abrigo e está exposto às intempéries e que necessita de abrigo provido pelo sistema.
Desalojados	É a pessoa que foi obrigada a abandonar temporária ou definitivamente sua habitação, e que, não necessariamente, carece de abrigo provido pelo Sistema.

Fonte - ACNUR (2020), CONARE (2019) e SINPDEC (2012)

3.2 ATRIBUTOS AMBIENTAIS E A PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR

3.2.1 Ambientes Restauradores

As pesquisas sobre Ambientes Restauradores se expandiram na década de 1980, na área dos Estudos Pessoa-Ambiente (EPA), tornando-se conhecida por investigar os atributos ambientais e suas influências na percepção de bem-estar, nas

sensações de prazer e desprazer, bem como na avaliação das potenciais conexões com o meio (Silveira e Felipe, 2019).

Segundo Gressler *et al.*, (2013), duas linhas de pesquisas, conduzidas separadamente, tiveram grande contribuição para a elaboração do conceito de ambientes restauradores. Uma delas, proposta por Ulrich, está conectada à redução do estresse, é conhecida como Teoria Psicoevolucionista para a restauração psicofisiológica a partir do estresse (Psychoevolutionary Theory, PET – Ulrich, 1984).

A outra linha de pesquisa foi conduzida por Rachel e Stephen Kaplan (R. Kaplan, 1983, 1984; R. Kaplan & Kaplan, 1989; S. Kaplan, 1987, 1995; S. Kaplan & Kaplan, 1982; S. Kaplan & Talbot, 1983) foi apresentado outro conjunto de estudos ligado à restauração da capacidade de atenção, é conhecida como Teoria da Restauração da Atenção (Attention Restoration Theory, ART – Kaplan & Kaplan, 1989).

Segundo Silveira e Felipe (2019), nos estudos sobre ambientes restauradores, o estresse é compreendido como uma resposta psicofisiológica frente a um estímulo estressor: trata-se de uma mobilização ou alteração de recursos pessoais frente a demandas da vida cotidiana (Ulrich *et al.*, 1991). A partir dessa condição, os recursos utilizados pela pessoa precisam ser recuperados, em prol da percepção subjetiva de bem-estar, em seus diferentes níveis: afetivos, cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Assim, o processo seguinte visa à restauração (restoration), isto é, a recuperação ou o restabelecimento dos aspectos psicofisiológicos alterados pelo estresse.

A existência das duas teorias sobre os ambientes restauradores (ART e PET) indica, no entanto, que o processo de restauração não é apenas descrito para a condição de estresse, mas também para a fadiga de atenção, por exemplo, sendo igualmente previsto para quaisquer recursos de alguma forma mobilizados por exigências do dia a dia (Silveira; Felipe, 2019).

Teoria da Recuperação Psicofisiológica ao Estresse

O estresse é um fator psicológico que afeta diretamente o comportamento do indivíduo. Roger Ulrich (1984) propôs a teoria da recuperação psicofisiológica do estresse, ou Teoria Psicoevolucionista, enfatizando, especialmente, a resposta afetiva associada à percepção visual e estética de determinados ambientes. A teoria de recuperação do estresse de Ulrich foi uma das primeiras a analisar em

profundidade a relação entre o humor e os espaços físicos. O que a diferencia das outras é seu esforço por estar em sintonia com a teoria da evolução.

Ao analisar a recuperação de pacientes pós-cirúrgicos com quadro clínico similar em um hospital na Pensilvânia, o autor verificou que duas configurações distintas de leitos fizeram significativa diferença na melhora dos pacientes. Parte dos leitos possuía vista da janela para a natureza, enquanto a outra parte visualizava um típico cenário urbano: parede de tijolos e um prédio vizinho. Diante de tal situação, Ulrich percebeu que aqueles que apreciaram os elementos naturais oportunizados pelo posicionamento das janelas tiveram, em geral, redução no tempo de internação, na quantidade de analgésicos, além de receberem menor quantidade de avaliações negativas pela equipe de saúde. Por outro lado, os pacientes que observaram apenas o cenário “cinza” não acompanharam as significativas melhorias dos demais.

De acordo com Silveira e Felipe (2019), a Teoria Psicoevolucionista supõe que determinadas configurações ambientais podem promover a recuperação dos recursos psicofisiológicos mobilizados durante uma reação de estresse. Segundo Ulrich (1984), a restauração do estresse nada mais é que uma adaptação inata da espécie humana, bem como o estresse.

Uma pessoa imersa em uma situação estressora ou respondendo a uma, necessita estar cercada por elementos ambientais que oportunizem uma percepção de bem-estar (Silveira e Felipe, 2019). Especificamente, na teoria de Ulrich, ele narra tais elementos como configurações de ambientes naturais que oportunizam proteção, controle, movimentação e acesso a água e alimentos (Ulrich *et al.*, 1991). Desse modo, diante de cenários como esse, a pessoa conseguiria facilmente reunir condições que permitiriam a restauração psicológica do estresse.

Ulrich *et al.*, (1991) descobriram também que há estímulos que afetam o sistema parassimpático para que ele seja ativado: vegetação e água. Ainda, segundo Ulrich *et al.* (1991), os espaços confinados, becos sem saída ou saídas difíceis de localizar são potencialmente estressantes. Não geram a sensação de refúgio, mas sim de prisão. Eles não estimulam o sistema parassimpático, mas o simpático. Portanto, eles aumentam o nervosismo em vez de reduzi-lo.

A disposição dos espaços desempenha um papel relevante na formação da sensação de segurança e confiança. De acordo com os fundamentos teóricos sobre ambientes restauradores propostos por Ulrich (1999), os principais atributos físicos incluem: complexidade moderada; presença de um ponto focal; profundidade e

delimitações bem definidas; organização; superfície de piso relativamente uniforme e macia; configuração que transmita a percepção de que os elementos fora do campo de visão serão rapidamente revelados; ausência de perigos; além da presença de água e vegetação.

Segundo Silveira e Felipe (2019) a estrutura central da teoria gira em torno da percepção visual de atributos ambientais favoráveis ao bem-estar, que atua como um primeiro nível de resposta e como um modelador da cognição ambiental que influencia as avaliações da pessoa sobre o ambiente (Ulrich *et al.*, 1991; Van Den Berg e Custers, 2011). O impacto súbito e o surgimento de afetos positivos (como alegria, calma, prazer), bem como de reações estéticas de preferência possuiriam a função de motivar e sustentar o interesse do indivíduo pelo lugar e a apreciação pelo cenário, suprimindo os afetos e os pensamentos negativos, desmobilizando a excitação dos sistemas fisiológicos e permitindo o resguardo de energias úteis à sobrevivência (Ulrich *et al.*, 1991).

Quadro 04 - Síntese dos Atributos Físicos Ambientais Favoráveis ao Bem-estar

ATRIBUTOS RESTAURADORES	AUTOR
Proteção, controle, movimentação e acesso a água e alimentos	Ulrich (1983, 1984 e 1999) Ulrich <i>et al.</i> , (1991)
Moderada complexidade;	
Presença de ponto focal;	
Moderada profundidade e limites claros;	
Ordem;	
Superfície pisoteável relativamente uniforme e suave;	
Configuração que favorecem a sensação de que os elementos ainda fora do campo visual serão prontamente revelados;	
Ausência de ameaças;	
Presença de água e vegetação	

Fonte - Elaborado pela autora (2024).

Restauração da Capacidade de Atenção

As pessoas necessitam constantemente de esforços para não perderem o foco de suas atividades, uma vez que passar várias horas concentrando sua

atenção em algo pode gerar fadiga, resultando na necessidade de descanso para o cérebro, para que este possa retomar sua atenção para as atividades necessárias.

Segundo Kaplan (1995) a fadiga do processo atencional pode dificultar ou ainda impossibilitar a execução de tarefas até mesmo simples. Assim, se um indivíduo se percebe não possuidor da necessária atenção dirigida e, portanto, não possuidor de um importante recurso para lidar com as mais diversas situações cotidianas, tais situações podem passar a representar uma ameaça, desencadeando uma resposta de estresse. Do mesmo modo, o estresse pode levar à fadiga dos recursos mobilizados, entre eles, a atenção dispensada para lidar com o evento estressor (Kaplan, 1995).

Portanto, nesse caso, o estresse pode anteceder a fadiga atencional e ser a sua causa. Outros fatores, a sua vez, suficientemente aversivos e demandantes, podem provocar simultaneamente uma reação de estresse e o comprometimento atencional (Kaplan, 1995).

Kaplan (1995) sugere como fatores que promovem a restauração quatro procedimentos como: fascinação, afastamento, compatibilidade e extensão. Nesse contexto, o primeiro fator, fascinação, promove atenção de forma involuntária, podendo ocorrer em diversos cenários e situações; não necessita de esforço de estímulos, proporcionando descanso e restauração de atenção. Esta pode ocorrer de duas maneiras, a primeira em ambientes naturais, como admirar o pôr do sol, e a segunda pode ocorrer por atenção aguçada, mas que geralmente não necessita ou permite uma reflexão, como assistir um evento esportivo, por exemplo. Ambas são chamadas de fascinações Soft e Hard, respectivamente.

O segundo fator da teoria de Kaplan (1995) é o afastamento, ele está relacionado a estar fora do contexto diário. Com isso, entendemos que para um ambiente tornar-se restaurador, este deve ser capaz de levar o pensamento do indivíduo a outras coisas, distanciando-o psicologicamente do estresse e do caos diário, mesmo que fisicamente este ainda esteja exposto a toda perturbação cotidiana. Desse modo, “o afastamento se aproxima mais do componente de fuga, de escape do que do componente de novidade” (Laumann *et al.*, 2001).

O terceiro fator citado por Kaplan (1995) é a compatibilidade. Esta, por sua vez, está atribuída a junção de finalidades e preferências pessoais que podem afastar-se de um determinado esforço mental, ou seja, esta condição está relacionada à relação homem e meio de forma complementar.

O último fator da teoria de Kaplan (1995) é a extensão. Este conceito está relacionado ao planejamento de um lugar, o qual deve estar voltado para a interação dos indivíduos sem que haja tédio. Assim, um ambiente restaurador deve conter todos os fatores de modo que estes estejam relacionados de forma harmoniosa, e que além disso tenha capacidade de desenvolver o sentimento de pertença.

Conclui-se que a Teoria da Restauração da Atenção e a Teoria Psicoevolucionista diferem na condição antecedente ao processo restaurador, mas também na descrição do modo pelo qual a restauração ocorre, visto que tratam do comprometimento de diferentes recursos pessoais. As duas teorias concordam, entretanto, quanto ao tipo de ambiente mais favorável à restauração. Ambas apontam os ambientes naturais como possuidores de qualidades físicas que favorecem o processo de recuperação (Silveira e Felipe, 2019).

Quadro 05 - Síntese dos Fatores de Restauração da Capacidade de Atenção

FATORES	CONCEITOS
Fascinação	Promove atenção de forma involuntária, podendo ocorrer em diversos cenários e situações;
Afastamento	Levar o pensamento do indivíduo a outras coisas, distanciando-o psicologicamente do estresse e do caos diário;
Compatibilidade	Junção de finalidades e preferências pessoais que podem afastar-se de um determinado esforço mental;
Extensão	Planejamento de um lugar, o qual deve estar voltado para a interação dos indivíduos sem que haja tédio;

Fonte - (Kaplan, 1995)

3.2.2 Fatores que Contribuem para Qualidade Ambiental

Apropriação

Segundo Scannell e Gifford (2010), a apropriação corresponde à conexão entre as pessoas e os lugares que são significativos para elas, subentendendo que há uma carga simbólica e afetiva na relação entre o indivíduo e o ambiente. A apropriação refere-se ainda a sentimentos como apego, identificação e pertencimento ao local, ou ainda a posse em relação a ele.

Para Alves (2005) a apropriação constitui-se em um processo perceptivo, cognitivo, comportamental e experiencial, pois se relaciona ao modo como o indivíduo interage com as informações do ambiente, trata essas informações, comporta-se e o experiencia. Este processo é complexo e subjetivo, mas não depende apenas das características do ambiente, e sim da interface entre o “mundo interno”, influenciado pelos antecedentes do indivíduo – experiências prévias, sentimentos, valores, atitudes etc. – e o “mundo externo” – o ambiente em sua dimensão física, simbólica e cultural (ALVES, 2005).

Conforme Stokols (1992), “O lugar pode, então, ser um meio ou ambiente que dá suporte ou recebe uma variedade de experiências da vida, é central para estas experiências, é inseparável delas. Então o lugar pelo lugar não é o foco último do apego.”

Para Pol (1996), a apropriação tem dois componentes: a ação transformação e a identificação simbólica. Segundo o autor, as pessoas apropriam-se dos ambientes por meio de ações individuais ou coletivas que transformam o meio, assim como o indivíduo, em um processo dinâmico, cíclico e contínuo. Isto é, nesse processo, o usuário modifica o ambiente e é por ele modificado como, por exemplo, alterando a percepção que ele tem de um local ou de si mesmo em função de uma determinada experiência. A ação-transformação deixa marcas, não necessariamente visíveis, que podem corresponder aos significados atribuídos ao ambiente. A identificação do indivíduo com o local, por sua vez, ocorre com a emergência desses significados, ou seja, com o modo como o local corresponde a uma expressão do self, permitindo a ele ter a sensação de pertencimento. Por meio da identificação, a pessoa se reconhece no ambiente, percebe nele aspectos de sua própria identidade (Pol, 1996).

Então, a apropriação está ligada à vivência do local, pela realização de ações (dormir, brincar, habitar etc.) e pela atribuição de significados, e à identificação com ele, pelo modo como o ambiente responde aos anseios dos usuários e reflete sua identidade, passa por utilizar o lugar, compreendê-lo e identificar-se com ele.

Quadro 06 - Síntese dos Conceitos de Apropriação

CONCEITOS	AUTORES
corresponde à conexão entre as pessoas e os lugares que são significativos para elas;	Scannell e Gifford (2010)
constitui-se em um processo perceptivo, cognitivo, comportamental e experiencial	Alves, (2005)
O lugar pode, então, ser um meio ou ambiente que dá suporte ou recebe uma variedade de experiências da vida,	Stokols (1992)
A apropriação tem dois componentes: a ação transformação e a identificação simbólica.	Pol (1996)

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

Privacidade

A privacidade é um fator importante para a apropriação dos ambientes e relaciona-se à forma como regulamos o acesso dos outros a nós, criando condições propícias à realização de atividades íntimas ou individuais (Lee, 1977; Gifford, 1987). Trata-se de estabelecer limites entre o “eu” e os “outros”, limites que devem se materializar por meio da Arquitetura. Em condições ideais de privacidade nós determinamos quando, como e com quem vamos interagir.

A privacidade diz respeito à preservação da individualidade, para Gifford (1987, p. 199), a privacidade diz respeito “[...] a dois temas conectados: o controle da informação sobre si mesmo e o controle da interação social”.

O acesso ótimo dos outros a si próprio seria aquele em que não ocorre a subprivacidade – sensação de aglomeração ou de exposição demasiada – nem a superprivacidade – sensação de solidão (Lee, 1977). A privacidade não significa isolamento dos outros, ao contrário, as pessoas com boas condições de privacidade asseguradas costumam estar mais propensas à interação social.

Condições favoráveis de privacidade preservam a identidade, proporcionam alívio emocional e restauração do bem-estar psicológico em analogia a outras fontes de estresse ambiental, como falta de controle sobre o ambiente ou alta complexidade ambiental. Já a falta de privacidade gera impactos negativos sobre o bem-estar, como ansiedade, distração, baixa autoestima, agressividade e depressão (Coelho, 2000; Alves, 2005).

A condição ideal de privacidade não é fixa, variando com o perfil do indivíduo, com o contexto cultural e com as circunstâncias. Há situações onde desejamos a interação social, e a falta de privacidade não nos perturba. Há outras circunstâncias em que gostaríamos de estar só ou de desenvolver atividades mais íntimas e que o convívio forçado com os outros pode ser incômodo.

3.2.3 Fatores Ambientais que Causam Estresse

De acordo com Evans e McCoy (1998) os fatores que causam estresse são de dois tipos: físicos, como iluminação, barulho, poluição e temperatura, e psicológicos, que incluem aglomeração e falta de privacidade. Também se pode experimentar o estresse quando o espaço pessoal é invadido, quando há excesso de aborrecimento ou medo.

A percepção ambiental pode estressar mais ou menos a nossa mente em função do tipo e intensidade dos estímulos visuais. Evans e McCoy (1998) definem “estimulação” como a dimensão que descreve a quantidade de informação imposta ao usuário. Para esses pesquisadores as qualidades ambientais estimulantes podem ser categorizadas levando-se em conta fatores como intensidade, variedade, complexidade, mistério e novidade.

Segundo Evans e McCoy (1998) , o psicólogo Wohwill identificou em 1974 que os seres humanos funcionam idealmente sob níveis moderados de estimulação. A falta de estimulação leva ao tédio, a estimulação insuficiente pode comprometer a compreensão dos desafios ambientais e a estimulação excessiva pode interferir nos processos cognitivos que requerem atenção, provocando sobrecarga e estresse. Para Evans e McCoy (1998, p.85), as pessoas precisam do “[...] desafio de pequenas quantidades de variedade no ambiente, complexidade e mistério, para que um nível coerente de solução de problemas possa ocorrer [...]”. Para os autores, os extremos e padrões incoerentes de estimulação são, potencialmente, indutores de estresse.

A forma, o layout, a localização e os sistemas de circulação incidem diretamente sobre os níveis de estimulação. Elementos como odores desagradáveis, iluminação excessiva, cores fortes, especialmente as saturadas, barulho e complexidade visual exagerada, além de adensamento humano e falta de espaço

pessoal podem contribuir para estimulação ou, eventualmente, para o estresse (Evans; Mccoy, 1998).

De acordo com Evans e McCoy (1998, p. 88), “O controle é definido aqui tanto como o domínio ou a habilidade de alterar o ambiente físico quanto de regular a exposição do indivíduo ao que lhe cerca”.

Quadro 07 - Síntese dos Fatores Ambientais Geradores de Estresse

Atributos	Autores
Extremos e padrões incoerentes de estimulação;	Evans e McCoy (1998)
Odores desagradáveis;	
Iluminação excessiva;	
Cores fortes, especialmente as saturadas;	
Barulho;	
Complexidade visual exagerada;	
Adensamento humano;	
Falta de espaço pessoal;	

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

Com base nas teorias estudadas no contexto hospitalar, entende-se que determinadas configurações ambientais dos abrigos e das Habitações Temporárias podem oportunizar a percepção de bem-estar e consequentemente ajudar na recuperação das reações psicológicas do estresse causado pelo desastre.

Elementos naturais, como a presença de vegetação, corpos d’água (rios, lagos, fontes) e paisagens naturais, contribuem para uma sensação de tranquilidade e conexão com o meio. A biodiversidade moderada, incluindo plantas, animais e sons da natureza, enriquece a experiência sensorial, enquanto vistas para áreas verdes, seja através de janelas ou em parques, reforçam a percepção de integração com o ambiente.

A privacidade e o controle do espaço são igualmente relevantes. A regulação da interação social, por meio de locais que permitem isolamento ou convívio conforme a necessidade, e a definição de limites claros entre espaços pessoais e

coletivos, promovem maior conforto psicológico. Além disso, a apropriação e o pertencimento, manifestados por meio da conexão afetiva com o lugar — seja por identidade cultural, memórias ou significados pessoais — e pela possibilidade de personalização do ambiente, fortalecem o vínculo emocional com o espaço.

O equilíbrio sensorial é outro pilar essencial, envolvendo estimulação moderada para evitar excessos de ruído ou poluição visual, além da utilização de iluminação natural e cores harmoniosas. O conforto térmico e acústico complementam essa dimensão, assegurando que o ambiente não cause desconforto físico. Por fim, a acessibilidade e a mobilidade, expressas em caminhos claros e intuitivos, bem como em espaços que incentivam o movimento seguro — como calçadas, ciclovias e áreas de passeio —, são fundamentais para garantir a funcionalidade e a inclusão.

Em síntese, ambientes que integram natureza, organização, segurança, oportunidades de interação ou isolamento, e estímulos sensoriais equilibrados são os mais eficazes na promoção do bem-estar físico e psicológico. A aplicação desses atributos em projetos de abrigos e habitações temporárias pode transformar em locais mais saudáveis e restauradores.

3.3 REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

A revisão integrativa da literatura é uma forma de sintetizar evidências de diferentes fontes para responder a uma questão de pesquisa específica. Ela permite a combinação de estudos com diferentes metodologias, fornecendo uma visão abrangente do tema. Teve por objetivo verificar o estado da arte nacional e internacionalmente para identificar a lacuna do conhecimento, os métodos e instrumentos utilizados, além de conhecer a produção relevante referente ao bem-estar dos desabrigados em habitações temporárias.

Para tanto, foram realizadas buscas nas principais bases de dados onde 6 artigos foram selecionados para leitura, conforme procedimento descrito na metodologia.

Quadro 08 - Revisão de Literatura: Autor(es), País, Disciplina(s) e Foco

Autores	Ano	País	Área	Foco
Bedoya	2004	Colômbia	Arquitetura	Elementos que minimizem a sensação de provisoriedade em habitações temporárias
Caia <i>et al</i>	2010	Itália	Psicologia	Os efeitos psicológicos das características da moradia temporária
Félix <i>et al</i>	2013	Portugal	Engenharia	Levantamento do estado da arte sobre a inadequação das habitações temporárias pós-desastre
Gibbs <i>et al</i>	2016	Austrália	Urbanismo	Impacto da realocação pós desastre nos desabrigados dos incêndios florestais
Vibhas <i>et al</i>	2021	Japão	Geografia	Adequação Cultural Nas Habitações Temporárias
Delgado	2022	Estados Unidos	Psicologia	Importância do “lar” para sobreviventes de desastres

Fonte - Elaborado pela autora (2025)

3.3.1 Síntese da Revisão de Literatura

O artigo de **Bedoya** (2004) destaca que a temporalidade e a transitoriedade devem ser consideradas não apenas como limitações, mas como dimensões que influenciam a percepção de segurança e identidade. Isso sugere que habitações temporárias devem incorporar elementos que minimizem a sensação de

provisoriamente, como a possibilidade de personalização e adaptação ao contexto cultural dos desabrigados.

Além disso, a pesquisa aborda a importância do enraizamento e pertencimento, argumentando que a perda de referências simbólicas (como a destruição do lar original) gera traumas sociais e psicológicos. Portanto, habitações temporárias devem incluir atributos que restabeleçam conexões identitárias, como espaços comunitários, materiais familiares ou soluções que permitam a recriação de práticas cotidianas.

O artigo também discute os problemas da superlotação, desenraizamento e incerteza, que impactam diretamente o bem-estar. Para mitigá-los, propõe que as habitações temporárias garantam: Proteção física (contra intempéries, frio, calor e insegurança); Privacidade e intimidade (evitando aglomerações desumanizadoras); flexibilidade espacial (permitindo ajustes conforme as necessidades familiares); acesso a redes sociais e comunitárias (para reduzir o isolamento).

Outro aspecto relevante é a crítica ao modelo de habitação temporária como "produto industrializado", defendendo, em vez disso, a participação das comunidades na construção de suas próprias soluções. Isso reforça a ideia de que atributos como uso de materiais locais, técnicas vernaculares e autogestão podem aumentar a sensação de controle e autonomia, fatores-chave para o bem-estar.

Por fim, o autor menciona casos práticos, como o uso de abrigos transitórios após terremotos, onde soluções adaptativas (como estruturas semi-subterrâneas ou múltiplas camadas de isolamento) surgiram da criatividade dos próprios desabrigados. Isso indica que habitações temporárias eficazes devem ser adaptáveis, sustentáveis e culturalmente contextualizadas.

Caia et al., (2010) examinou os impactos psicológicos de diferentes tipos de moradia temporária em sobreviventes do terremoto de 1997 na região das Marcas, na Itália. Dois anos após o desastre, foram comparadas as condições de vida em contêineres metálicos, que são a opção padrão fornecida pelo governo, e em dachas de madeira, estruturas pré-fabricadas que se assemelham mais a casas convencionais. Os resultados demonstraram que os indivíduos alojados nas dachas apresentaram níveis significativamente mais altos de satisfação e apego emocional às suas moradias temporárias em comparação com aqueles que viviam em contêineres. Além disso, esse grupo exibiu menor incidência de sintomas de

estresse pós-traumático, menor sensação de desconforto e uma percepção mais positiva de controle sobre suas vidas.

O estudo também incluiu um grupo de controle composto por residentes de uma área próxima não afetada pelo terremoto, permitindo uma comparação adicional. Os achados indicaram que, embora ambos os grupos de sobreviventes apresentassem algum nível de impacto psicológico, aqueles alojados em dachas estavam mais próximos do grupo de controle em termos de bem-estar emocional do que os que viviam em contêineres. A pesquisa destacou o papel mediador do apego ao lar e da satisfação residencial, sugerindo que a qualidade do ambiente habitacional temporário pode influenciar diretamente a recuperação psicológica após um desastre.

As implicações práticas do estudo apontam para a necessidade de reconsiderar as políticas de habitação temporária pós-desastre, priorizando soluções que se aproximem mais de uma residência convencional, como as dachas, em vez de estruturas impessoais como contêineres. Essa abordagem poderia mitigar os efeitos negativos de longo prazo na saúde mental dos sobreviventes, facilitando um processo de recuperação mais eficaz. A pesquisa contribui para um campo ainda pouco explorado, oferecendo evidências empíricas sobre a importância do desenho e dos materiais das moradias temporárias no bem-estar psicológico após catástrofes naturais.

O terceiro artigo de **Félix et al., (2013)** visa revisar o estado da arte sobre moradia temporária pós-desastre, identificando problemas recorrentes, suas causas e soluções propostas, além de sugerir diretrizes para melhorar futuras intervenções. Os principais problemas identificados foram: insustentabilidade ambiental e econômica, inadequação cultural (projetos padronizados ignoram tradições e necessidades das comunidades afetadas), falta de planejamento integrado, além de baixa participação comunitária. O estudo sugere que a moradia temporária é vital para a recuperação pós-desastre, mas deve ser integrada a um processo de reconstrução mais amplo. Soluções bem-sucedidas exigem abordagens sistêmicas, flexíveis e culturalmente sensíveis. O estudo reforça a necessidade de superar modelos tradicionais, que frequentemente falham em atender às reais necessidades das populações afetadas.

O artigo dos autores **Gibbs et al., (2016)** analisa os impactos da realocação após desastres naturais no bem-estar individual, tomando como referência os

incêndios florestais de fevereiro de 2009 no estado de Victoria, Austrália, denominados Black Saturday. Os autores investigam como a decisão de permanecer ou abandonar uma comunidade atingida por um desastre influencia variáveis como satisfação com a vida, resiliência individual e saúde subjetiva, além de examinar o papel do senso psicológico de comunidade nesse processo. A pesquisa adota uma metodologia mista, combinando análises qualitativas e quantitativas, e utiliza dados longitudinais do projeto Beyond Bushfires, que monitorou a recuperação de mais de 1.000 indivíduos de 25 comunidades impactadas.

Em relação ao bem-estar pessoal, os dados indicam padrões distintos entre os grupos analisados. Para os residentes que permaneceram nas comunidades afetadas, o bem-estar foi predominantemente impactado por estressores secundários, como dificuldades financeiras e tensões relacionais decorrentes do processo de recuperação. Em contrapartida, os indivíduos que se realocaram experimentaram efeitos mais diretos da exposição ao desastre em seu bem-estar, independentemente de eventos estressores subsequentes. Esse grupo também demonstrou uma relação mais forte entre o senso psicológico de comunidade no novo local e seu bem-estar subjetivo, sugerindo que a reconstrução de laços sociais em um novo ambiente é um fator crítico para a adaptação pós-desastre.

O artigo de **Vibhas et al.**, (2021) discute a relevância da adequação cultural no fornecimento de moradias temporárias (HT) após desastres, enfatizando que, embora essas estruturas sejam vitais para a recuperação de comunidades desalojadas, frequentemente ignoram elementos culturais, levando a soluções inapropriadas. A pesquisa examina três grandes catástrofes na Ásia: o terremoto de Sichuan (2008, China), a erupção do Merapi (2010, Indonésia) e o terremoto e tsunami de Tohoku (2011, Japão). Com base nos princípios da Carta da ONU sobre Habitação Sustentável, os autores apontam falhas e propõem estratégias para aprimorar a adequação cultural nas HT, incluindo planejamento prévio a desastres, participação das comunidades locais no projeto e desenvolvimento de espaços públicos que incentivem a socialização. Conclui-se que incorporar aspectos culturais nas políticas de abrigo e habitação temporária é essencial para assegurar o bem-estar físico e emocional dos afetados.

O estudo de **Delgado** (2022) aborda a relação fundamental entre o sentimento de lar e a saúde física e psicológica de indivíduos deslocados após

desastres naturais, destacando como a perda do lar transcende a mera destruição material, afetando profundamente o bem-estar emocional e fisiológico.

A investigação baseia-se em entrevistas com sobreviventes, revisão da literatura e teorias da cognição incorporada, demonstrando que sentimentos de conforto, segurança e pertencimento estão intrinsecamente ligados a processos homeostáticos que regulam o estresse. Os participantes descreveram o lar como um espaço que oferece privacidade, controle sobre o ambiente, possibilidade de auto expressão e manutenção de relações sociais significativas. Esses elementos, quando ausentes em abrigos temporários ou realocações mal planejadas, contribuem para o aumento de sintomas de depressão, ansiedade e até mesmo problemas físicos decorrentes da ativação prolongada do sistema nervoso simpático.

O estudo critica as políticas atuais de reconstrução pós-desastre, que frequentemente priorizam a provisão de abrigos temporários sem considerar os aspectos emocionais e culturais do lar. Diretrizes internacionais, como as da ONU, focam em critérios objetivos de habitabilidade, mas negligenciam a importância de elementos subjetivos, como identidade, memória afetiva e autonomia sobre o espaço. Como solução, propõe-se uma abordagem mais humanizada, que envolva os deslocados no processo decisório e utilize instrumentos como questionários para identificar necessidades individuais relacionadas ao lar.

Conclui-se que a reconstrução pós-desastre deve ir além da infraestrutura física, incorporando dimensões psicológicas e sociais para promover uma recuperação integral. O lar é redefinido não apenas como um local de moradia, mas como um ambiente que ativa mecanismos biológicos de restauração, reforçando a necessidade de políticas públicas que garantam moradias adequadas sob uma perspectiva holística. Essa abordagem pode mitigar os efeitos negativos de longo prazo do deslocamento, contribuindo para a resiliência individual e comunitária em cenários de crise.

Em síntese, os artigos convergem para a ideia de que os abrigos emergenciais e as habitações temporárias eficazes devem transcender a lógica emergencial minimalista, incorporando atributos ambientais que restabeleçam a noção de lar. Esses atributos incluem: (1) flexibilidade e possibilidade de personalização; (2) integração de elementos culturais e simbólicos; (3) conforto físico e segurança; (4) equilíbrio entre privacidade e espaços coletivos; e (5) envolvimento comunitário no desenho. A ausência de uma análise explícita sobre

variáveis ambientais específicas — como iluminação, acústica ou ergonomia — não invalida a relevância desses achados, mas abre caminho para pesquisas futuras que aprofundem a relação entre desenho ambiental e recuperação psicológica em contextos pós-desastre.

Quadro 09 - Síntese da Revisão de Literatura

Atributo Ambiental	Descrição	Impacto no Bem-Estar	Referências
Personalização e adaptabilidade	Possibilidade de modificar o espaço conforme necessidades individuais e culturais.	Aumenta a sensação de controle, autonomia e apego emocional.	Bedoya (2004); Caia <i>et al.</i> , (2010); Vibhas <i>et al.</i> , (2021)
Identidade cultural e pertencimento	Incorporação de elementos simbólicos, materiais locais e técnicas vernaculares.	Reduz desenraizamento, fortalece identidade e diminui estresse pós-traumático.	Vibhas <i>et al.</i> , (2021); Félix <i>et al.</i> (2013); Caia <i>et al.</i> , (2010)
Proteção física e conforto ambiental	Isolamento térmico, ventilação adequada e segurança contra intempéries.	Garante estabilidade fisiológica e reduz desconforto físico e psicológico.	Bedoya (2004); Delgado (2022)
Privacidade e espaços comunitários	Equilíbrio entre áreas privativas e coletivas (ex.: quartos individuais + cozinhas comunitárias).	Evita aglomerações desumanizadoras e promove reconstrução de redes sociais.	Bedoya (2004); Gibbs <i>et al.</i> (2016); Félix <i>et al.</i> (2013)
Participação comunitária no projeto	Envolvimento dos desabrigados no desenho e construção das habitações.	Fortalece senso de agência, adequação cultural e resiliência psicológica.	Bedoya (2004); Vibhas <i>et al.</i> (2021); Félix <i>et al.</i> (2013)

Fonte - Elaborado pela autora (2025)

4 ESTUDO DE REFERÊNCIAS

Nesta seção serão apresentadas as diferentes soluções adotadas nos ATPs em diversas partes do mundo. Foram selecionados 5 exemplos localizados nos casos de desastres catalogados na Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023), que fazem parte dos principais eventos ocorridos nos últimos quinze anos, após 2010, sejam desastres ou conflitos, a saber:

- Acampamento *Ajunong Thok - Pariang* no Sudão do Sul (ATP-01) - (Conflito social);
- Acampamento *Azraq - Jordânia* (ATP-02) - (Conflito Social);
- Acampamento *Kutupalong-Balukhali* - Bangladesh (ATP-03) - (Crise Humanitária);
- Acampamento *Corail - Cesselesse no Haiti* (ATP-04) - (Desastre Natural); e
- Acampamento *Zaatari - Jordânia* (ATP-05) - (Conflito Social);

Figura 16 - Localização dos ATPs no Mapa Mundi



Fonte - Google maps adaptado pela autora (2024)

Buscou-se com este estudo comparar diferentes estratégias de design, materiais, layouts e condições ambientais presentes em abrigos de diversos contextos culturais, climáticos e socioeconômicos. Entende-se que isso enriquece o entendimento sobre as diversas soluções utilizadas e suas potencialidades ou limitações em promover o bem-estar.

4.1 ACAMPAMENTO AJUNONG THOK (ATP-01)

Emergência: conflitos sociais – refugiados núbios, da região do *Kordofan*. O acampamento está localizado no Sudão do Sul, mais especificamente, em uma área rural, a 13 km da fronteira com o Sudão e a 43 km da cidade de *Pariang* e possui uma área de 1.554 hectares.

Figura 17 - Localização do Acampamento



Fonte: Virtuhab (2023)

A instalação do acampamento ocorreu em março de 2013, em 2020, o total de pessoas abrigadas era de 55.000. A estrutura foi dividida em zonas, sendo que em cada zona há entre 6 a 8 blocos. Ainda, cada bloco é subdividido em 8 comunidades, que por sua vez apresenta 12 parcelas. Há ainda duas escalas de espaços abertos, o maior apresenta serviços centralizados e o menor espaços comunitários.

Há no ATP-01 6.090 abrigos individuais emergenciais e 989 abrigos individuais transitórios de dois tipos conforme Figura 18. A estrutura de ambos é de madeira, mais especificamente bambu. As paredes são de palha ou bambu. O telhado é de palha coberta por lona para os emergenciais e de ferro corrugado para os transitórios. Para os abrigos individuais, há três opções de dimensões: 3m x 4m,

3m x 5m e 4m x 5m. No Quadro 10 apresentamos os atributos restauradores do ATP-01.

Figura 18 - Estrutura de Abrigos Emergenciais/Temporários no ATP-01



Fonte - Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023)

Quadro 10 - Atributos do ATP-01

ELEMENTOS DE ANÁLISE	CARACTERÍSTICAS
Materiais / Estrutura	Uso de materiais naturais na estrutura como a terra e a palha aproveitando as habilidades rurais que os refugiados apresentavam. Adaptação à cultura local (sentimento de pertença) Presença da vegetação natural na área externa
Iluminação e Ventilação	Somente o abrigo transitório possui janelas
Medidas mínimas necessárias	Medidas bem reduzidas nos abrigos individuais
Áreas Comuns	Possui áreas destinadas ao convívio social sendo que os abrigos individuais são separados proporcionando segurança e privacidade. Equipamentos de lazer e mobiliários acessíveis em escolas e um campo de futebol.

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

4.2 ACAMPAMENTO AZRAQ - JORDÂNIA (ATP-02)

Emergência: conflito social – Refugiados sírios. O acampamento está localizado no norte da Jordânia no deserto, a 90 km da fronteira com a Síria e a 70km do acampamento *Zaatari* e da cidade mais próxima. O terreno era um campo de reassentamento da Guerra do Golfo, que contava com linha de energia e estrada de trânsito acessível.

Figura 19 - Localização do ATP-02



Fonte - Plataforma Infrashelter (VIRTUHAB, 2023)

Data de implantação: 30 de Abril de 2014. Total de pessoas afetadas: 42,763 (2021).

Atualmente, o acampamento conta com a capacidade de acolher cerca de 50.000 pessoas, tendo a possibilidade de expansão para 130.000 no seu limite. Essa expansão se direcionaria para as vilas que ainda não estão habitadas.

O acampamento foi projetado para funcionar como uma cidade. É formado por 8 vilas, das quais 4 estão construídas, 3 estão inabitadas, e 1 está vazia. A capacidade de cada vila é de 10.000 a 15.000 pessoas, apresentando centros

comunitários, postos de saúde, polícia, escolas, espaços para mulheres, entre outros.

Em relação às áreas comunitárias, é possível perceber que cada vila conta com espaços comuns, como Centros comunitários, Espaço para Adultos (*Adult Friendly Space*), Espaços para mulheres e meninas (*Women and Girl Centers*) e centros de atividades para pessoas com deficiências.

Os abrigos individuais são *T-shelters* (Figura 20), que são estruturas de aço, com fechamentos, telhado e esquadrias metálicas, que protegem contra intempéries, fortes ventos e mudanças extremas em clima. Inicialmente os abrigos apresentavam 24m², mas com as expansões para implantação de cozinhas, a área passou a ser de 32m². Os abrigos apresentam dimensões de 6,1m por 4,3m (sem a expansão).

Figura 21 - Abrigos Individuais do ATP-02



Fonte - Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023)

Quadro 11 - Atributos ATP-02

ELEMENTOS DE ANÁLISE	CARACTERÍSTICAS DO ATP 02
Materiais / Estrutura	Os abrigos individuais são <i>T-shelters</i> , que são estruturas de aço, com fechamentos, telhado e esquadrias metálicas, que protegem contra intempéries, fortes ventos e mudanças extremas em clima.
Iluminação Entrada de luz solar Ventilação natural - Temperatura agradável	Todos os abrigos individuais possuem janelas
Respeito às medidas mínimas necessárias	Medidas mínimas adequadas
Privacidade e Áreas de convívio social	Em relação às áreas comunitárias, é possível perceber que cada vila conta com espaços comuns, como Centros comunitários, Espaço para Adultos (Adult Friendly Space), Espaços para mulheres e meninas (Women and Girl Centers) e centros de atividades para pessoas com deficiências. Os abrigos individuais são separados proporcionando segurança e privacidade.

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

4.3 ACAMPAMENTO *KUTUPALONG-BALUKHALI* (ATP-03)

Crise humanitária – repressão e perseguição militar – refugiados do grupo étnico Rohingya, de origem muçulmana, da região de Rakhine, na fronteira entre Mianmar (originalmente Birmânia) e Bangladesh .

O acampamento está localizado em *Ukhia*, um subdistrito na região de Cox's Bazar, no extremo sul de Bangladesh. A região é arborizada, com a formação de colinas e está localizada próxima à fronteira de Bangladesh com Mianmar. (Mohammad *et al.*, 2021).

Figura 22 - Localização do ATP-03



Fonte - Plataforma Infrashelter (VIRTUHAB, 2023)

A implantação do acampamento ocorreu em 1991, de modo informal. No ano de 2017 o acampamento foi recriado, devido ao ápice da violência em Rakhine e, como consequência, ao aumento da quantidade de refugiados. (Librelotto *et al.*, 2023). Em 2023, o total de pessoas afetadas era de 957.971. (ACNUR, 2023). Conta com uma área de 13 km².

Os acampamentos e suas expansões foram construídos de forma espontânea, ou seja, cada família de refugiados que chegava ao local, construía seu próprio abrigo.

No acampamento de *Kutupalong* e suas expansões, todos os abrigos individuais são estruturados em bambu, pois é um material que se encontra com facilidade na região, porém há uma certa variação nas tipologias desses abrigos.

Há no acampamento três tipos de abrigos: os construídos pelos próprios moradores (abrigos improvisados), que não seguem um padrão, ou uma norma; os abrigos do Programa TSA (Assistência de abrigos transitórios); construídos com os kits distribuídos pela UNHCR e seus parceiros; e os abrigos do *Programa Mid- Term Shelters* (Abrigos de Médio Prazo) que vamos analisar neste estudo.

Os abrigos do Programa *Mid- Term Shelters* são os abrigos que a UNHCR e parceiros regulamentam e auxiliam na construção, os quais são mais adequados para moradia e também apresentam muitos atributos ambientais restauradores (conforme mostra o quadro 12), pois seguem um padrão de desempenho para os

abrigos, criado em 2019, pelo Setor *Shelter/CCCM Cox's Bazar* e parceiros, além dos padrões SPHERE.

Eles possuem as estruturas com grandes bambus tratado e as paredes feitas de lâminas de bambu entrelaçadas, às suas fundações são feitas com concreto ou metal, com 60 cm de profundidade, como seguem um padrão de desempenho, possuem uma área mínima, altura mínima, ventilação cruzada (através dos muxarabis e janelas), porta com tranca, divisórias internas, espaço para cozinhar protegido das paredes, espaçamento mínimo em relação a edificação vizinha, entre muitos outros parâmetros que tornam o ambiente adequado e digno para moradia, conforme figura 23.

Figura 23 - *Mid- Term Shelter* em Kutupalong



Fonte - Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023)

De acordo com os padrões SPHERE, a área dos abrigos deve ser de no mínimo 3,5m² por pessoa. O setor responsável pelos abrigos ainda aceita o mínimo de 14m² para famílias de 1 a 6 membros, em caso de emergência (o ideal é até 4 membros) e 28m² para as famílias de 7 membros ou mais.

Figura 24 - *Mid- Term Shelter* em Kutupalong



Fonte - Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023)

O acampamento está sujeito às grandes enchentes e deslizamentos de terra, por conta das fortes chuvas e ventos que ocorrem na estação das monções. Além disso, a região é uma rota migratória de elefantes asiáticos, os quais aparecem algumas vezes e podem ser considerados um risco para os abrigos e residentes (Virtuhab, 2023).

Quadro 12 - Atributos do ATP-03

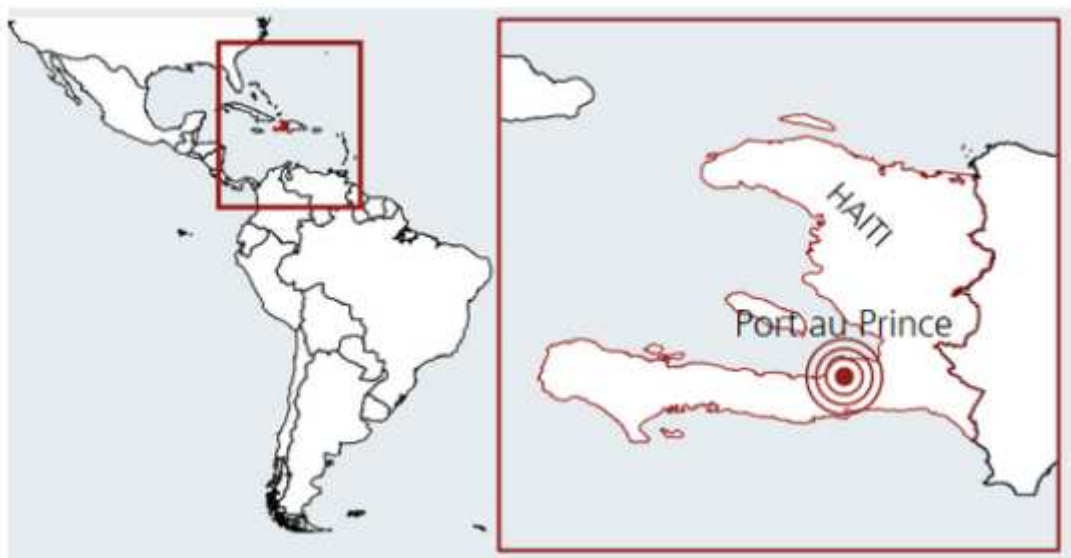
ELEMENTOS DE ANÁLISE	CARACTERÍSTICAS DOS ABRIGOS INDIVIDUAIS MTS NO ATP 03
Materiais / Estrutura Presença de elementos naturais (água, vegetação)	Uso de materiais naturais e locais como o bambu na estrutura e vedação Presença da vegetação natural na área externa Vista para o exterior
Iluminação adequada Entrada de luz solar Ventilação natural - Temperatura agradável	Possuem janelas e muxarabis Ventilação cruzada
Respeito às medidas mínimas necessárias	Medidas mínimas adequadas
Ausência de ameaça Privacidade Áreas de convívio social	Não é totalmente seguro - área de enchente Divisórias internas em cada abrigo individual (privacidade) Vários centros comunitários, igrejas..

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

4.4 ACAMPAMENTO CORAIL - CESSÉLESSE NO HAITI (APT-04)

Emergência: desastre natural – terremoto de magnitude 7.3 ocorrido na cidade de Léogâne à 25km da capital oeste *Port-au-Prince* no Haiti no dia 12 de janeiro de 2010. O acampamento está localizado na capital do país, Porto Príncipe (Port au Prince). Mais especificamente, se encontra no município de *Croix-des-Bouquets*. Inicialmente, surgiram acampamentos não planejados, mas devido ao risco ambiental que o local oferecia, foram deslocados para uma nova localização, a 20 km do antigo lugar, surgindo assim o acampamento planejado.

Figura 25 - Localização do ATP-04



Fonte - Plataforma Infrashelter (VIRTUHAB, 2023)

Data de implantação: Abril de 2012. Total de pessoas afetadas: 1.356 famílias. O terreno é de aproximadamente 5,000 hectares. As expansões foram realizadas por meio de grandes blocos que foram 2, o bloco 3 e 4. O acampamento, que inicialmente seria temporário, foi dividido em setores. Cada setor era dividido em seis blocos. Primeiramente foi ocupado em 2010 o setor 4, abrigando cerca de 10.000 pessoas, ou seja 1.187 famílias. Já em 2011, construiu-se o setor 3, que contava com cerca de 300 abrigos individuais, alojando 927 famílias. Há várias vias que permitem o movimento dentro dos blocos e que conectam entre si os setores. Apesar de ser temporário, após dois anos do incidente, o acampamento continuava em operação e teve sua infraestrutura melhorada, com a criação de espaços para educação, saúde, recreação, entre outros. Estrutura dos abrigos emergenciais/temporários.

Inicialmente, em termos de abrigos individuais foram usadas tendas. No fim de 2010 e início de 2011, essas tendas foram sendo substituídas por abrigos *T-shelter* (Figura 26). Estes, contavam com armações de madeira e cobertura corrugada metálica. Ainda, apresentavam uma área de varanda coberta pela extensão do telhado. Os abrigos em tendas possuem facilidade em colapsar em eventos naturais como a chuva.

Figura 26 - *T-Shelters*

Fonte - Plataforma *InfraShelter* (VIRTUHAB, 2023)

Segundo dados da Plataforma *InfraShelter*, haviam muitas reclamações sobre a elevada temperatura nas tendas, isso se deve ao material que foram construídas as moradias e a falta de abertura nas mesmas, as portas eram os locais de ventilação. Com a substituição para os *T-shelters*, devido ao sistema estrutural, foram acrescentadas janelas e portas, além de cômodos, entretanto, parece que o material ainda era pouco protetor para as elevadas temperaturas locais, o que não aparenta ter sido tão benéfico ao conforto dos moradores. Nas tendas a ventilação era realizada por meio das aberturas em zíper e pelas frestas formadas entre os folículos plásticos e por baixo da tenda. Já nos *T-Shelters*, há janelas e portas (aberturas), além de ser possível a entrada de ventilação pelos vãos do teto onde se encontram as treliças.

Uma das grandes preocupações é a segurança, pois é difícil cobrir com controle policial estes 25 hectares de terreno, sendo algo que falta na localidade e que perpetua para que permaneça ocorrendo os casos de violência.

Quadro 13 - Atributos do ATP-04

ELEMENTOS DE ANÁLISE	CARACTERÍSTICAS DOS ABRIGOS INDIVIDUAIS <i>T-SHELTERS</i> NO ATP 04
Materiais / Estrutura Presença de elementos naturais (água, vegetação)	Uso da madeira na estrutura e vedação Presença da vegetação na área externa Varanda Vista para o exterior
Iluminação adequada Entrada de luz solar Ventilação natural - Temperatura agradável	Possuem janelas e varandas Ainda apresenta problemas de conforto térmico devido às altas temperaturas do local
Respeito às medidas mínimas necessárias	Medidas mínimas adequadas
Ausência de ameaça Privacidade Áreas de convívio social	Falta policiamento - casos de violência Abrigos individuais com distanciamento adequado O acampamento possui hortas, áreas comerciais, pequenos negócios, restaurantes e uma galeria de arte. Também possui um centro religioso denominado Sala Scalabrini de Notre Dame, Comunidade paroquial de La Victoire. .

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

4.5 ACAMPAMENTO ZAATARI - JORDÂNIA (ATP-05)

Emergência: Conflito social – Refugiados sírios. O acampamento está localizado no norte da Jordânia, nas terras do distrito de *Badiah Gharbiyah, Mafraq Governorate*, localizado a 75 km do sul de Amman e a 12 km da fronteira com a Síria. Possui área de 5,3 Km².

Figura 27 - Localização do ATP 05



Fonte: Adaptado por Virtuhab (2021)

Apresenta 12 distritos, separados por vias de circulação principais. Cada distrito se divide em parcelas numeradas de terra, com fronteiras definidas denominadas de blocos, onde se localizam os abrigos individuais. Os abrigos individuais deveriam estar posicionados em filas, mas os residentes optaram por se posicionar em formato de U, permitindo que as famílias vivessem mais próximas. Assim, o mapa do acampamento se assemelha a um labirinto.

Os abrigos individuais emergenciais/temporários são barracas familiares da UNHCR de dois tipos (conforme figura 28) : containers standard 20-foot e construções em alvenaria. As barracas apresentam área de 23m² e os containers de 22,5m². Os containers apresentam dimensões de 7,5 de comprimento, 3,0m de largura e 2,59m de altura. Já as barracas 4m de largura, 6,6m de comprimento e 2,2m de altura. Há no acampamento em torno de 26000 abrigos pré-fabricados.

Figura 28 - (a) Tendas e (b) Abrigos Individuais



Fonte - Plataforma *Infrashelter* (VIRTUHAB, 2023)

O acampamento encontra-se em uma área suscetível a inundações, ocorridas devido às fortes chuvas que ocorrem no período chuvoso. Em diversas ocasiões foi necessário o deslocamento dos refugiados para outras partes do acampamento. Como o caso ocorrido em 2013, onde os moradores foram instalados nas áreas mais seguras do acampamento, os distritos 1 e 2.

Em relação ao entorno, com o grande fluxo de refugiados sírios na província de Mafrqa, algumas aldeias e vilas duplicaram em população e houve o acréscimo do custo de vida. Dessa maneira, houveram manifestações nas quais os moradores dessas vilas pressionavam a prestação de serviços públicos.

Em relação a segurança, é possível perceber que há um movimento ilegal de pessoas pela fronteira do acampamento. Dessa forma há a preocupação com a entrada de armas, produtos do mercado negro e com a segurança dos moradores do acampamento, pois esses grupos ocultos podem aumentar os casos de roubos, estupros, atos violentos, entre outros.

Internamente, é possível observar casos de vandalismo, roubo, etc. Essas situações levaram a cada vez mais privatizações nos serviços que até então eram oferecidos para a comunidade, como as instalações de cozinhas e banheiros. Além disso, em 2013, também observou-se que houve várias tentativas de envolver informalmente a gestão do acampamento na prestação de serviços, com uma liderança de rua (street leaders), chegando a ter confrontos diretos com a polícia do acampamento (Plataforma *Infrashelter*, 2023).

Quadro 14 - Atributos Restauradores do ATP-05

ELEMENTOS DE ANÁLISE	CARACTERÍSTICAS DOS T-SHELTERS
Materiais / Estrutura Presença de elementos naturais (água, vegetação)	Estrutura: Aço e alvenaria Ausência de elementos naturais Não possui vegetação na área externa
Iluminação adequada Entrada de luz solar Ventilação natural - Temperatura agradável	Conforme observamos os abrigos possuem janelas, porém não encontramos muitos dados sobre o conforto ambiental
Respeito às medidas mínimas necessárias	Medidas mínimas adequadas
Ausência de ameaça Privacidade Áreas de convívio social	Insegurança no acampamento - roubos, violência Espaço privativo delimitado com distanciamento dos outros abrigos 8 áreas de recreação, 2 campos de futebol, 4 parques infantis.

Fonte - Elaborado pela autora (2024)

4.6 ANÁLISE DOS ABRIGOS

Observou-se nos acampamentos de *Kutapalong-BaluKhalia* e *Ajunong Thok*, a escolha de materiais locais conhecidos, como a madeira e o bambu. Podemos observar na Figuras 27 Centro de Memória Cultural e igreja, o uso de materiais locais na construção dos acampamentos.

Figura 29 - Centro de Memória *Kutupalong* e Igreja em *Ajumong Thok*



Fonte – Virtuhab (2021)



Fonte – Virtuhab (2021)

Ainda, em *Kutapalong*, os abrigos improvisados dos primeiros refugiados foram construídos por eles mesmos, com a tipologia de casas geminadas baixas, feitas com bambu e gravetos. Entende-se que existiu uma preocupação com a adaptação da cultura local, sendo que os acampamentos foram feitos usando materiais locais disponíveis e aproveitando as habilidades rurais que os refugiados apresentavam.

No Acampamento de *Zaatari* na Jordânia percebe-se a utilização de contêineres. Segundo um estudo realizado por Caia *et al* (2010), com vítimas de terremoto na Itália Central, sobre as preferências habitacionais dos desabrigados, as habitações mais semelhantes a “casa” foram consideradas melhor do que os contêineres, particularmente devido às suas grandes janelas e ao telhado inclinado (em vez de plano). Ainda, a madeira utilizada nas casas do estudo, diferentemente do metal, é um material percebido como “quente” e que está simbolicamente associado a características femininas como ternura e emotividade (Sadalla, 1993).

Observou-se em todos os acampamentos estudados a presença de áreas de convívio, espaços de lazer, centros comunitários, hortas comunitárias, centros de cultura, igrejas, entre outros equipamentos que ajudam promover o contato social diminuindo os sentimentos de solidão.

4.6.1 Considerações do Estudo de Referências

Este estudo proporcionou uma análise comparativa de diferentes estratégias de tipologias, materiais, layouts e condições ambientais presentes em ATP em contextos de desastres e conflitos ao redor do mundo. A partir da revisão e das análises dos casos do Sudão do Sul, Jordânia e Bangladesh, foi possível identificar que as soluções de abrigo variam significativamente de acordo com fatores culturais, ambientais e socioeconômicos, mas também apresentam pontos comuns que contribuem para o bem-estar dos moradores.

Um dos principais achados refere-se à importância da adequação dos materiais utilizados na construção, com destaque para o uso de elementos naturais e locais, que favorecem a integração cultural, a sustentabilidade e a facilidade de manutenção. Além disso, a incorporação de boas práticas de ventilação, iluminação natural e privacidade nas estruturas revela-se fundamental para promover condições ambientais favoráveis ao conforto físico e à saúde mental dos residentes.

Outro aspecto relevante foram as áreas de convivência social e privacidade, elementos essenciais para o fortalecimento do senso de comunidade e da dignidade dos indivíduos. Os acampamentos que adotaram layouts bem planejados, com zonas diferenciadas para atividades sociais, de suporte e de lazer, mostraram-se mais propensos a proporcionar uma experiência de moradia temporária que favorece o bem-estar geral.

Contudo, o estudo também evidenciou desafios relacionados às condições ambientais adversas, como enchentes, deslizamentos e riscos ambientais, especialmente em regiões de alta vulnerabilidade. Assim, a implementação de estratégias de design ambiental resiliente, com atenção às características climáticas e geográficas locais, é imprescindível para garantir a segurança e a sustentabilidade dessas habitações.

Por fim, percebe-se que a experiência internacional, ao oferecer uma variedade de soluções adaptadas às diferentes realidades, pode servir de inspiração para o aprimoramento das práticas de design e construção de habitações temporárias no Brasil e em outros países. A integração de conhecimentos técnicos, culturais e ambientais é fundamental para desenvolver soluções que não apenas atendam às necessidades básicas de abrigo, mas que também promovam o bem-estar, a dignidade e a resiliência das populações deslocadas.

Quadro 15 - Síntese dos Atributos Relacionados ao Bem-estar Identificados nos Estudos de Referência

Atributo	Exemplos nos ATPs	Impacto no Bem-Estar
Materiais naturais e adaptação cultural	Bambu e palha (ATP-01, ATP-03), madeira (ATP-04)	Aumenta senso de pertencimento e conforto psicológico.
Ventilação e iluminação	Janelas e muxarabis (ATP-03), varandas (ATP-04), aberturas em <i>T-shelters</i> (ATP-02)	Melhora a saúde física e reduz estresse térmico.
Privacidade e organização espacial	Divisórias internas (ATP-02, ATP-03), distanciamento entre abrigos (ATP-05)	Preserva dignidade e reduz conflitos.
Áreas comunitárias e lazer	Centros culturais (ATP-03), campos de futebol (ATP-01), hortas (ATP-04)	Fortalece vínculos sociais e reduz isolamento.
Resiliência a desastres	Fundações elevadas (ATP-03), estruturas resistentes a ventos (ATP-02)	Garante segurança e durabilidade do abrigo.

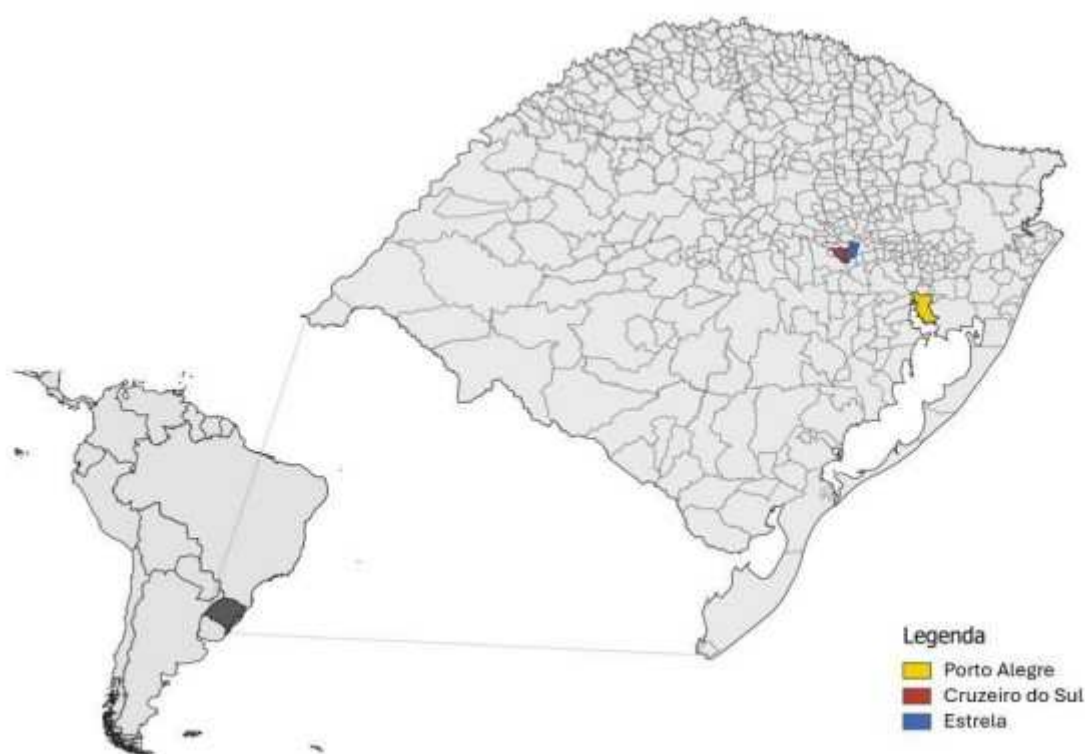
Fonte - Elaborado pela autora (2025)

5 RESULTADOS

5.1 VISITA TÉCNICA E AVALIAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

A visita foi conduzida nos municípios de Estrela/RS e Cruzeiro do Sul/RS nos dias 13 e 14 de novembro de 2024, por 5 membros do Grupo de Pesquisa Virtuhab. A área fica a cerca de 120 km da cidade de Porto Alegre, capital do estado, situada na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas, de acordo com o mapa apresentado na Figura 29.

Figura 29 - Mapa Indicando a Localização da Visita Técnica



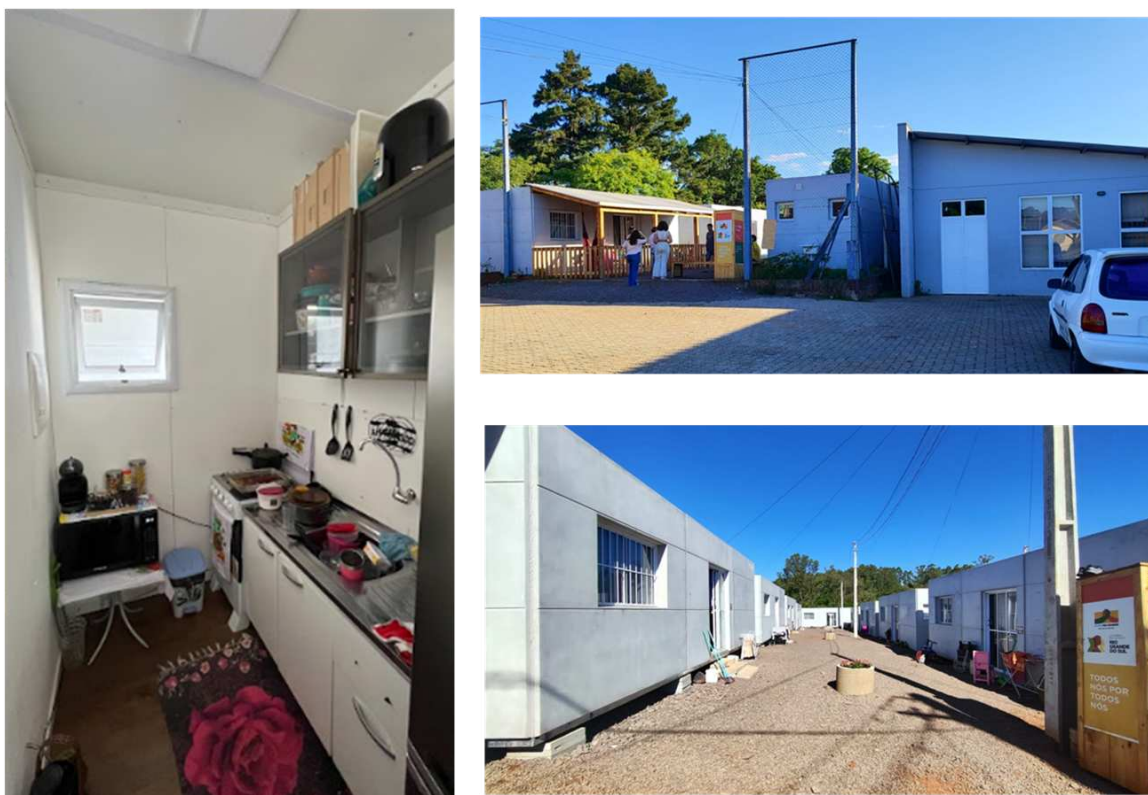
Fonte: Ribeiro *et al.*, 2025

As habitações temporárias visitadas foram contratadas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul como parte da resposta emergencial às enchentes de 2024. O resumo do contrato, publicado no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul (2024), descreve a aquisição de 500 (quinhentas) unidades habitacionais

modulares transportáveis para uso como moradias temporárias, com área construída de 27 m², projetadas para abrigar de 4 a 6 pessoas, e entregues totalmente montadas para instalação no local, permitindo múltiplas realocações ao longo de sua vida útil.

Ainda, de acordo com o Diário Oficial do RS (2024) no município de Estrela os módulos habitacionais estão divididos em dois terrenos – 59 no bairro Novo Paraíso e 27 no bairro Imigrantes. Em Cruzeiro do Sul as 28 unidades ficam no bairro São Gabriel, em terreno localizado ao lado do Esporte Clube Salão XV de Novembro que serviu de abrigo provisório. Durante a visita técnica in loco, diversos aspectos relacionados à instalação das unidades no terreno e ao uso prático dos módulos pelos moradores foram observados.

Figura 30 - Fotos das Habitações Temporárias em Estrela/RS



Fonte - Autora (2024)

Figura 31 - Fotos das Habitações Temporárias em Cruzeiro do Sul/RS



Fonte - Autora (2024)

Características Técnicas

As características técnicas das unidades habitacionais foram obtidas a partir do manual do usuário, fornecido juntamente com as unidades aos moradores, e por meio de observações durante visitas técnicas. Cada módulo mede 3×9 metros, totalizando 27 m² de área construída, com pé-direito livre de 2,7 metros. Os módulos são pré-fabricados para posterior transporte e montagem de seus subsistemas. As características construtivas e dos materiais estão detalhadas no quadro 16.

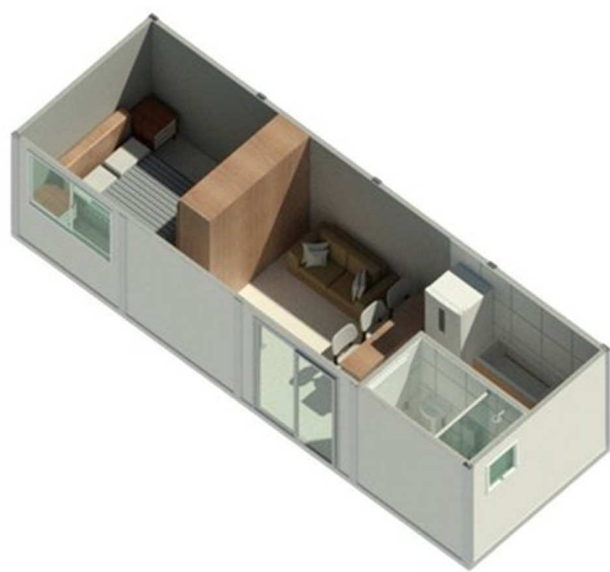
Quadro 16 - Características Construtivas da Unidade Modular

Etapa	Características
Estruturas	Pilares e vigas metálicas, tubos Z100 medindo 60x40 cm, com espessura de 1,55 mm
Piso	Chapas cimentícias de 25 mm com revestimento em vinílico LVT de 2 mm
Cobertura	Telhado metálico
Isolamento termoacústico	Lã de vidro ISOVER de 50 mm aplicada em tetos e paredes externas
Vedação externa	Painéis GRC/GFRC (Concreto Reforçado com Fibra de Vidro); Sistema stud-frame; juntas vedadas com selante flexível
Vedação interna	Chapas cimentícias de 10 mm
Esquadrias	Externa: Liga de alumínio 6060 - Temper 15 (portas e janelas); Interna: PVC dobrável (banheiro)

Fonte - Ribeiro *et al.*, (2025)

O layout interno das unidades consiste em um banheiro privativo, cozinha, sala de estar e quarto, conforme ilustrado na figura 32.

Figura 32 - Projeto 3D das Unidades



Fonte: Sehab (2024)

O manual do usuário também fornece orientações sobre o manuseio, armazenamento e limpeza das unidades para instalação e uso ao longo da vida útil dos módulos. Destacam-se os sistemas de conexão para água, esgoto, gás GLP, eletricidade e o sistema de proteção contra descargas atmosféricas (SPDA), que ligam os módulos às respectivas redes externas. Além disso, são especificados e fornecidos instruções para os equipamentos, eletrodomésticos e móveis instalados nas edificações.

A visita em Grupo resultou num estudo elaborado por integrantes da equipe Virtuhab com o título: "*Avaliação de Requisitos de Sustentabilidade em Habitações Temporárias nos Municípios de Estrela e Cruzeiro do Sul, RS, Brasil*" (Ribeiro *et al.*, 2025) . O estudo analisou 114 unidades modulares familiares instaladas em três terrenos diferentes, dois grupos em Estrela/RS e um grupo em Cruzeiro do Sul/RS, em agosto de 2024 as quais, conforme Carbonari e Librelotto (2022), classificam-se como "habitação temporária", representando uma fase intermediária entre abrigos emergenciais e habitação permanente.

A análise qualitativa dos módulos, baseada nos critérios de sustentabilidade definidos por Alshawawreh *et al.*, (2020) e Carvalho (2009), permitiu uma avaliação abrangente dessas unidades em cada uma das dimensões da sustentabilidade. Concluiu-se que esses módulos apresentam desempenho satisfatório em diversos aspectos, destacando-se seu potencial de reutilização, montagem rápida e conformidade com padrões técnicos mínimos de habitação. O quadro de avaliação proposto por Carvalho (2009), originalmente desenvolvido para projetos de habitação social, também se mostrou eficaz para habitações temporárias, contribuindo para uma compreensão crítica dos impactos e limitações dessas soluções emergenciais (Ribeiro *et al.*, 2025).

Nos indicadores de sustentabilidade ambiental, Ribeiro *et al.*, (2025) destacou a ausência de sombreamento ao redor dos módulos e nas áreas externas, resultando em superaquecimento no verão, problemas durante a chuva, falta de proteção na área de lavanderia e espaços comunitários insuficientes. Outra questão importante diz respeito à habitabilidade, funcionalidade e flexibilidade: embora o projeto não permita alterações internas, observou-se durante a visita técnica que os residentes fizeram modificações e ampliações externas por meio de autoconstrução.

Em relação aos indicadores sociais, observou-se que os módulos foram entregues aos usuários sem participação prévia da comunidade, devido ao contexto

de emergência. Também foi avaliado que as unidades atendem adequadamente às necessidades básicas dos usuários, apresentando aparência aceitável, boa qualidade e funcionalidades mínimas para a retomada das rotinas diárias — considerando seu uso temporário até que soluções habitacionais definitivas sejam fornecidas. No entanto, foram identificados problemas relacionados à privacidade interna e externa, à ausência de identidade cultural, à falta de envolvimento comunitário e a outros aspectos relevantes (Ribeiro *et al.*, 2025).

Ainda segundo Ribeiro *et al.*, (2025) os locais selecionados para a instalação das unidades nos municípios exigem melhorias significativas na infraestrutura básica, como: serviços de saneamento, energia elétrica, telecomunicações (especialmente em áreas rurais), coleta de resíduos, transporte público, equipamentos urbanos (escolas, postos de saúde, parques), geração de emprego e renda, valorização do comércio local entre outros desenvolvimentos necessários.

Os índices obtidos das dimensões ambiental, social e econômica, o desempenho geral de sustentabilidade das unidades habitacionais modulares temporárias foi avaliado. Quando incluídas apenas as dimensões ambiental e social — devido à indisponibilidade de dados econômicos consistentes — a média combinada atingiu 33,27%, ficando abaixo do limiar de sustentabilidade recomendado de 50%, sugerido por Carvalho (2009). Esse resultado destaca limitações importantes tanto nos aspectos ambientais quanto sociais, apesar da adequação técnica e do potencial de reutilização dos módulos (Ribeiro *et al.*, 2025).

Se consideradas as três dimensões — atribuindo valor zero à dimensão econômica devido a informações insuficientes — o índice geral cai para 22,18%, reforçando a importância crítica de indicadores econômicos integrados de sustentabilidade para uma avaliação abrangente e justa. Em ambos os cenários, os resultados confirmam que, embora as unidades modulares atendam aos requisitos técnicos básicos e ofereçam vantagens logísticas, seu desempenho em sustentabilidade permanece parcial e insuficiente para ser classificado como sustentável de acordo com os *benchmarks* (padrão de referência ou ponto de comparação usado para avaliar o desempenho de algo em relação a outros elementos semelhantes) estabelecidos.

Essas descobertas reforçam a necessidade de melhorias, especialmente em relação a estratégias ambientais, como desempenho térmico passivo e origem dos materiais, além de indicadores sociais, como participação comunitária, adequação

cultural e melhores padrões de habitabilidade. Projetos futuros dessa natureza devem incorporar medidas de sustentabilidade mais amplas desde as primeiras etapas de design, a fim de garantir soluções de abrigo emergencial e habitação temporária mais resilientes, inclusivas e eficazes (Ribeiro *et al.*, 2025).

Quadro 17 - Síntese da Visita Técnica e da Avaliação de Sustentabilidade

Atributo Ambiental	Aspectos Positivos	Problemas Identificados	Recomendações para Melhoria
Conforto Térmico	-Isolamento termo acústico (lã de vidro 50 mm).	Superaquecimento no verão (falta de sombreamento).	- Incluir sombreamento natural (árvores, toldos). - Ventilação cruzada no projeto.
Resiliência a Intempéries	Telhado metálico e vedação com painéis GRC.	Dificuldades durante chuvas	- Melhorar drenagem e impermeabilização. - Estruturas elevadas em áreas alagáveis.
Infraestrutura Básica	Conexões para água, esgoto e energia.	Serviços precários (saneamento, energia instável).	- Garantir infraestrutura permanente no entorno. - Sistemas off-grid (energia solar).
Reutilização e Sustentabilidade	Módulos reutilizáveis e transportáveis.	Origem dos materiais não é discutida.	Priorizar materiais reciclados e de baixo impacto. Logística reversa pós-uso.
Espaços Externos e Sociais	Layout interno funcional (banheiro, cozinha).	- Áreas comuns insuficientes; lavanderia desprotegida.	- Criar espaços cobertos compartilhados. - Envolver a comunidade no design.
Adequação Cultural e Privacidade	Estrutura padronizada para rápida instalação.	Falta de identidade cultural; pouca privacidade externa.	Permitir personalização pelos usuários. Barreiras visuais naturais (cercas vivas).

Fonte: Adaptado de Ribeiro *et al.*, (2025)

5.2 PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO DOS ENTREVISTADOS

Os cinco grupos de participantes descritos na metodologia apresentam características socioeconômicas e familiares diversas, refletindo realidades distintas em termos de renda, escolaridade, estrutura familiar e local de origem. A maioria é natural do Rio Grande do Sul, com exceção de um entrevistado natural da Argentina e outro do Haiti, evidenciando uma pequena presença de imigrantes na amostra.

Características Demográficas e Familiares

Quanto a idade há uma variação significativa, desde jovens de 26 anos até idosos de 69 anos, com predominância de adultos entre 40 e 50 anos.

Sobre o Estado Civil predominam solteiros e casados, com um caso de união estável ("amasio").

A maioria possui filhos, variando de 1 a 8, com situações de perda (uma entrevistada teve um filho falecido). Alguns têm filhos adultos, enquanto outros crianças pequenas, evidenciando diferentes fases da vida familiar.

A maior parte possui baixa escolaridade, com vários entrevistados tendo apenas o ensino fundamental incompleto (entre a 2ª e a 8ª série). Poucos completaram o ensino médio, e apenas uma entrevistada (professora) possui formação superior.

A maioria sobrevive com até um salário mínimo, indicando uma condição financeira limitada. Apenas uma professora possui renda superior (R\$3.000,00). Um entrevistado não trabalha e depende de auxílios.

As ocupações variam entre trabalhos informais (montador, jardineiro), cuidadores e uma professora. Alguns entrevistados não exercem atividade remunerada, possivelmente dependendo de programas sociais.

Um caso específico é o do Cacique indígena, que exerce liderança comunitária, refletindo uma realidade cultural distinta.

Há representatividade de povos indígenas (*Xokleng*) e imigrantes (haitiano e argentino), mostra a pluralidade étnica da pesquisa.

O perfil dos entrevistados revela uma população majoritariamente de baixa renda, com escolaridade limitada e famílias numerosas em alguns casos. A presença de imigrantes e indígenas amplia a diversidade do grupo, enquanto a

renda restrita e a informalidade no trabalho sugerem desafios socioeconômicos comuns.

5.3 RESULTADO DAS ENTREVISTAS: PADRÕES, TEMAS E RELAÇÕES

O principal objetivo das entrevistas consistiu em coletar informações detalhadas e aprofundadas acerca das experiências, percepções, opiniões e motivações de vítimas de desastres em relação aos atributos ambientais das habitações temporárias que promovem bem-estar. Em contraste com abordagens quantitativas, que buscam generalizações estatísticas, a entrevista qualitativa adotada neste estudo visou captar a riqueza e a complexidade da realidade social por meio de narrativas e diálogos, permitindo uma compreensão mais contextualizada dos fenômenos investigados.

5.3.1 Análise das Entrevistas do Grupo 01

Ao ouvir os moradores das habitações temporárias em Estrela/RS (G1), ficou claro que certos aspectos do ambiente fazem muita diferença para o bem-estar de quem foi deslocado por desastres naturais. Nas falas, a privacidade, a segurança, o conforto térmico e a boa organização dos espaços aparecem como pontos-chave para que essas pessoas consigam recuperar um pouco de estabilidade e manter a dignidade depois de perderem suas casas.

Um dos temas mais recorrentes é a privacidade, frequentemente associada à posse de um banheiro próprio e a um espaço individualizado, contrastando com a experiência traumática dos abrigos coletivos. Como afirmou uma entrevistada: *"A primeira sensação que a gente teve foi a de que você tem um banheiro para ti, um lugar para chamar de teu, onde você pode sair e fechar a porta"* (Entrevista 01). Essa necessidade de intimidade foi reforçada por outra participante, que descreveu o abrigo como um ambiente caótico: *"Lá não tinha privacidade, todo mundo junto, dormindo no chão"* (Entrevista 03). A ausência de divisórias adequadas e a exposição constante a ruídos e conflitos no ginásio intensificavam o estresse, enquanto a habitação temporária oferecia um refúgio individualizado.

Outro aspecto crítico é a segurança, tanto física quanto psicológica. Os entrevistados relataram sentir-se mais protegidos nas casas provisórias, mesmo que

localizadas em áreas mais afastadas. *"Aqui a gente dorme e até esquece a porta aberta."* (Entrevista 03), refletindo uma tranquilidade ausente nos abrigos, onde furtos eram comuns. Além disso, a segurança contra desastres naturais foi destacada: *"Melhor aqui, mesmo apertado, do que lá embaixo, na enchente"* (Entrevista 01). A garantia de que as novas moradias não seriam afetadas por inundações trouxe alívio emocional significativo.

O conforto térmico e a adaptação climática emergiram como desafios persistentes. A falta de sombra e ventilação adequada foi amplamente criticada: *"Uns dias atrás estava muito quente. Não tem sombra na frente, não tem vento"* (Entrevista 01). Soluções improvisadas, como toldos e áreas externas cobertas, foram mencionadas como necessidades não atendidas pelo projeto original. Uma idosa ressaltou: *"O sol bate dentro da casa. A única coisa que eu queria era uma área coberta"* (Entrevista 02), evidenciando a carência de planejamento para condições climáticas extremas.

A organização espacial e o tamanho das moradias também foram ambivalentes. Enquanto alguns residentes valorizaram a funcionalidade mínima (*"A cozinha tá boa, não precisaria de tanto espaço"* – Entrevista 01), outros criticaram a insuficiência de área útil, especialmente para famílias maiores. A sobreposição de funções em ambientes reduzidos gerava desconforto: *"Às vezes eu fico com estresse porque é muito apertadinho. Boto algo aqui e tropeço ali"* (Entrevista 01). A impossibilidade de ampliação, devido a restrições municipais, exacerbou frustrações.

Por fim, a autonomia e a dignidade apareceram como pilares do bem-estar. A capacidade de cozinhar, organizar pertences e controlar rotinas contrastou com a dependência nos abrigos, onde *"não podia cozinhar, a comida vinha com cabelo, arroz duro"* (Entrevista 01). A retomada de hábitos cotidianos, como preparar refeições, foi descrita como reconfortante: *"Aqui a gente faz nossa comida, isso traz segurança"* (Entrevista 03).

Em síntese, os atributos que mais contribuíram para o bem-estar foram a privacidade, a segurança estrutural e a autonomia, enquanto deficiências no conforto térmico e no dimensionamento espacial representaram limitações. Como concluiu uma moradora: *"Faltou pouco para ser ideal: um pouco mais de espaço e divisões melhores"* (Entrevista 01). Essas evidências sugerem que projetos futuros devem priorizar não apenas a urgência habitacional, mas também a qualidade ambiental,

integrando elementos como ventilação, áreas sombreadas e layouts adaptáveis às dinâmicas familiares.

Quadro 18 - Resultado das Entrevistas do Grupo 01

Atributo Ambiental	Impacto no Bem-Estar	Citações Relevantes
Privacidade	Proporciona dignidade, reduz estresse e sensação de exposição.	"A primeira sensação foi ter um banheiro só para ti, um lugar para chamar de teu" (Entrevista 01). "No abrigo, não tinha privacidade, todo mundo junto" (Entrevista 03).
Segurança	Tranquilidade contra violência e desastres naturais.	"Aqui a gente dorme e esquece a porta aberta" (Entrevista 03). "Melhor aqui, apertado, do que na enchente" (Entrevista 01).
Conforto Térmico	Falta de sombra/ventilação gera desconforto; soluções improvisadas são necessárias.	"O sol bate dentro da casa. Queria uma área coberta" (Entrevista 02). "Estava muito quente, não tem vento" (Entrevista 01).
Tamanho e Organização	Espaço insuficiente causa estresse; funcionalidade mínima é valorizada.	"É muito apertadinho, boto algo aqui e tropeço ali" (Entrevista 01). "A cozinha tá boa, mas o quarto podia ser maior" (Entrevista 01).
Autonomia e Dignidade	Poder cozinhar e controlar o espaço restaura normalidade e autoestima.	"Aqui a gente faz nossa comida, isso traz segurança" (Entrevista 03). "No abrigo, a comida vinha estragada" (Entrevista 01).
Acesso a Serviços	Distância de hospitais e creches é um problema.	"Falta posto de saúde e creche" (Entrevista 04).

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.2 Análise das Entrevistas do Grupo 02

As entrevistas com moradores das habitações temporárias em Estrela/RS (G2) mostram padrões e temas comuns que ajudam a entender quais características do ambiente favorecem o bem-estar nesses locais. Privacidade, possibilidade de adaptar o espaço e sensação de segurança aparecem como aspectos centrais, especialmente quando comparados às experiências difíceis vividas nos abrigos coletivos. Como relatou uma das entrevistadas, passar por um abrigo foi algo

transformador e doloroso: *“a pessoa nunca vai ser a mesma depois que passar por uma situação dessas”* (Entrevista 05). Essa mudança na forma de enxergar o “morar” fez com que elementos antes vistos como secundários — como ter um espaço íntimo e poder controlar as interações com os outros — ganhassem muito mais valor.

O conforto térmico das construções surge como atributo ambivalente. Embora a entrevistada 05 tenha destacado positivamente que *“ele é bem térmico dentro”*, o entrevistado 06 apontou o calor como problema crítico, sugerindo soluções arquitetônicas passivas como *“película nos vidros para não entrar tanto sol”*. Essa dualidade revela a importância de sistemas de controle ambiental adaptáveis às variações sazonais e às diferentes configurações familiares.

A adaptabilidade espacial mostra-se igualmente crucial, exemplificada pela construção da varanda na habitação temporária da Entrevista 05, que surgiu como solução para supervisionar as crianças: *“a gente foi obrigado a construir isso aqui. Que daí cria um espaço pra ele brincar aqui”*. Essa modificação espontânea indica a necessidade de espaços intermediários entre o público e o privado nas habitações temporárias.

A proximidade de equipamentos urbanos revela-se fator determinante para o bem-estar, particularmente para famílias com crianças. A presença de áreas de lazer supervisionáveis é valorizada, como mencionado: *“eles tem aqui em cima uma pracinha que eles vão sempre”* e *“graças a Deus a gente pegou essa casa aqui porque aí tem ela pode brincar bem tranquilo”*. Contudo, a entrevista 06 aponta carências na oferta de equipamentos urbanos: *“sentimos falta de uma praça e também a escola é muito distante”*. A importância do espaço exterior controlado contrasta com a experiência traumática no abrigo, onde a ausência de limites físicos gerava vulnerabilidade: *“a gente só tinha o colchão no piso e feito com cadeira, com delimitou para que ninguém pisasse em nós”*.

A dimensão psicológica do deslocamento forçado manifesta-se no relato da entrevistada 05 sobre depressão no abrigo, onde a perda de privacidade e a convivência compulsória com *“mais de cem pessoas”* representaram ruptura cultural. A transição para a habitação temporária permitiu a reconstrução de rotinas e a reapropriação de hábitos domésticos, como evidenciado pela preocupação com a lavanderia: *“a máquina de secar, e a de lavar fica na chuva, porque não tem como*

por dentro da casa". Esses elementos aparentemente prosaicos revelam-se fundamentais para a reconstituição identitária pós-desastre.

A análise comparativa entre os relatos demonstra que os atributos ambientais promotores de bem-estar nas habitações temporárias articulam-se em três dimensões inter-relacionadas: a física (controle térmico, espaços adaptáveis, infraestrutura adequada), a social (espaços de convivência moderada, proximidade a equipamentos urbanos) e a psicológica (privacidade, segurança, possibilidade de rotinas domésticas). Como sintetiza a entrevistada 05, o processo transformou sua compreensão do habitar: *"não é preciso ter uma casa tão grande pra gente ter tudo que a gente precisa"*. Essa reavaliação de valores, contudo, não elimina a necessidade de que as habitações temporárias incorporem soluções técnicas que respondam às complexas necessidades humanas em contextos de transição habitacional pós-desastre.

Assim sendo, os atributos que mais contribuem para o bem-estar em habitações temporárias, segundo relatos do Grupo 02, são aqueles que garantem conforto ambiental, privacidade, segurança e possibilidade de adaptação, além de integrarem espaços coletivos bem localizados. A comparação com a experiência traumática dos abrigos reforça a importância desses elementos na reconstrução pós-desastre.

Quadro 19 - Resultado das Entrevistas do Grupo 02

Atributos Ambientais	Descrição	Evidências das Entrevistas
Conforto Térmico	Isolamento térmico adequado, soluções passivas (películas, ventilação)	<i>"Ele é bem térmico dentro"</i> (Entrevista 05); <i>"Poderiam ter colocado película nos vidros"</i> (Entrevista 06).
Privacidade	Delimitação clara de espaços íntimos, separação entre áreas comuns e privativas	<i>"No abrigo não tinha privacidade, muito barulho"</i> (Entrevista 06); <i>"Morar com cem pessoas no mesmo lugar foi difícil"</i> (Entrevista 05).
Adaptabilidade	Flexibilidade para modificações (varandas, áreas externas), mobiliário ajustável	<i>"A gente foi obrigado a construir a varanda para a criança brincar"</i> (Entrevista 05).

Segurança e Controle	Espaços supervisionáveis para crianças, proximidade visual entre interior e exterior	<i>"Tem todo esse pátio, ela brinca e eu fico olhando"</i> (Entrevista 05).
Infraestrutura Básica	Áreas de serviço cobertas, sistema hidráulico funcional	<i>"A máquina de lavar fica na chuva, precisaria de um telhadinho"</i> (Entrevista 05); <i>"A casa alaga no banho"</i> (Entrevista 06).
Espaços de Convivência	Áreas comunitárias próximas (praças, espaços de lazer)	<i>"Tem uma pracinha onde as crianças brincam"</i> (Entrevista 05); <i>"Sinto falta de uma praça"</i> (Entrevista 06).
Acessibilidade a Serviços	Proximidade de escolas, comércio e transporte	<i>"A escola é muito distante"</i> (Entrevista 06).
Identidade e Pertencimento	Possibilidade de personalização do espaço, resgate de rotinas domésticas	<i>"Depois do abrigo, ter um lugar, mesmo pequeno, é tudo"</i> (Entrevista 05).

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.3 Análise das Entrevistas do Grupo 03

As entrevistas do Grupo 03 mostraram padrões claros sobre as condições de vida nesses locais, apontando tanto pontos positivos quanto desafios importantes. A privacidade foi um dos assuntos mais comentados, vista como uma grande melhora em relação aos abrigos coletivos, como ginásios. As moradoras destacaram o quanto é valioso ter um espaço só seu, dizendo coisas como: *"A privacidade que no abrigo não tinha"* (Entrevista 10) e *"É bom, a gente tem muita privacidade"* (Entrevista 08). A ausência de compartilhamento forçado de banheiros também foi mencionada como um avanço, evidenciando a valorização de delimitações claras entre espaços coletivos e privados.

No entanto, questões relacionadas ao conforto térmico e ventilação emergiram como um problema crítico. As moradoras relataram desconforto devido ao calor excessivo no interior das unidades, com expressões como *"O calor é o pior problema, parece que estamos numa sauna"* (Entrevista 10) e *"A temperatura é muito quente, é melhor ficar lá fora do que aqui dentro"* (Entrevista 09). A falta de ventilação adequada e a inexistência de estratégias de sombreamento, como toldos ou beirais, agravam essa condição, impactando diretamente a habitabilidade.

Outro padrão identificado foi a insuficiência de espaço interno e organização, com queixas recorrentes sobre a limitação de área para armazenamento e mobilidade. Relatos como *"O espaço é horrível, no banheiro você tem que sentar de lado"* (Entrevista 09) e *"É pequeno, tem muitas pessoas, e é difícil acomodar tudo"* (Entrevista 08) ilustram as dificuldades enfrentadas, especialmente por famílias maiores. A mobília inadequada, como beliches pequenos e mesas altas, também foi criticada, evidenciando a falta de adaptação ergonômica às necessidades dos usuários.

A qualidade da água e a infraestrutura sanitária também foram apontadas como preocupações relevantes. Declarações como *"A água era rara aparecer"* (Entrevista 07) e *"Melhorar a qualidade da água"* (Entrevista 08) indicam falhas no fornecimento e na potabilidade, fatores essenciais para a saúde e o bem-estar. Além disso, a localização e o acesso a serviços foram mencionados como obstáculos, com relatos de que *"É tudo longe, tem que pagar Uber pra tudo"* (Entrevista 09) e *"O mercado tem, mas os postos estão tudo lá embaixo no centro"* (Entrevista 10), demonstrando a necessidade de maior proximidade ou transporte acessível a serviços essenciais.

A falta de proteção contra intempéries, como sol e chuva, também foi destacada, com demandas por estruturas como beirais e toldos para mitigar a incidência solar direta e evitar infiltrações. Citações como *"Precisaria de um beiral, uma proteção, um toldo"* (Entrevista 09) e *"O sol bate demais e não tem nada que o proteja"* (Entrevista 10) reforçam a necessidade de intervenções que melhorem a habitabilidade.

Com base nos depoimentos, os atributos ambientais mais valorizados para o bem-estar em habitações temporárias, segundo o Grupo 03, incluem: privacidade, ventilação adequada, espaço interno bem distribuído, qualidade da água e saneamento, proteção térmica eficiente e localização próxima a serviços. Os problemas mais críticos a serem resolvidos são o calor excessivo, a falta de espaço para famílias numerosas, a mobília inadequada e a distância de serviços essenciais.

Quadro 20 - Resultado das Entrevistas do Grupo 03

Atributos Ambientais	Impacto no Bem-Estar	Problemas Identificados
----------------------	----------------------	-------------------------

Privacidade		Melhora a dignidade e o conforto, evitando exposição em espaços coletivos.	Falta de privacidade em abrigos coletivos (banheiros compartilhados, dormitórios abertos).
Ventilação e Temperatura	e	Ambientes bem ventilados reduzem o calor excessivo, aumentando o conforto térmico.	Calor intenso, falta de circulação de ar ("parece uma sauna").
Espaço Organização Interna	e	Espaço adequado facilita a mobilidade e o armazenamento, reduzindo estresse.	Unidades apertadas, falta de armários, mobília inadequada.
Qualidade da Água e Saneamento	da e	Água potável e saneamento básico são essenciais para saúde e higiene.	Falta de água, qualidade ruim, infraestrutura precária.
Localização Acesso Serviços	e a	Proximidade com serviços (saúde, transporte, mercado) facilita a vida cotidiana.	Habitações afastadas, custo alto de deslocamento.
Proteção Contra Intempéries		Beirais e toldos reduzem calor e infiltrações, melhorando conforto.	Exposição ao sol/chuva, infiltrações.
Mobília Ergonomia	e	Mobília adequada (altura correta, beliches espaçosos) evita desconforto físico.	Beliches pequenos, mesas altas, falta de armazenamento.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.4 Análise da Entrevista do Assistente Social

A análise da entrevista com a assistente social responsável pelo abrigo municipal de Cruzeiro do Sul/RS revela que a transição do abrigo coletivo para as casas provisórias em formato de contêineres representou uma mudança crucial na qualidade de vida dos desabrigados, destacando elementos como privacidade, autonomia e conforto térmico como fatores centrais.

Um dos temas mais recorrentes é a privacidade, citada como um "*divisor de águas*" após a mudança para as casas provisórias. A assistente social relata que, nos abrigos coletivos, mesmo com divisórias improvisadas por ONGs, o ambiente permanecia inadequado: "*por mais que o abrigo tenha divisórias, é um ambiente coletivo, não é um ambiente privativo*". A possibilidade de ter um banheiro exclusivo

para a família ou dormir sem o barulho constante de terceiros foi descrita como uma conquista fundamental. Essa percepção reforça a ideia de que a individualização do espaço é um atributo essencial para a recuperação psicológica e emocional após traumas coletivos, como enchentes.

Outro aspecto relevante é a autonomia, especialmente no que diz respeito à organização da rotina doméstica. Enquanto no abrigo as refeições eram fornecidas de forma centralizada, nas casas provisórias as famílias passaram a receber auxílio-alimentação e a cozinhar por conta própria: *"passaram a ter autonomia para fazer a sua comida [...] e aí eles se animaram para poder ir trabalhar"*. Essa retomada do controle sobre o cotidiano parece estar associada à sensação de normalidade e à reconstrução identitária, elementos críticos para o bem-estar em situações de desastre.

No entanto, a entrevista também aponta limitações estruturais que comprometem o conforto, sendo o calor excessivo um dos principais problemas relatados: *"nos dias quentes ali está muito calor, só que não tem como colocar ar-condicionado em função da rede de luz não comporta"*. A falta de sombreamento natural agrava a situação, já que áreas com maior presença de árvores são descritas como mais frescas e menos críticas. A assistente social sugere soluções adaptativas, como a instalação de toldos ou a seleção de terrenos previamente arborizados para futuras implantações, indicando que o planejamento ambiental prévio é um fator determinante para a habitabilidade temporária.

A organização espacial interna também emerge como um tema relevante. Apesar do espaço reduzido, a assistente social destaca que a ausência de mobília pessoal (guardada em outro local) permitiu uma melhor adaptação: *"se tivesse que colocar mais os móveis deles, não teria possibilidade"*. Esse dado sugere que a flexibilidade no uso do espaço e a disponibilidade de áreas de armazenamento externas são estratégias importantes para otimizar ambientes compactos.

Por fim, a entrevista ressalta a necessidade de planejamento urbano e políticas públicas preventivas, já que o município não possuía um plano de gestão de riscos antes das enchentes catastróficas. A assistente social menciona que *"os municípios atingidos vão ter que se organizar para isso no futuro"*, incluindo a construção de abrigos temporários melhor estruturados e a avaliação de locais com melhores condições ambientais, como áreas sombreadas.

Em síntese, os atributos ambientais que promovem o bem-estar em habitações temporárias incluem: (1) a garantia de privacidade e individualização dos espaços; (2) a possibilidade de autonomia doméstica; (3) soluções para conforto térmico, como sombreamento e ventilação; e (4) um planejamento espacial que priorize a funcionalidade em ambientes reduzidos. A experiência de Cruzeiro do Sul demonstra que, embora as habitações provisórias representem um avanço em relação aos abrigos coletivos, sua eficácia depende de intervenções técnicas e ambientais cuidadosas, além da integração com políticas públicas de gestão de riscos. Como conclui a entrevistada, *"tem que se planejar como vão ser esses alojamentos temporários"*, evidenciando a importância de lições aprendidas para futuras respostas a desastres.

Quadro 21 - Resultado das Entrevistas com o Assistente Social

Atributos Ambientais	Descrição	Impacto no Bem-Estar	Exemplo da Entrevista
Privacidade	Espaços individualizados, com áreas exclusivas para a família (como banheiros e quartos).	Reduz o estresse e promove segurança emocional, permitindo a recuperação psicológica após o desastre.	<i>"A maior alegria deles era poder ter um banheiro só pra família."</i>
Autonomia Doméstica	Possibilidade de cozinhar, organizar horários e gerenciar recursos sem dependência de estruturas coletivas.	Restaura senso de normalidade e controle sobre a rotina, incentivando a reinserção social e laboral.	<i>"Passaram a ter autonomia para fazer sua comida [...] se animaram para ir trabalhar."</i>
Conforto Térmico	Soluções para amenizar o calor, como sombreamento (toldos, árvores) e ventilação adequada.	Melhora a habitabilidade, evitando desconforto físico e problemas de saúde em climas extremos.	<i>"Nos dias quentes está muito calor [...] um toldo para ter uma areazinha externa ajudaria."</i>
Organização Espacial Flexível	Espaços adaptáveis, com armazenamento externo para móveis pessoais e otimização de ambientes pequenos.	Facilita a funcionalidade em moradias compactas, evitando sensação de caos ou superlotação.	<i>"Como não ia caber no contêiner [...] as coisas deles foram levadas para outro espaço."</i>

Arborização e Ambiente Natural	Presença de vegetação no entorno, proporcionando sombra e melhor microclima.	Reduz desconforto térmico e contribui para bem-estar psicológico, criando ambientes mais saudáveis.	<i>"Onde tem árvores na volta, ninguém tá reclamando do calor."</i>
Infraestrutura Básica Adequada	Rede elétrica compatível, saneamento e acesso a serviços (luz, água, fossa).	Garante condições mínimas de dignidade e funcionalidade do espaço.	<i>"O município prepara o terreno, faz fossa, rede de luz [...]."</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.5 Análise das Entrevistas do Grupo 04

A entrevista realizada com o Cacique Xokleng revela atributos ambientais considerados essenciais para o bem-estar em habitações temporárias, especialmente em contextos de emergência que afetam comunidades indígenas.

Um dos aspectos mais destacados é a necessidade de respeito à cultura no desenho dos abrigos, conforme expresso na fala: *"ele deve ser considerado a cultura e ter segurança"*. Essa afirmação sugere que, além da funcionalidade estrutural, o espaço deve incorporar elementos identitários que assegurem a continuidade das práticas tradicionais, evitando assim a sensação de desenraizamento.

Outro tema recorrente é a infraestrutura básica integrada, incluindo serviços de saúde, educação e assistência social. O entrevistado enfatiza que a falta desses recursos gera estresse e desassistência: *"Um abrigo precisa ter atendimento à saúde, à educação, ao social"*. Essa demanda reflete a insuficiência das respostas emergenciais, que frequentemente se limitam ao fornecimento de cestas básicas, sem abordar questões estruturais. O relato sobre as enchentes recorrentes ilustra essa fragilidade: *"a Defesa Civil não vem cumprindo com os acordos [...] o único apoio que eles dão é a cesta básica"*.

A localização estratégica dos abrigos também emerge como um fator crítico. O cacique propõe que essas estruturas sejam distribuídas conforme a geografia das aldeias, especialmente em áreas vulneráveis a desastres: *"onde existem essas aldeias que ficam ilhadas, teria que ter esses abrigos, né? Com toda a estrutura"*. Essa fala evidencia a importância de planejar habitações temporárias não apenas

como soluções pontuais, mas como parte de uma rede de proteção territorial, considerando riscos ambientais previsíveis, como alagamentos.

Por fim, a organização espacial conforme a dinâmica familiar e comunitária é outro atributo relevante. O entrevistado menciona que as famílias indígenas costumam viver em grupos ampliados, o que demanda espaços adaptáveis: *"Geralmente vivemos juntos em três famílias, o que dá um total de 8 a 12 pessoas"*. Essa configuração contrasta com modelos convencionais de abrigos, muitas vezes pensados para núcleos familiares reduzidos, reforçando a necessidade de flexibilidade no desenho arquitetônico.

Em síntese, os padrões identificados apontam para a interdependência entre dimensões materiais e simbólicas no bem-estar de populações indígenas em abrigos temporários. A efetividade desses espaços depende não apenas da provisão de segurança física e serviços, mas também do reconhecimento de práticas culturais, da integração com o território e da adaptação às estruturas sociais coletivas. Como destacado pelo cacique, a ausência desses elementos perpetua ciclos de vulnerabilidade, em que as respostas institucionais se mostram insuficientes diante de crises recorrentes.

Quadro 22 - Resultado das Entrevistas com Grupo 04

Atributos Ambientais	Descrição	Exemplo da Entrevista
Respeito à Cultura	Espaços que incorporam elementos identitários e tradições das comunidades.	<i>"ele deve ser considerado a cultura e ter segurança"</i>
Infraestrutura Integrada	Acesso a serviços básicos como saúde, educação e assistência social.	<i>"Um abrigo precisa ter atendimento à saúde, à educação, o social"</i>
Localização Estratégica	Distribuição de abrigos em áreas vulneráveis, considerando riscos ambientais.	<i>"onde existem essas aldeias que ficam ilhadas, teria que ter esses abrigos, né?"</i>
Adaptação à Dinâmica Familiar	Espaços flexíveis que acomodam famílias ampliadas (8 a 12 pessoas).	<i>"Geralmente vivemos juntos em três famílias, o que dá um total de 8 a 12 pessoas"</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.6 Análise da Entrevista do Grupo 05

A análise da entrevista com um imigrante haitiano que vivenciou a experiência de abrigo emergencial no Acre, revela padrões e temas recorrentes que elucidam os atributos ambientais essenciais para promover o bem-estar em contextos de deslocamento forçado. A narrativa do entrevistado destaca a profunda interação entre as condições físicas do abrigo e o estado psicológico dos residentes, evidenciando que a precariedade da estrutura exacerbou sentimentos de angústia e desespero. Como relatou, "*não tinha estrutura suficiente de banheiros, nem cozinha, refeitório*", o que obrigava os abrigados a improvisarem soluções insalubres, como cozinhar com latas de extrato de tomate e tomar banho de balde. A ausência de privacidade e a superlotação—"apenas colchonetes jogados pelo chão"—transformavam o espaço em um ambiente de estresse constante, onde a dificuldade para dormir e o excesso de barulho agravavam o sofrimento emocional decorrente da separação familiar.

Um tema central que emerge da fala do entrevistado é a importância da privacidade como um atributo fundamental para o bem-estar. A exposição contínua a um espaço coletivo sem divisórias ou áreas reservadas para as famílias gerava desconforto e vulnerabilidade, reforçando a necessidade de que habitações temporárias assegurem, no mínimo, a possibilidade de higiene e repouso sem a intrusão alheia. Além disso, a organização dos espaços coletivos também se mostrou relevante, não apenas para atividades cotidianas, mas como um meio de fomentar suporte social e troca de informações. O entrevistado mencionou que, apesar das condições adversas, o sentimento de pertencimento era fortalecido pela presença majoritária de haitianos—"todos se ajudavam, eram como irmãos"—e pelo acolhimento de voluntários brasileiros que ofereciam orientações sobre regiões e oportunidades no país. Esse aspecto sugere que a convivência comunitária e o acesso a informações claras funcionam como mecanismos de redução da ansiedade e da incerteza, elementos cruciais em situações de desamparo.

Outro padrão identificado foi a demanda por estruturas que transcendam o básico, incorporando elementos que promovam normalidade e distração. O entrevistado expressou o desejo por uma sala coletiva com televisor, não apenas

para entretenimento—"ver futebol para relaxar"—mas como um canal de comunicação essencial para notícias e orientações. Sua fala, *"Quem fica numa situação assim não sabe o que fazer, nem para onde ir, é um sentimento desesperador sobre a falta de direcionamento"*, sublinha a importância de ambientes que ofereçam segurança informacional, reduzindo a sensação de caos e desorientação. A sugestão de que o espaço poderia ser utilizado para cursos de qualificação profissional também aponta para a necessidade de oportunidades de capacitação, as quais restituíam um senso de propósito e autonomia.

Por fim, o entrevistado sintetizou seus anseios em palavras-chave: "Comida, Banheiro, Cama, Privacidade, Televisão, Informação e Orientação". Essa seleção reforça a hierarquia de necessidades, onde aspectos materiais básicos são fundamentais, mas não suficientes sem a inclusão de componentes psicossociais, como acesso à informação e espaços de convivência organizados. A análise dessa entrevista permite concluir que, para promover o bem-estar em habitações temporárias, é indispensável equilibrar infraestrutura adequada—com dormitórios, banheiros e cozinhas funcionais—com ambientes que resguardecam a privacidade, facilitem a interação social e forneçam meios de comunicação e capacitação. Como demonstrado na experiência, a carência desses atributos não apenas agrava o sofrimento imediato, mas também prolonga a sensação de desenraizamento, enquanto sua presença pode mitigar traumas e restaurar um senso de dignidade e controle sobre a própria vida.

Quadro 23 - Resultado da Entrevista com Grupo 05

Atributos Ambientais	Impacto no Bem-Estar	Evidências na Entrevista
Banheiros funcionais	Garante higiene e dignidade	"Tomavam banho de balde porque não tinham chuveiros."
Cozinha e refeitório adequados	Permite alimentação adequada e convívio social	"Faziam fogo na área externa... improvisavam com latas de extrato de tomate."
Camas individuais ou colchões organizados	Assegura repouso mínimo e reduz desconforto físico	"Eram apenas colchonetes jogados pelo chão."

Divisórias ou espaços reservados	Preserva a intimidade e reduz estresse	"Famílias... permaneciam nestes espaços por dias sem privacidade."
Sala comunitária (TV, informações)	Proporciona distração, acesso a notícias e orientações	"Deveria ter uma sala coletiva com televisor... para ver notícias e relaxar."
Áreas para interação social	Fortalece vínculos e senso de pertencimento	"Todos se ajudavam, eram como irmãos."
Acesso a notícias e cursos	Reduz ansiedade e oferece perspectivas futuras	"Quem fica numa situação assim não sabe o que fazer... é um sentimento desesperador."
Controle de superlotação e ruído	Melhora a qualidade do sono e reduz irritabilidade	"O excesso de barulho, dificuldade para dormir, tudo isso gerava estresse."
Presença de voluntários e apoio	Proporciona suporte emocional e integração social	"Me senti muito acolhido pelos brasileiros."

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.7 Conclusão das Entrevistas

A análise integrada das entrevistas realizadas com moradores de habitações temporárias, assistentes sociais, lideranças indígenas e imigrantes em situações de deslocamento forçado revela um conjunto de atributos ambientais fundamentais para a promoção do bem-estar em contextos de transição pós-desastre. Os relatos demonstram que, embora as habitações temporárias representem uma melhoria significativa em relação aos abrigos coletivos, sua eficácia depende da incorporação de elementos que vão além da mera provisão de abrigo, englobando dimensões físicas, sociais, culturais e psicológicas.

A privacidade emerge como um dos fatores mais críticos, destacado por todos os grupos entrevistados como essencial para a recuperação da dignidade e a redução do estresse pós-traumático. A possibilidade de ter espaços individualizados, como banheiros exclusivos e áreas de repouso reservadas, contrasta fortemente com a exposição constante dos abrigos coletivos, onde a falta de delimitação física exacerbava sentimentos de vulnerabilidade. Como evidenciado pelos relatos dos

moradores de Estrela/RS e pelo imigrante haitiano, a privacidade não apenas restaura a autonomia, mas também permite a reconstrução de rotinas domésticas, funcionando como um mecanismo de normalização em meio ao caos.

Outro aspecto central é a segurança, tanto física quanto emocional. A sensação de proteção contra desastres recorrentes (como enchentes) e contra violências cotidianas (como furtos em abrigos) foi amplamente mencionada. As habitações temporárias, ainda que modestas, ofereciam um ambiente mais controlado, onde as famílias podiam recuperar um senso de estabilidade. No entanto, desafios persistem, especialmente em relação ao conforto térmico, um problema recorrente em todas as entrevistas. A falta de ventilação adequada, sombreamento e isolamento térmico transformava as unidades em ambientes hostis durante períodos de calor intenso, demandando soluções adaptativas como toldos, películas reflexivas e arborização do entorno.

A organização espacial e a adaptabilidade também se mostraram determinantes para o bem-estar. Espaços reduzidos e mal planejados, com mobília inadequada e falta de áreas de armazenamento, geravam desconforto e estresse, especialmente para famílias maiores. Em contrapartida, a flexibilidade para modificações—como a construção de varandas ou a divisão de ambientes—foi valorizada, indicando a necessidade de projetos que permitam personalização conforme as dinâmicas familiares. Essa demanda é ainda mais crítica em contextos indígenas, onde a ocupação coletiva por famílias ampliadas exige layouts que respeitem estruturas comunitárias tradicionais, como destacou o Cacique *Xokleng*.

A acessibilidade a serviços básicos (saúde, educação, transporte) e a infraestrutura integrada foram apontadas como lacunas persistentes, principalmente em habitações temporárias localizadas em áreas periféricas. A distância de equipamentos urbanos não apenas dificultava a reinserção social, mas também reforçava a marginalização dos deslocados. O relato da assistente social de Cruzeiro do Sul e dos moradores de Estrela/RS enfatiza que a localização estratégica dessas habitações—próxima a redes de apoio—é tão crucial quanto a qualidade da construção em si.

Por fim, a dimensão cultural e psicossocial revelou-se indispensável. Para populações indígenas e imigrantes, a falta de espaços que respeitem identidades

coletivas e ofereçam oportunidades de integração (como salas comunitárias com acesso a informações e cursos) agravava o sentimento de desenraizamento. O imigrante haitiano destacou que, mesmo em condições precárias, a convivência comunitária e o acolhimento por voluntários mitigaram o desespero, sugerindo que políticas habitacionais devem incorporar não apenas estruturas físicas, mas também redes de suporte social.

Em síntese, os resultados demonstram que habitações temporárias eficazes devem equilibrar funcionalidade imediata (privacidade, segurança, conforto térmico) com projeção de futuro (acesso a serviços, adaptabilidade espacial, integração cultural). Como apontado pelos entrevistados, a superação da mera emergência exige um planejamento que antecipe riscos, envolve as comunidades no desenho das soluções e considere as habitações temporárias não como fins em si mesmas, mas como etapas na reconstrução de vidas dignas. As lições dessas experiências reforçam a urgência de políticas públicas intersetoriais, que associam abrigo temporário a estratégias de reassentamento permanente, gestão de riscos e inclusão social, evitando que desastres naturais e deslocamentos forçados se traduzam em ciclos prolongados de vulnerabilidade.

Quadro 24 - Síntese das Entrevistas

Atributo	Moradores (G1/ G2 / G3)	Comunidades Indígenas (G4)	Imigrantes (G5)	Profissionais (Assistente Social)
Privacidade	Banheiro individual e delimitação clara de espaços	Respeito à organização familiar coletiva	Áreas reservadas para famílias em abrigos	Divisão por família com banheiro exclusivo
Segurança	Proteção contra desastres e violência	Localização estratégica em áreas de risco	Proteção contra roubos e violência	Terrenos sem risco de desastres
Conforto Térmico	Ventilação, sombreamento (toldos/beirais) e isolamento	Adaptação climática implícita	Ausência total de controle térmico	Arborização e soluções passivas (toldos)

Organização	Espaço adaptável para famílias, mobília ergonômica	Espaços flexíveis para grupos ampliados (8-12 pessoas)	Superlotação e falta de estrutura básica	Otimização de espaços reduzidos
Serviços	Proximidade de saúde, educação e transporte	Infraestrutura integrada (saúde, educação, assistência)	Isolamento geográfico e falta de informação	Infraestrutura pré-instalada (água, luz, fossa)
Autonomia	Cozinhar e gerenciar rotinas	Autonomia coletiva e cultural	Improvisação de recursos (cozinhar com latas)	Autonomia doméstica como fator de reinserção
Cultura	Valorização simbólica da "casa própria"	Elementos identitários e dinâmicas comunitárias	Convivência étnica como suporte	Não aplicável

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

5.3.8 Recomendações para Projetos Futuros com base nas Entrevistas

1. Projetos Arquitetônicos:

- Incluir varandas/toldos para sombreamento.
- Priorizar materiais termorreguladores (ex.: isolamento térmico efetivo).
- Criar layouts flexíveis (móveis modulares, divisórias removíveis).

2. Infraestrutura:

- Garantir água potável e drenagem adequada (Grupos 3, 6).
- Instalar energia elétrica compatível com ventiladores/ar-condicionado.

3. Localização:

- Proximidade a serviços básicos (saúde, transporte).
- Terrenos arborizados ou com vegetação (Grupos 2, 3).

4. Aspectos Sociais:

- Para indígenas: Espaços coletivos e parcerias com órgãos públicos.
- Para imigrantes: Áreas de convívio e orientação cultural (Grupo 6).

5.4 RESULTADO DA TÉCNICA POEMA DOS DESEJOS

A técnica revela desejos profundos e necessidades básicas relacionadas à moradia, destacando tanto aspectos físicos quanto emocionais. Os relatos mostram que, mesmo em condições precárias, há gratidão, mas também um forte anseio por dignidade, privacidade, segurança e espaço para viver com autonomia. Principais Temas e Emoções:

- Privacidade e Espaço – Vários depoimentos mencionam a falta de divisões adequadas, quartos pequenos e situações constrangedoras (como banheiros que não fecham).
- Segurança e Conforto Básico – Desejos por água de qualidade, ausência de cheiro de esgoto e ambientes com conforto térmico.
- Autonomia e Pertença – A vontade de "ter minha casinha" e fazer sua vida reflete o desejo de reconstruir uma identidade e rotina.
- Natureza e Sustento – Hortas e jardins aparecem como símbolos de esperança e autossuficiência.
- Gratidão e Resiliência – Mesmo nas dificuldades, há reconhecimento pelo abrigo, mas com a clara percepção de que ele é insuficiente.

Tradução dos Desejos em "Abrigo Ideal"

- Divisões funcionais (banheiro que fecha, quartos separados para adultos e crianças).
- Infraestrutura digna (água limpa, sem esgoto, aquecimento).
- Espaço para cultivo (hortas/jardins como terapia e sustento).
- Um lugar que não seja só temporário, mas que permita reconstruir vidas.

Os relatos mostram que uma casa é muito mais que paredes: é proteção, autonomia e futuro. A técnica capturou não só necessidades materiais, mas também o desejo humano de pertencer e sonhar.

iluminação, ventilação e organização dos espaços, destacando a importância de aspectos que remetem à segurança, privacidade, conforto térmico e sensação de familiaridade.

Quanto aos materiais, houve uma divisão entre aqueles que preferiram blocos de argila ou tijolos, associados a maior segurança e durabilidade, e os que optaram por madeira ou bambu, devido ao conforto térmico e à sensação de aconchego. Alguns participantes também mencionaram a madeira como uma solução mais rápida para construções emergenciais, enquanto o bambu foi destacado por representar uma tradição cultural, especialmente entre comunidades indígenas.

A forma das habitações mostrou uma forte tendência para modelos tradicionais, como casas com telhado em duas águas, que remetem à ideia de um lar convencional. Essa preferência foi justificada pela familiaridade e pela sensação psicológica de estar em uma "casa de verdade", em contraste com formatos mais industriais, como containers ou estruturas cúbicas, que foram associados a ambientes impessoais.

Na implantação dos abrigos, a maioria dos participantes optou por espaços mais distantes entre si, valorizando a privacidade e a possibilidade de expandir suas moradias com hortas, jardins ou áreas de convivência. A proximidade excessiva foi criticada por gerar conflitos entre vizinhos, falta de espaço para crianças brincarem e sensação de aglomeração. No entanto, alguns mencionaram a importância de manter uma certa proximidade para facilitar a interação social, desde que houvesse áreas comuns bem planejadas, como pracinhas ou varandas sombreadas.

Em relação à iluminação e ventilação, predominou a preferência por grandes aberturas e janelas, que permitem entrada de luz natural e circulação de ar, contribuindo para o conforto térmico e a sensação de bem-estar. No entanto, alguns participantes relataram preferir ambientes mais fechados para garantir privacidade ou reduzir o calor excessivo em climas muito quentes.

Quanto à divisão dos espaços internos, a maioria dos entrevistados optou por ambientes separados, com divisórias entre cômodos, especialmente entre quartos e áreas sociais. Essa organização foi associada a maior privacidade e funcionalidade, evitando a sensação de dormitórios compartilhados ou espaços multifuncionais que dificultam a rotina familiar. Apenas um participante mencionou preferir ambientes integrados, possivelmente por questões de otimização de espaço.

Sobre a disposição dos dormitórios, praticamente todos os participantes rejeitaram o uso de beliches, preferindo camas separadas devido a preocupações com segurança (especialmente para crianças), conforto térmico (já que beliches podem ser abafados) e privacidade. Alguns relataram experiências negativas com beliches em abrigos, destacando a sensação de desconforto e a falta de espaço pessoal.

Além disso, questões culturais e de identidade apareceram nas respostas, como no caso dos participantes indígenas, que valorizaram materiais e formas tradicionais de suas comunidades. Isso reforça a importância de considerar as particularidades culturais no desenho de habitações temporárias, garantindo que os espaços não apenas atendam a necessidades físicas, mas também simbólicas e afetivas.

Quadro 26- Síntese das Preferências por Atributos Ambientais

Atributo	Preferências Mais Frequentes	Percentual	Justificativas Principais
Material	Blocos de argila/tijolos	40 % (6/15)	Segurança e durabilidade.
	Madeira	33,3% (5/15)	Madeira (31,3% – 5/15) por conforto térmico e familiaridade, aconchego e memória afetiva. Bambu (13,33% – 2/15) citado por indígenas.
Forma	Tradicional (telhado duas águas)	66,6% (10/15)	Associação a "casa" e identidade cultural. Formas não tradicionais (18,8%).
Implantação	Distante entre abrigos	80% (12/15)	Privacidade, espaço para horta/jardim e evitar conflitos com vizinhos.
Iluminação/Ventilação	Grandes janelas e varandas	66,6% (10/15)	Ventilação, luz natural e integração com exterior. 13,33% (2/15) preferiram sem janelas.
Divisão de Ambientes	Separados (com divisórias)	93,33% (14/15)	Privacidade e organização. 6,66% (1/15) preferiu ambientes integrados.

Quartos (camas)	Camas separadas (não beliches)	93,3% (14/15)	Segurança (evitar quedas), conforto térmico e espaço individual. 6,6% (1/15) citou beliche.
------------------------	--------------------------------	---------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Análise das Preferências dos Usuários: Privacidade, Identidade e Conforto

Os dados coletados demonstram que a maioria dos usuários valoriza espaços que garantam individualidade e segurança, refletindo uma rejeição a modelos padronizados que desconsideram suas particularidades.

A preferência por ambientes reservados é evidente: 80% dos entrevistados optam por abrigos distantes uns dos outros, enquanto 86,6% valorizam espaços separados em detrimento de configurações integradas (apenas 6,6%). Além disso, 93,3% rejeitam beliches, optando por camas individuais, justificando essa escolha por questões de ventilação e segurança, especialmente para crianças (Entrevistas 01 e 09). Esses resultados indicam que soluções coletivas tradicionais, como alojamentos superlotados, são percebidas como inadequadas, reforçando a necessidade de projetos que priorizem a dignidade individual.

A ligação entre moradia e afetividade também se destaca, com 66,6% dos respondentes escolhendo a forma tradicional de casa (telhado duas águas), associada a noções de familiaridade e proteção. Materiais como madeira (33,3%) e blocos (40,0%) foram frequentemente mencionados, remetendo a sensações de segurança e pertencimento. Essa preferência por elementos convencionais sugere que abrigos temporários devem considerar não apenas a funcionalidade, mas também a dimensão simbólica da habitação.

A ventilação e iluminação natural surgem como fatores essenciais, com 66,6% dos participantes priorizando janelas grandes. Relatos sobre beliches destacam desconforto, descrevendo-os como "abafados" e "perigosos" para crianças (Entrevistas 01 e 09), reforçando a inadequação de soluções genéricas que ignoram as condições climáticas e as necessidades específicas dos usuários.

A pesquisa também revelou a importância de incorporar diversidade cultural nos projetos. Entre os entrevistados, indígenas (13,3% das respostas) mencionaram a preferência por materiais como bambu e formas arquitetônicas não convencionais, como colméias ou estruturas em estrela. Essas demandas evidenciam a

necessidade de flexibilidade nos projetos, permitindo adaptações que respeitem tradições locais.

Apesar da ênfase na privacidade, observou-se que a implantação de abrigos próximos pode gerar conflitos com a vizinhança, sendo justificada por questões como barulho e espaço para crianças (Entrevista 01). Paralelamente, surgiram sugestões de espaços comunitários complementares, como praças e áreas sombreadas, indicando que o equilíbrio entre privacidade e convívio é fundamental para o bem-estar coletivo.

Os dados analisados demonstram que segurança, privacidade e reconhecimento cultural são pilares indispensáveis para a efetividade de abrigos temporários. Projetos que ignoram essas dimensões tendem a falhar em seu objetivo de fornecer acolhimento digno. Portanto, recomenda-se que futuras intervenções priorizem:

Configurações que podem proporcionar individualidade, evitando modelos massificados:

- Uso de materiais e formas que remetam à identidade local, assegurando afetividade e familiaridade;
- Adaptações climáticas e culturais, incorporando demandas específicas de diferentes grupos;
- Espaços comunitários complementares, equilibrando privacidade e interação social.

Essas diretrizes podem contribuir para abrigos que não apenas abriguem, mas também restaurem a sensação de dignidade e pertencimento entre seus usuários.

5.6 CONCLUSÕES DO LEVANTAMENTO DE CAMPO

A análise integrada dos resultados obtidos por meio das entrevistas e técnicas aplicadas com moradores de habitações temporárias, assistentes sociais, lideranças indígenas e imigrantes, somada à visita técnica de campo e à avaliação de sustentabilidade das unidades modulares, revela um cenário multifacetado que transcende a mera provisão de abrigo. Os dados coletados demonstram que,

embora essas habitações representam um avanço em relação aos abrigos coletivos, sua eficácia está condicionada à incorporação de dimensões físicas, sociais, culturais e psicológicas, as quais são fundamentais para a promoção do bem-estar em contextos pós-desastre.

A privacidade emergiu como um elemento crítico, destacado por todos os grupos entrevistados como essencial para a recuperação da dignidade e a redução do estresse pós-traumático. A preferência por espaços individualizados, como banheiros exclusivos e quartos separados, contrasta com a exposição constante dos abrigos coletivos, reforçando a necessidade de projetos que garantam autonomia e normalização da vida cotidiana. Da mesma forma, a segurança - tanto física quanto emocional - foi amplamente valorizada, evidenciando que a sensação de proteção é um pilar indispensável para a estabilização das famílias em situação de deslocamento.

No entanto, desafios persistentes foram identificados, especialmente em relação ao conforto térmico, um problema recorrente nas entrevistas e confirmado durante a visita técnica. A ausência de sombreamento, ventilação adequada e isolamento térmico transformou as unidades em ambientes hostis, exigindo adaptações improvisadas pelos próprios moradores. Esse cenário aponta para a necessidade de soluções arquitetônicas que integrem estratégias bioclimáticas desde a fase de concepção dos projetos.

A organização espacial e a adaptabilidade também se mostraram determinantes. Relatos destacaram a inadequação de layouts rígidos e a falta de espaço para armazenamento, enquanto a possibilidade de personalização—como a construção de varandas ou divisões internas—foi valorizada como um mecanismo de apropriação do espaço. Essa demanda é ainda mais premente em contextos indígenas, onde estruturas comunitárias tradicionais exigem configurações flexíveis que respeitem dinâmicas coletivas de habitação.

A avaliação de sustentabilidade conduzida por Ribeiro *et al.*, (2025) corroborou essas limitações, demonstrando que as unidades modulares, apesar de cumprirem requisitos técnicos mínimos, apresentam desempenho insuficiente nos critérios ambientais e sociais. A falta de infraestrutura básica nos entornos, a ausência de participação comunitária no processo de implantação e a inadequação cultural das soluções adotadas reforçam a necessidade de um planejamento mais

integrado, que associe abrigo e habitação temporária a políticas de reassentamento permanente e inclusão social.

As técnicas aplicadas com os moradores - como a identificação de desejos e emoções associados à moradia - revelaram que um abrigo ou uma habitação digna vai além da funcionalidade imediata. A afetividade, o pertencimento e a possibilidade de reconstruir identidades foram temas recorrentes, destacando que soluções padronizadas e descontextualizadas tendem a falhar em seu objetivo central: restaurar a dignidade humana. A valorização de elementos simbólicos, como a forma tradicional de telhados e o uso de materiais que remetem à identidade local, reforça a importância de projetos que equilibrem eficiência técnica e sensibilidade cultural.

Em síntese, os resultados deste estudo indicam que os abrigos e as habitações temporárias eficazes devem ser concebidos como etapas de transição - não como fins em si mesmos, integrando desde o início critérios de sustentabilidade ambiental, participação comunitária e adaptabilidade às necessidades psicossociais dos usuários. A superação da mera lógica emergencial exige políticas públicas intersetoriais, que associem abrigamento temporário a estratégias de longo prazo, como gestão de riscos, acesso a serviços urbanos e reassentamento digno. As lições aprendidas reforçam que, em contextos de desastre, a qualidade das estruturas não se mede apenas pela rapidez de implantação, mas pela capacidade de oferecer um lar provisório que permita sonhar com um futuro possível.

5.7 DISCUSSÕES DA PESQUISA

A análise dos dados coletados em campo, por meio de entrevistas com moradores de habitações temporárias, assistentes sociais, lideranças indígenas e imigrantes, complementada por visitas técnicas e avaliações de sustentabilidade, revela uma convergência significativa com as discussões teóricas apresentadas na revisão de literatura. Às informações obtidas diretamente dos participantes não apenas validam pressupostos centrais das teorias estudadas, mas também ampliam sua aplicação ao contexto pós-desastre, demonstrando como a qualidade do ambiente construído influencia diretamente o bem-estar psicossocial e a recuperação de comunidades deslocadas.

A ênfase dos entrevistados na privacidade como elemento crítico para a recuperação da dignidade e redução do estresse pós-traumático encontra ressonância na Teoria Psicoevolucionista de Ulrich (1984), que associa a restauração psicológica à capacidade de um ambiente oferecer proteção e controle. A preferência por espaços individualizados, como banheiros exclusivos e quartos separados, contrastando com a exposição dos abrigos coletivos, reforça a noção de que ambientes que preservam a intimidade são essenciais para a estabilização emocional. Essa demanda corrobora ainda as formulações de Gifford (1987) sobre privacidade como reguladora das interações sociais e protetora da identidade individual, especialmente em situações de vulnerabilidade.

Da mesma forma, a segurança física e emocional, destacada pelos participantes como pilar para a estabilização familiar, alinha-se aos atributos ambientais propostos por Ulrich (1999), como a ausência de ameaças e a presença de limites claros.

Os problemas recorrentes de conforto térmico, com relatos de unidades excessivamente quentes ou frias devido à falta de sombreamento e ventilação adequada, ecoam as críticas de Evans e McCoy (1998) sobre fatores ambientais estressores. A inadequação térmica não apenas compromete a saúde física, mas também exacerba o estresse psicológico, evidenciando a necessidade de integração de estratégias bioclimáticas desde a fase de projeto – uma lacuna apontada tanto pelos moradores quanto pela avaliação técnica de Ribeiro *et al.*, (2025).

A organização espacial e adaptabilidade emergiram como fatores determinantes para a apropriação do espaço, com críticas aos layouts rígidos e à falta de áreas de armazenamento. Essa demanda por flexibilidade espacial e possibilidade de personalização – como a construção de varandas ou divisões internas – reflete os conceitos de Pol (1996) sobre apropriação como processo de ação-transformação e identificação simbólica. A capacidade de modificar o ambiente não só atende a necessidades práticas, mas também restaura o senso de controle e identidade, aspectos cruciais em contextos de perda e deslocamento. Em comunidades indígenas, onde as dinâmicas coletivas são centrais, a rigidez dos modelos padronizados mostrou-se especialmente problemática, reforçando os argumentos de Vibhas *et al.* (2021) sobre a inadequação cultural de soluções genéricas.

A participação comunitária – ou sua ausência – foi outro ponto de convergência entre o levantamento de campo e a literatura. A crítica à imposição de modelos sem consulta aos usuários, relatada tanto por moradores quanto por assistentes sociais, alinha-se às diretrizes de Félix *et al.*, (2013) e Bedoya (2004), que defendem a co-criação de soluções para garantir relevância cultural e sustentabilidade social. A falta de envolvimento no processo decisório não apenas gera rejeição às unidades, mas também perpetua a sensação de desenraizamento, dificultando o restabelecimento de vínculos identitários.

As narrativas sobre afetividade e pertencimento, com moradores destacando a importância de elementos simbólicos (como telhados tradicionais ou materiais locais), dialogam diretamente com a Teoria da Restauração da Atenção (Kaplan & Kaplan, 1989). A presença de atributos que evocam familiaridade e continuidade cultural atua como forma de "fascinação", permitindo a recuperação cognitiva e emocional por meio da conexão com referências identitárias. Essa dimensão subjetiva, negligenciada em projetos puramente funcionais, é essencial para transformar abrigos em lares provisórios, conforme destacado por Delgado (2022) em sua análise do lar como espaço psicologicamente restaurador.

Por fim, a avaliação de sustentabilidade das unidades modulares, que apontou falhas nos critérios sociais e ambientais, reforça as lacunas identificadas na literatura sobre habitação temporária. A insuficiência de infraestrutura básica no entorno e a desconsideração de variáveis culturais reproduzem os problemas criticados por Caia *et al.*, (2010) em seu estudo comparativo entre contêineres e dachas, onde soluções mais próximas de uma moradia convencional mostraram-se significativamente mais eficazes na promoção do bem-estar.

Quadro 27 - Atributos Ambientais que Promovem Bem-Estar em Habitações Temporárias

Atributo Ambiental	Evidências do Campo	Fundamentação Teórica	Teoria/Referência
Privacidade	- Preferência por banheiros exclusivos e quartos separados. - Rejeição a abrigos coletivos por exposição excessiva.	- Controle da interação social e informação pessoal. - Redução do estresse pós-traumático.	Gifford (1987) – Privacidade; Ulrich (1984) – Teoria Psicoevolucionista.

Segurança física e emocional	- Valorização de ambientes protegidos (iluminação adequada, limites claros). - Sensação de vulnerabilidade em espaços mal projetados.	- Ambientes devem evitar ameaças e promover controle. - Ativação do sistema parassimpático.	Ulrich (1999) – Ambientes restauradores.
Conforto térmico	- Relatos de desconforto por falta de sombreamento e ventilação. - Adaptações improvisadas pelos moradores.	- Fatores físicos (temperatura, umidade) impactam o estresse. - Necessidade de estratégias bioclimáticas.	Evans & McCoy (1998) – Estresse ambiental.
Flexibilidade e adaptabilidade	- Críticas a layouts rígidos. - Valorização de personalização (varandas, divisórias).	- Apropriação do espaço como ação-transformação. - Respeito a dinâmicas culturais.	Pol (1996) – Apropriação espacial; Vibhas <i>et al.</i> , (2021) – Adequação cultural.
Participação comunitária	- Insatisfação com modelos impostos sem consulta. - Necessidade de envolvimento no planejamento.	- Soluções co-criadas aumentam aceitação e relevância cultural.	Félix <i>et al.</i> , (2013) – Planejamento integrado; Bedoya (2004) – Temporalidade e identidade.
Elementos identitários e culturais	- Valorização de materiais locais, telhados tradicionais. - Espaços comunitários para práticas coletivas.	- Conexão com referências simbólicas restaura identidade. - "Fascinação soft" (atenção involuntária restauradora).	Kaplan & Kaplan (1989) – Teoria da Restauração da Atenção; Delgado (2022) – Lar como espaço afetivo.
Infraestrutura básica e entorno	- Falta de serviços (água, saneamento) gera insatisfação. - Entornos inóspitos aumentam estresse.	- Ambientes restauradores exigem acesso a recursos e natureza. - Importância de espaços pisoteáveis e vegetação.	Ulrich (1984) – Presença de água/vegetação; Ribeiro <i>et al.</i> , (2025) – Sustentabilidade.

Fonte - Elaborado pela autora (2025)

Em síntese, os resultados do levantamento de campo não apenas validam as teorias estudadas, mas também demonstram sua urgente aplicabilidade na prática. A efetividade dos abrigos e das habitações temporárias está intrinsecamente ligada à integração de dimensões físicas (conforto, segurança), sociais (participação,

privacidade) e simbólicas (pertencimento, identidade), articuladas em projetos que transcendam a lógica emergencial. A relação entre os achados de campo e o arcabouço teórico reforça a necessidade de políticas públicas que adotem uma abordagem holística, alinhando velocidade de resposta com sensibilidade psicossocial e sustentabilidade de longo prazo – único caminho para transformar espaços de sobrevivência em ambientes verdadeiramente restauradores.

5.8 RECOMENDAÇÕES PROJETUAIS PARA ABRIGOS E HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS PARA CENÁRIOS DE DESASTRE

Com base nos atributos ambientais identificados como promotores de bem-estar, as seguintes diretrizes projetuais são recomendadas para os dois grupos abrigos e habitações temporárias:

Recomendações para Abrigo Emergencial

- **Privacidade e Segurança**
 - Preferir divisórias leves para separar famílias em espaços coletivos.
 - Garantir iluminação adequada, portas/fechos simples e proteção contra intrusão.
 - Evitar layouts de confinamento (corredores estreitos, becos sem saída).
- **Conforto Térmico e Bioclimático**
 - Ventilação cruzada e sombreamento imediato (lonas, vegetação, beirais improvisados).
 - Evitar superfícies metálicas expostas que aumentam calor interno.
- **Flexibilidade e Adaptabilidade**
 - Espaços multifuncionais (mobiliário dobrável, divisórias removíveis).
 - Soluções modulares que permitam ajustes rápidos de capacidade.
- **Participação Comunitária no Processo Projetual**
 - Consultar moradores mesmo em soluções rápidas, ajustando layouts básicos.
 - Envolver voluntários e famílias em mutirões de montagem (autoconstrução assistida).

- **Infraestrutura Básica e Qualidade do Entorno**

- Garantir o mínimo de acesso a água, banheiros químicos/coletivos e energia emergencial.
- Criar áreas de convivência seguras para evitar isolamento social.

Recomendações para Habitação Temporária

- **Privacidade e Segurança**

- Unidades individuais ou familiares, evitando abrigos coletivos.
- Divisórias internas (quartos, banheiros exclusivos).
- Segurança física com portas, trancas e janelas protegidas.

- **Conforto Térmico e Bioclimático**

- Estratégias passivas permanentes: ventilação cruzada, isolamento térmico, materiais de baixa condutividade.
- Coberturas e paredes adequadas ao clima local.

- **Flexibilidade e Adaptabilidade**

- Sistemas modulares ampliáveis ou redutíveis.
- Áreas externas adaptáveis (horta, lazer).
- Espaços de armazenamento organizados.

- **Participação Comunitária no Processo Projetual**

- Oficinas de co-design para escolha de layouts, materiais e usos coletivos.
- Autoconstrução assistida para fortalecer pertencimento.

- **Elementos Identitários e Culturais**

- Uso de técnicas e materiais locais.
- Respeito às configurações espaciais tradicionais.
- Inclusão de símbolos culturais e estéticos.

- **Infraestrutura Básica e Qualidade do Entorno**

- Acesso a água, saneamento e energia desde o início.
- Espaços comunitários (hortas, lavanderias coletivas, convivência).
- Integração com transporte e serviços urbanos.

- **Sustentabilidade e Transição para Moradia Permanente**

- Uso de materiais duráveis e recicláveis.

- Planejamento de ciclo de vida (reassentamento, reciclagem).
- Integração com políticas públicas de habitação permanente.

- **Síntese: Princípios para um Projeto Eficaz**

1. Humanização: Transcender a lógica emergencial, tratando o abrigo e a habitação como um lar provisório.
2. Adaptabilidade: Projetar para mudanças (crescimento familiar, diversidade cultural).
3. Contextualização: Respeitar clima, cultura e materiais locais.
4. Participação: Envolver os usuários no processo decisório.
5. Sustentabilidade: Minimizar impactos ambientais e maximizar durabilidade.

Exemplo de Aplicação:

- Habitações modulares em madeira com telhados ventilados, divisórias internas ajustáveis e varandas sombreadas.
- Espaços comunitários co-projetados com moradores, usando técnicas vernaculares.
- Sistemas bioclimáticos integrados (captação de água da chuva, painéis solares).

Essas recomendações buscam transformar abrigos temporários em ambientes restauradores, alinhando funcionalidade, identidade e dignidade para populações em situação de deslocamento.

Figura 33: Representação do Abrigo Emergencial



Fonte - Feito por Inteligência Artificial (2025)

Figura 34: Representação da Habitação Temporária



Fonte - Feito por Inteligência Artificial (2025)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender os atributos ambientais que promovem bem-estar em habitações temporárias para populações desabrigadas, articulando levantamento de campo, revisão teórica e fundamentos projetuais. O processo de pesquisa revelou-se desafiador, especialmente na conciliação entre as demandas práticas relatadas pelos entrevistados e os princípios teóricos propostos na literatura. A opção por uma abordagem qualitativa, centrada em entrevistas e análise de estudos de caso, permitiu capturar nuances psicossociais que frequentemente escapam a avaliações puramente técnicas. No entanto, foi necessária uma constante adaptação metodológica, como a reformulação de questionários para incluir dimensões culturais não previstas inicialmente. Esses ajustes, embora trabalhosos, enriqueceram significativamente a investigação, evidenciando a complexidade específica ao tema.

Dentre os objetivos específicos deste estudo, destaca-se a necessidade de identificar características arquitetônicas e espaciais de habitações temporárias destinadas às vítimas de desastres, o que foi realizado por meio da análise de diferentes tipos de unidades em contextos variados, evidenciando elementos que afetam o bem-estar, como privacidade, segurança, conforto térmico e flexibilidade. Além disso, o estudo buscou analisar os atributos ambientais presentes em diferentes modelos de habitações temporárias ao redor do mundo, o que possibilitou compreender características universais e particularidades culturais que influenciam a percepção de adequação e satisfação dos usuários.

Outro objetivo importante foi investigar a percepção e as expectativas das vítimas de desastres em relação aos abrigos e as habitações temporárias, o que foi realizado por meio de entrevistas com moradores, assistentes sociais, lideranças indígenas e imigrantes, revelando demandas por elementos culturais, participação comunitária e espaços que promovessem o sentimento de segurança e dignidade.

Por fim, a pesquisa procurou caracterizar os elementos potenciais de bem-estar associados a esses ambientes, identificando fatores como privacidade, segurança, conforto, flexibilidade, participação social e vínculos culturais, que se mostraram essenciais para a recuperação psicossocial e o fortalecimento do senso de pertencimento dos desabrigados.

Embora este estudo tenha contribuído para a compreensão desses aspectos, apresenta limitações relacionadas ao recorte geográfico e cultural da amostra, o que pode influenciar a generalização dos resultados para outros contextos. Além disso, a avaliação das habitações após a ocupação ocorreu em um período curto, impossibilitando análises de longo prazo sobre sua eficácia, e a escassez de dados quantitativos sobre indicadores de saúde mental e bem-estar limitado a capacidade de estabelecer relações mais robustas entre atributos ambientais e processos de recuperação.

Para futuras investigações, recomenda-se ampliar o escopo metodológico com estudos longitudinais que acompanhem as trajetórias das famílias desde a localização até o reassentamento permanente, além de explorar o papel de tecnologias sustentáveis de baixo custo, como sistemas de energia renovável, na promoção do conforto e autonomia. Uma abordagem comparativa entre diferentes culturas também se revela promissora, buscando identificar padrões universais e especificidades locais, assim como a utilização de ferramentas digitais, como simulações virtuais, para testar soluções projetadas com os próprios usuários.

As contribuições deste trabalho residem na sistematização de critérios projetuais que transcendem a lógica emergencial, propondo um paradigma que vincula arquitetura, psicologia ambiental e justiça social. Ao demonstrar que habitações temporárias eficazes devem atuar como dispositivos de reposição simbólicos e não apenas físicos, o estudo oferece um referencial para políticas públicas e práticas de intervenção mais inclusivas. Sua originalidade está na articulação entre as teorias clássicas de ambientes restauradores e as vozes muitas vezes marginalizadas, como as de indígenas e imigrantes, reforçando a necessidade de abordagens intersetoriais em situações de desastre.

Em um plano pessoal, a imersão neste tema reforçou minha convicção de que a arquitetura, quando aliada às ciências humanas, pode ser um instrumento potente de transformação social. A resistência inicial de alguns interlocutores em discutir suas experiências traumáticas me lembrou da responsabilidade ética inerente a pesquisas com populações vulneráveis. Ao mesmo tempo, a criatividade demonstrada por famílias na adaptação de espaços precários destacou a resiliência humana e a urgência de projetos que amplifiquem – e não limitem – essa capacidade de reinvenção.

Encerro estas considerações reforçando que habitações temporárias dignas não são um luxo, mas um direito fundamental, cuja concepção deve refletir não apenas as contingências de um desastre, mas também a esperança de um recomeço. Espero que as reflexões aqui apresentadas possam inspirar futuras investigações e instruções concretas, traduzindo os anseios dos desabrigados em espaços de acolhimento, esperança e orientações de futuros possíveis.

REFERÊNCIAS

- ACNUR, BRASIL. **Dados sobre Refúgio**. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 20 set. 2023.
- ACNUR, BRASIL. **Brasil reconheceu mais de 65 mil pessoas como refugiadas até 2022**. [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil>. Acesso em: 20 set. 2023.
- ACNUR. **Tendências Globais**. [s. l.], 2025. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends>. Acesso em: jul. de 2025.
- ACSELRAD, Henri. **Vulnerabilidade ambiental, processos e relações**. In: Anais do Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações sociais, Econômicas e Territoriais; Rio de Janeiro. pp. 2006.
- AGÊNCIA BRASIL. **Brasil registra mais de 68 mil pedidos de refúgio em 2024**. Brasília, 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/>>. Acesso em: jul. de 2025.
- ALEXANDER, David. **Modelos de vulnerabilidade social a desastres**, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 93 | 2011, Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/113> ; DOI :10.4000/rccs.113
- ALNAP. **Diretrizes para o Projeto e Construção de Abrigos de Emergência** . Londres: ALNAP, 2020.
- ALSHAWAWREH, L., Al-Bizri, S., DULAIMI, M. and BDEIR, F. "**Qualifying the sustainability of novel designs and existing solutions for post-disaster and post-conflict sheltering**", **Sustainability**, (2020) Vol. 12 No. 3, p. 890, available at: <https://www.mdpi.com/2071-1050/12/3/890> (accessed 10 January 2025).
- ALVES, Maria Cherubina de Lima. **Apropriação do Espaço: vivências dos pacientes hospitalizados**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.
- ANA - Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico. **Disponibiliza dados em tempo real de monitoramento de rios na região Sul**. Previsão do Guaíba. Maio de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/ana>. Acesso em: Jul de 2024.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.]
- BEDOYA, Fernando Gordillo. **Habitat de Transição e Habitat de Emergência**. Colégio Universitário de Cundinamarca. Bogotá, 2004.
- BELMONT, Mariana. **Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil**. São Paulo, 2023.

BENIAKAR, M; COLLAZO, C. **Salud mental em desastres: Problemáticas, paradoxos y perspectivas clínicas**. In: Benikar M, Thomé JT, Taralli IH. Intervenção em situações limite desestabilizadoras: crises e traumas. Rio de Janeiro: ABP; 2009.

BRASIL. Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. **Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (SINPDEC)**. Disponível em: [\[https://www.gov.br/mdr/pt-br/composicao/secretarias-nacionais/protecao-e-defesa-civil\]](https://www.gov.br/mdr/pt-br/composicao/secretarias-nacionais/protecao-e-defesa-civil). Acesso em: Jul de 2024.

BRINGHENTI, Joseane Luiza; PANSERA, Flavio Luiz. **A Geografia dos Tornados em Santa Catarina**. Chapecó, SC: Huning Editora, 2021.

BRIERE, John; ELLIOTT, Diana. **Prevalence, characteristics, and long-term sequelae of natural disaster exposure in the general population**. Journal of Traumatic Stress, v. 13, n. 4, p. 661-679, 2000.
DOI:<https://doi.org/10.1023/A:1007814301369>.

CAIA, G., Ventimiglia, F., & Maass, A. (2010). **Contêiner vs. dacha: os efeitos psicológicos das características de moradia temporária em sobreviventes de terremotos**. Journal of Environmental Psychology, 30 (1), 60-66.
<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.005>.
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494409000619>. Acesso em 20 set. 2023

CARBONARI, Luana Toralles. **Modelo multicritério de decisão para o projeto de acampamentos temporários planejados voltados a cenários de desastre**. 2020. 409 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

CARDINALLI, Elizabeth Ida. **Transtorno de Estresse Pós-Traumático**. Orientador: Marlise A. Barssani. 2011. 145 fl. Tese (Doutorado): Psicologia - Pontifícia Universidade Católica, PUC, São Paulo, 2011.

CARVALHO, M.T.M. (2009), **Metodologia para avaliação da sustentabilidade de habitações de interesse social com foco no projeto**. Doctoral thesis, Programa de Pós-Graduação em Estruturas e Construção Civil, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brazil, Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/4483>. Acesso em: janeiro de 2025.

COELHO, António Baptista. **Qualidade Arquitectónica Residencial: rumos e factores de análise**. Lisboa: LNEC, 2000.

COMERIO, Mary C. **Disaster Hits Home: New Policy for Urban Housing Recovery**. University of California, 1998.

COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS - CONARE. **Refúgio em números 4a edição**. 2019. [S. l.: s. n.]. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-numeros_. Acesso: maio de 2024

CORRALIZA, Jose Antonio. **Emoción y ambiente**. In: ARAGONÉS, Juan Ignacio; AMÉRIGO, María (Org.). *Psicología ambiental* Madrid: Ediciones Pirámides, 2002.

CORRÊA, Alessandra. **Passagem do furacão Katrina, nos EUA, deixou quase 1,4 mil mortos e mais de 1 milhão de desalojados em 2005**. *BBC NEWS. Washington* 13 de maio de 2024.

COSTA, Susana Claudete; Vidal, Lara Marina; Fidelis, Eunice; Magnago, Rachel Faverzani; Librelotto, Lisiane Ilha. **Viabilidade Ambiental para Ocupação de Área por Comunidade Indígena**. XII Encontro de Sustentabilidade em Projetos. 148 pg. Belo Horizonte, MG, ago, 2024.

COSTA, Susana Claudete; SILVA, Vitória Neves Viana; MAGNAGO, Rachel Faverzani; LIBRELOTTO, Lisiane Ilha. **Análise Global e Regional do Estado de Santa Catarina de Desastres Naturais**. XII Encontro de Sustentabilidade em Projetos. 148 pg. Belo Horizonte, MG, 2024.

CUTTER, Susan L. **A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores**, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 93 | 2011, publicado a 01 outubro 2012. Acesso em: 07 agosto 2025. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/165>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.165>

DEESEEK. Inteligência artificial para busca e análise de dados. Disponível em: <https://aichatbot.co/pt/chat?paywall=true>. Acesso em: Jul de 2025.

DEFESA CIVIL, **Plataforma online dados de desastres do Estado de Santa Catarina**, <https://www.defesacivil.sc.gov.br/gestao-risco/decretacao-se-ecp/>. Disponível em: 01 abr. 2024.

DELGADO, Marta. **Home is restoration: Towards a health-based model of the importance of home for survivors of natural disasters**, *Social Sciences & Humanities Open*, Volume 6, Issue 1, 2022.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RS (2024), **"Extrato de contrato – fornecimento de unidades modulares habitacionais"**. Disponível em: <https://www.diariooficial.rs.gov.br/materia?id=1214099>. Acesso em jan. de 2025

EVANS, G. W.; McCOY, J. M. **When buildings don't work: the role of architecture in human health**. *Journal of Environmental Psychology*, v. 18, n. 1, p. 85-94, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/jevp.1998.0089>. Acesso em: 9 ago. 2025.

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. Texto situado no site: <http://educar.sc.usp.br>. Acesso em 14 de maio de 2024.

FÉLIX, D.; BRANCO, J. M.; FEIO, A. **Temporary housing after disasters: A state of the art survey**. *Habitat International*, [S. l.], v. 40, p. 136–141, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.habitatint.2013.03.006>

FEIREISS, Kristin. *et al. In times of Architecture Need*. Prestel Verlag. New York, 2009.

FONSECA, Rachel Lopes Fernandes; FELIPPE, Maíra Longhinotti. **Atributos Físicos Hospitalares Restauradores: Uma Revisão Sistemática**. In: Anais do Seminário Internacional PROJETAR: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?. Anais...João Pessoa(PB) Espaço Cultural José Lins do Rego, 2023.

GIBBS L., HC GALLAGHER , K. BLOCK , E. BAKER. **Tomada de decisão de realocação pós-incêndio florestal e bem-estar pessoal: um estudo de caso de Victoria, Austrália**. Planejamento para resiliência a desastres baseado na comunidade em todo o mundo , Routledge (2016) , pp. 355 - 378

GIFFORD, Robert. **Environmental Psychology:principles and practice**. Boston: Allyn and Bacan, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí: Unijuí, 2007.

GOMES, R. **Utilização de contêineres em reparos de áreas urbanas afetadas por desastres**. *Revista de Engenharia e Tecnologia* , v. 2, pág. 147-159, 2020.

GROAT, L. N.; WANG, D. **Architectural research methods**. 2. ed. *Nova York*: Wiley, 2013.

GRESSLER, Sandra Christina e GÜNTHER, Isolda de Araújo. **Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas**. 2013, Distrito Federal, Brazil.

GUIMARÃES, Lígia. **Cidades inteiras do RS terão que mudar de lugar**. BBC News, São Paulo, 8 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd18p5zpp0no>. Acesso em maio de 2024.

GUNTHER, H., PINHEIRO, J. Q., & GUZZO, R. S. L. **Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Alínea (2004).

HERMANN, MLP. **Levantamento dos Desastres Naturais Causados pelas Adversidades Climáticas no Estado de Santa Catarina**, Florianópolis IOESC, 2001.

HERZOG, T. R., Black, A. M., Fountaine, K. A., & Knotts, D. J. (1997). **Reflection an attentional recovery as distinctive benefit sofrestorativeenvironments**. *Journal of Environmental Psychology*, 17(2), 165-170.

HEWITT, Kenneth (1983), **The Idea of Calamity in a Technocratic Age**, in Kenneth Hewitt (org.), *Interpretations of Calamity*. London: Unwin-Hyma, 3-32.

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Desastres Naturais e Conceitos Básicos**. Ministério de Ciência e Tecnologia.44pg. Brasil, 2020. Disponível em: http://www3.inpe.br/crs/crectalc/pdf/silvia_saito.pdf. Acesso em: Jul de 2024

KARNOPP, Z. M. P. *et al.* **A pesquisa qualitativa e o ente da arquitetura e urbanismo**. Contribuição para estudos e o exercício da profissão. Arquitectos, São Paulo, v. 16, n. 192.04, p. 1–18, 2016.

KRUM, Fernanda Menna Barreto; BANDEIRA, Denise Ruschel. **Enfrentamento de desastres naturais: O uso de um coping coletivo**. In: Paidéia, 2008. Disponível em www.scielo.br/paideia

LAUMANN, Karin; GÄRLING, Tommy; STORMARK, Kjell M. **Rating scale measures of restorative components of environments**. Journal of Environmental Psychology, v. 21, n. 1, p. 31-44, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/jevp.2000.0179>. Acesso em: 9 ago. 2025.

LAURINDO, Jean. **Tragédia de 2008 no Vale do Itajaí completa 16 anos; reveja fotos da destruição**. Blumenau, nov. de 2024. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/tragedia-de-2008-no-vale-do-itajai-completa-16-anos-reveja-fotos-da-destruicao>. Acesso em: jul de 2025.

LEANDRO, D. et al. **Desastres naturais em Arambaré-RS. Coleção diagnóstico dos desastres naturais na metade sul do Rio Grande do Sul**. LGEA, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/lgea/files/2021/04/Livro-DESASTRESNATURAIS-EM-ARAMBARE-RS-1.pdf> . Acesso em: jul de 2025.

LEE, Terence. **Psicologia e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LEE J, Blackmon BJ, Cochran DM, Kar B, Rehner TA, Gunnell MS. **Resiliência comunitária, resiliência psicológica e sintomas depressivos: um exame da costa do Golfo do Mississippi 10 anos após o furacão Katrina e 5 anos após o vazamento de óleo da Deepwater Horizon. Medicina de desastres e preparação para a saúde pública** . 2018;12(2):241-248. doi:10.1017/dmp.2017.61

LIBRELOTTO, Lisiane Ilha; RODRIGUES, Mara Regina Pagliuso; MAXIMO, Gabriela Willemann Siviero; COSTA, Susana Claudete; GRANDI, Andreia; MAGNAGO, Rachel Faverzani. **Estudo de caso do campo de Kutupalong-Balukhali e as potencialidades da impressão 3D**. Internacional Conference on Non-Conventional Materials and Technologies, Paraíba, 2023.

MACHADO, Y. S., PERES, P. M. S., ALBUQUERQUE, D. da S., & KUHNEN, A. (2016). **Brincadeiras Infantis e Natureza: Investigação da Interação Criança-Natureza em Parques Verdes Urbanos**. 24, 655–667. doi: 10.9788/TP2016.2-14Pt

MENA, Isabela. Verbetes Draft: **O que é Neuroarquitetura**. Projeto Draft. 2019. Disponível em: < <https://www.projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-neuroarquitetura>>. Acesso em: 19 set. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** (Abrasco, Ed.) (12th ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

MORA, M; AKINCI, B. ALARCÓN, L. **Integração da sustentabilidade social no mapeamento do fluxo de valor: estudo de caso de moradia temporária pós-desastre em painel**

Anais do Simpósio Internacional sobre Automação e Robótica na Construção (ISARC) (2019) , 10.22260/isarc2019/0076

MONTEIRO, Maurici A. **Caracterização Climática do Estado de Santa Catarina: uma abordagem dos principais sistemas atmosféricos que atuam durante o ano.** Geosul, 2001.

NACIONES UNIDAS. **Terminología sobre Reducción del Riesgo de Desastres.** Ginebra: Secretaría Interinstitucional de la Estrategia Internacional para La Reducción de Desastres, 2009. Disponível em: https://www.unisdr.org/files/7817_UNISDRTerminologySpanish.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

NAÇÕES UNIDAS. **O custo humano dos desastres.** Centro de Pesquisa em Epidemiologia de Desastres Escritório das Nações Unidas para Redução do Risco de Desastres, 2021. Disponível em: <https://www.undrr.org/publication/human-cost-disasters-overview-last-20-years-2000-2019>. Acesso em 20 set. 2023.

NOGUEIRA, Fernando Rocha. **Gerenciamento de riscos ambientais associados a escorregamentos: contribuição às políticas públicas municipais para áreas de ocupação subnormal.** 2002. ix, 260 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2002.

NORRIS, F. H., Friedman, M. J., Watson, P. J., Byrne, C. M., Diaz, E., & Kaniasty, K. (2002). **60.000 disaster victims speak: Part I. An empirical review of the empirical literature, 1981-2001.** Psychiatry, 65, 207-239.

NYRUD, A.Q. and BRINGSLIMARK, T. **Is Interior Wood Use Psychologically Beneficial? A Review of Psychological Responses toward Wood.** (2010). Wood and Fiber Science, 42, 202-218.

ONU BRASIL. **Desastres naturais foram responsáveis por 45% de todas as mortes nos últimos 50 anos, mostra OMM.** Brasília, 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/>> Acesso em set. de 2023.

ONU BRASIL. **ONU: O número de afetados por desastres aumentou 80% em oito anos.** 2023. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/05/1814597/>> Acesso em ago. de 2024.

OSOFSKY HJ, OSOFSKY JD, Arey J, Kronenberg ME, Hansel T, Many M. **Primeiros Socorristas do Furacão Katrina: A Luta para Proteger e Servir Após o Desastre. Medicina de Desastre e Preparação para a Saúde Pública.** 2011;5(S2):S214-S219. doi:10.1001/dmp.2011.53

PESSOA, Mariana Lisboa; DOS ANJOS, Gabriele. **Impactos socioeconômicos dos eventos climáticos extremos de 2024 no Rio Grande do Sul : uma análise após um ano do desastre** - Porto Alegre : Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2025.90.

PREFEITURA DE JOSÉ BOITEUX. Barragem Norte: **Defesa Civil de Santa Catarina realizará audiência pública em José Boiteux**. 24 de janeiro de 2023.

Disponível

em:<https://www.pmjb.sc.gov.br/barragem-norte-defesa-civil-de-santa-catarina-ira-realizar-audiencia-publica-em-jose-boiteux>. Acesso: 2024.

PEIXOTO DA FONSECA, Fernando Venâncio. **O nascimento da língua portuguesa**. Verba Hispanica , Liubliana, SI, v. 1, pág. 115–122, 1992. DOI: 10.4312/vh.2.1.115-122 . Disponível em: <https://journals.uni-lj.si/VerbaHispanica/article/view/6321> . Acesso em: 9 ago. 2024.

PEEK, Lori.A. ; MILETI, Dennis. S.. **The history and future of disaster research**. In: Bechtel, R. B. and Churchman, A. (Org) Handbook of environmental psychology. New York: John Wiley; Sons, 2002, p.511-524

PINHEIRO, J. Q., & GUNTHER, H. (2008). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

POL, Enric. **La apropiación del espacio**. In: IÑÍGUEZ, L.; POL, E. (org.). Cognición, representación y apropiación del espacio. Barcelona: Universitat, 1996.

RIBEIRO, Bibiana; LIBRELOTTO, Lisiane; MAXIMO, Gabriela. **Assessment of Sustainability Requirements in Temporary Housing in the Municipalities of Estrela and Cruzeiro do Sul, RS, Brazil**. i-Rec Conference 2025: (in)formalities: Understanding different forms of agency in disaster risk reduction, climate action, and reconstruction. Chile, 2025.

RODRIGUES, Léo. **Estudos sobre saúde mental após desastres ambientais revelam desafios**. EBC, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-02/estudos-sobre-saude-mental-a-pos-desastres-ambientais-revelam-desafios>. Acesso em 20 set. 2023.

RODRIGUEZ, J, Davoli, MZ, PÉREZ, R. Organización Panamericana de La Salud. **Guía práctica de salud mental en desastres** [internet]. Washington, DC: OPAS; 2009. [acesso em 2024 maio 20]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/2800> » <https://iris.paho.org/handle/10665.2/2800>

SANTA CATARINA. Governo do Estado – **Gestão de Desastres**. Florianópolis/SC: [s.d.].

SANTA CATARINA. DEFESA CIVIL. **Plano de Contingência de Operação da Barragem Norte**. Santa Catarina, 2019.

SANTOS, R. DOS. **Gestão de Desastres e Política de Assistência Social: estudo de caso de Blumenau/SC**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SANTOS, L. M.; SILVA, R. S. **Direitos territoriais indígenas e suas interfaces com a conservação ambiental: desafios e perspectivas**. Cadernos de Geografia, v. 20, n. 3, p. 78-94, 2019.

SAMPIERI, R. H., COLLADO, C. H., LUCIO, P. B., MURAD, F. C., & Garcia, A. G. Q. **Metodologia de pesquisa (3a ed.)**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SCANNELL, L. Gifford, R. **Defining place attachment: A tripartite organizing framework**, *Journal of Environmental Psychology*, Volume 30, Issue 1, 2010, Pages 1-10, ISSN 0272-4944. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.006>. (<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494409000620>)

SEDEC - Departamento de Prevenção e Preparação. **Desastres, Decretação e Reconhecimento Federal e Gestão de Recursos Federais em Proteção em Defesa**. Brasília: Ministério de Integração Nacional, 2017.

SEDEC - RJ. **Administração de Abrigos Temporários**. 1. ed. Rio de Janeiro: SEDEC - RJ, 2006. E-book.

SEHAB - Secretária de Habitação e Regularização Fundiária. **Entrega mais 20 moradias temporárias em Rio Pardo**. (2024) Disponível em: <https://habitacao.rs.gov.br/sehab-entrega-mais-20-moradias-temporarias-em-rio-pardo>. Acesso em Jul. 2025

SHARAN, P., Chaudhary, G., Kavathekar, S. A., & Saxena, S. **Preliminary report of psychiatric disorders in survivors of a severe earthquake**. *American Journal of Psychiatry*, 153, 556-558, 1996.

SILVEIRA, Bettiele Barbosa da; FELIPPE, Maíra Longhinotti. **Ambientes Restauradores: Conceitos e Pesquisa em Contexto de Saúde**. Florianópolis: UFSC, 2019.

SPHERE. **Sphere Annual Report 2017**. Geneva: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.spherestandards.org>. Acesso em: ago de 2025.

STOKOLS, Daniel. **Estabelecendo e mantendo ambientes saudáveis: Rumo a uma ecologia social da promoção da saúde**. (1992) *American Psychologist*, 47 (1), 6–22. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.1.6>

STOKOLS, Daniel. SALLY, A. SHUMAKER, John Martinez. **Residential mobility and personal well-being**, *Journal of Environmental Psychology*, Volume 3, Issue 1, 1983, Pages 5-19, ISSN 0272-4944. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(83\)80018-8](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(83)80018-8). Disponível em: (<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494483800188>) Acesso em: jul. de 2025

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em:
<<https://terrasindigenas.org.br/ptbr/noticia/191870>> . Acesso: 2024.

THIOLLENT, Michel . Metodologia da pesquisa-ação. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 108 p. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação). ISBN 85-249-0029-6.

TOMINAGA, L.K.; SANTORO, J.; AMARAL, R. (organização). 2009. **Desastres Naturais: Conhecer para Prevenir**. São Paulo: Instituto Geológico, 2009.

ULRICH, Roger S. **Aesthetic and affective response to natural environment**. In: Behavior and the natural environment. Boston, MA: Springer US, 1983. p. 85-125.

ULRICH, Roger S. **View through a window may influence recovery from surgery**. Science. 1984. Apr 27;224(4647):420-1. doi: 10.1126/science.6143402. PMID: 6143402.

ULRICH, Roger S; SIMONS RF; LOSITO BD; FIORITO E; MILES MA. **Recuperação do estresse durante a exposição a ambientes naturais e urbanos** - Revista de psicologia ambiental, 1991.

ULRICH, Roger S. **Efeitos dos jardins nos resultados de saúde: Teoria e pesquisa**. Em CC Marcus & M. Barnes (Orgs.), Jardins terapêuticos: benefícios terapêuticos e recomendações de design (pp. 27-86). Nova Iorque: (1999) John Wiley & Sons.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. **Proteção aos direitos humanos das pessoas afetadas por desastres** / Janaína Rocha Furtado; Marcela Souza Silva, organizadoras. – Florianópolis: CEPED UFSC, 2014.

VAN DEN BERG, A. E.; KOOLE, S. L.; VAN DER WULP, N. Y. **Environmental preference and restoration: (how) are they related?** Journal of Environmental Psychology, v. 23, n. 2, p. 135-146, 2003.
DOI:[https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(02\)00111-1](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(02)00111-1).

VAN DEN BERG, A. E, CUSTERS MH. **Gardening promotes neuroendocrine and affective restoration from stress**. J Health Psychol. 2011 Jan;16(1):3-11.
doi: 10.1177/1359105310365577. Epub 2010 Jun 3. PMID: 20522508.

VIBHAS, Sukhwani, Heriany Napitupulu, Deng Jingnan, Miki Yamaji, Rajib Shaw, **Enhancing cultural adequacy in post-disaster temporary housing, Progress in Disaster Science**, Volume 11, 2021, 100186, ISSN 2590-0617.

VIRTUHAB. **Plataforma Infrashelter**. Disponível em: <[Plataforma Infrashelter \(ufsc.br\)](https://ufsc.br)>. Acesso: Dezembro de 2023.

ZETTER e Boano, R. ZETTER , C. BOANO. **Espaço e lugar após desastres naturais e deslocamento forçado. Reconstrução após desastres: da emergência à sustentabilidade** , Spon Press , Nova York, 2009.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Santa Catarina Centro Tecnológico Departamento de
Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo PósARQ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) está condicionado ao cumprimento dos requisitos estabelecidos pela Resolução N°510/2016.

SOBRE A PESQUISA

O Sr. (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa desenvolvida como dissertação de mestrado intitulada: **Psicologia Ambiental Aplicada em Acampamentos Planejados para Desabrigados: O Transitório como Estratégia de Alívio em Desastres**. O objetivo geral desta pesquisa é Desenvolver diretrizes projetuais que contribuam para restauração psicológica das vítimas de desastres nos Acampamento Temporário Planejados para os desabrigados.

A pesquisa se justifica pela sua relevância e importância social, visto que os abrigos se mostram importantes frente às diversidades de demandas que ocorrem em todo o mundo, seja para refugiados ou desabrigados após desastres de origem natural ou tecnológica. Além disso, é um assunto pouco explorado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, e sua discussão no meio acadêmico pode contribuir de forma qualitativa e quantitativa para a provisão de abrigos temporários.

A pesquisa é integrada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o término previsto para 23/02/2025. Tem como orientadora da pesquisa a Profa. Dra. Lisiane Ilha Librelotto, e a Profa. Dra.. Luana Toralles Carbonari como (co) orientadora. Como pesquisadora a mestranda Andréia Grandi.

O Sr. (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob a forma de questionário e fazer um poema ou desenho sobre o assunto da pesquisa.

Os dados coletados serão mantidos em sigilo e guardados pelos pesquisadores em local seguro durante (05) anos para posterior eliminação.

Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome ou das pessoas que sejam mencionadas, em qualquer fase do estudo.

Existe a possibilidade, ainda que remota, de quebra de sigilo mesmo que involuntária e não intencional, e suas potenciais consequências na vida pessoal e profissional dos participantes.

Os dados serão divulgados em congressos e/ou publicações científicas, preservando-se as informações pessoais (identidade ou imagem) e respeitando sua privacidade. O benefício relacionado à sua participação será de contribuir para o conhecimento científico para a área de Ciências Sociais Aplicadas.

O possível risco e desconforto que a pesquisa poderá trazer a(o) Sr. (a), além da interrupção das suas atividades, são as memórias e sentimentos indesejados que podem gerar desconforto e constrangimento. A fim de evitar ou reduzir efeitos e condições adversas, os pesquisadores garantem que suas opiniões e pontos de vista não serão expostos publicamente.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora. Caso haja algum gasto decorrente de sua participação nesta pesquisa o mesmo será ressarcido via depósito bancário.

Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantido seu direito de indenização.

É garantido ao Sr. (a) o acesso aos resultados da pesquisa de mestrado.

Cabe esclarecer que o participante pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, tendo acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado, sem qualquer tipo de constrangimento ou penalização.

Os participantes da pesquisa terão direito acompanhamento e assistência caso seja solicitada.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelos contatos: andreia.grandi@yahoo.com (49) 99929 6223 e lisiane.librelotto@arq.ufsc.br (48) 99111-3320. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é elaborado em duas vias, rubricadas e assinadas, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com o participante da pesquisa.

ENDEREÇO FÍSICO DOS PESQUISADORES: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ). Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro Tecnológico (CTC), Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil. Telefone: (48) 37219550

Em caso de dúvidas ou considerações sobre a ética em pesquisa, você poderá contatar o Comitê de ética em Pesquisa com Seres Humanos O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

ENDEREÇO DO COMITÊ DE ÉTICA: Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone +55 (48) 3721-6094. CEP/SES-SC cepses@saude.sc.gov.br. Telefone +55 (48) 3664-7218.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Após ter sido esclarecido (a) sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, assine caso concorde em participar da pesquisa, e autorize a divulgação das informações adquiridas em congressos e/ou publicações científicas.

_____, ____ de _____ de ____.

.....

assinatura do participante da pesquisa

TERMO DE COMPROMETIMENTO

Como pesquisadores responsáveis pelo estudo relacionado a ACAMPAMENTOS TEMPORÁRIOS PLANEJADOS PARA DESABRIGADOS, declaramos que assumimos a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos que foram esclarecidos e assegurados ao participante, assim como manteremos sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo. Os pesquisadores responsáveis se comprometem também a cumprir todos os requisitos estabelecidos pela Resolução N°510/2016.

Florianópolis, ____ de _____ de _____.

Arq. Andréia Grandi
Dra.

Assinatura da pesquisadora responsável

Profa. Lisiane Ilha Librelotto,

Assinatura da orientadora

APÊNDICE B - ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUITETURA E URBANISMO - PÓSARQ



ROTEIRO PARA PESQUISA DE CAMPO

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Título do Projeto - Características Ambientais Associadas ao Bem-estar nos Acampamentos Temporários Planejados para Desabrigados por Desastres

Pesquisadora: Arq. Andréia Grandi / Orientadora – Prof^a. Lisiane Ilha Librelotto, Dra.

FORMULÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS

Nº01

Abrigo / Endereço:

Data da Coleta:

Início:

Término:

TCL: () Sim () Não

Fotos: () sim () Não

Gravação () Sim () Não

OBS -

01

DADOS E QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1.1 Codinome:

1.2 Idade:

Gênero:

Estado civil:

1.3 Local de Nascimento:

1.4 Filhos? Sim () Não () Se afirmativo n° de filhos:

Idade (s):

1.5 Formação profissional:

Escolaridade:

1.6 Renda mensal: () até 1 salário () até 2 salários () acima de 2 salários

02	ENTREVISTA ABERTA - 5 Perguntas
2.1	Na tua opinião, quais as principais qualidades e defeitos deste abrigo ou habitação que proporcionam bem-estar ou estresse? (ex - conforto físico, térmico, acústico, privacidade, segurança, etc..)
2.2	O que gostaria de mudar, acrescentar ou retirar, na estrutura física do abrigo ou habitação temporária para o teu bem-estar?
2.3	Tem algum espaço que você se sente mais confortável ou mais estressado ? Tem algo que te agrada ou desagrada?
2.4	Descreva verbalmente ou expresse por meio de desenhos como seria um abrigo ou habitação pós-desastre ideal.
2.5	Caso deseje fazer mais algum comentário sobre o tema/assunto de nossa entrevista... Fique à vontade para expressar/falar livremente.

APÊNDICE C -TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS

GRUPO 01 - Vítimas das enchentes em Estrela/RS (Terreno 01)

Local das entrevistas - Habitações Temporárias

Rua Alcides Dall Orsoletta, 635 / Bairro Novo Paraíso - Estrela / RS

Entrevista - 01

Idade - 28 anos

Local de nascimento - Estrela/RS

Estado civil - Solteira

Filhos - 03 - 1 faleceu

Idade dos Filhos - 11, 10 (teria 4 anos a que faleceu)

Profissão/escolaridade - Sexto ano.

Renda mensal - 1 salário mínimo

Quais as principais qualidades da habitação temporária que proporciona a sensação de bem-estar? A primeira sensação que a gente teve, assim, de quando a gente se mudou para a casinha provisória foi a sensação de que você tem um banheiro para ti, de que você tem um lugar para que pelo menos você possa chamar de teu, de que você pudesse sair e fechar a porta, de que você se sentia livre e conseguisse parar agora para olhar uma TV. Então, eu vou sentar e eu vou olhar a minha TV. E, no final, eu não tinha como, né? Era muito, muito furdunço, muito barulho. A gente não tinha banheiro próprio. Então, assim, era todo mundo com um conjunto. Quando a gente ganhou as casinhas provisórias, todo mundo deu graças a Deus, todo mundo vai ter seu banheiro, porque a função era sempre o banheiro, né? Então, foi a melhor sensação que a gente teve de ter **privacidade**, na verdade, né?

E aqui na Habitação Temporária tem algum elemento, alguma relação a conforto físico, conforto acústico ou térmico que causa estresse? Uns dias atrás estava muito quente, muito quente. Como podem ver não tem uma sombra na frente, não tem vento, não tem nada. Então, o único problema que a gente teve, senhor, foi ao menos um puxadinho, pra assim, que fosse uma coisa que puxa e recolhe, mas que ter ali pra ti, pelo menos, tu ter um lugar, uma sombra, uma coisa pra refrescar pra dentro, né? Foi a única coisa que todo mundo cogitou, só com uma

varanda, né? Com uma varandinha, tava assim, ó, não tinha o que ninguém ia reclamar, sabe?

E aqui vocês se sentem seguras? Oh, totalmente. Bem melhor aqui. Mesmo sendo mais afastado do centro, a gente morava assim tipo, fica a cinco minutos do centro caminhando muito perto. Mesmo assim, estamos mais seguras aqui.

Sobre o tamanho das habitações vocês consideram ideal? Se eu te mostrar tudo que a gente tinha, cada um no seu quarto, tudo no lugar, tudo ajeitado. E daí, às vezes eu fico com estresse porque é muito apertadinho. Eu coloco isso aqui, mas daqui a pouco eu vou passar e eu tropeço nisso. E daqui a pouco eu tiro dali, eu boto lá e daqui a pouco tá lá incomodando e tu bota aqui... Assim tu vai, mas às vezes tu pare e respira. Não, melhor aqui no apertado, do jeito que tá, do que lá embaixo, na enchente.

Então, em relação ainda à estrutura física, existe mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar ou retirar? Poderiam ter aumentado um pouquinho só o tamanho. Aqui atrás não tem previsão de ampliar? É que a princípio não seria permitido, né? O que eles falaram para nós? Ah, vocês podem colocar um toldo. A gente vai colocar um todo e aqui dá muito vento. A gente vai fazer uma área, o vizinho aqui de baixo fez uma área. E lá no outro, tem um outro grupo de casinhas habitacionais lá no Imigrantes, onde está a minha mãe. E lá um vizinho fez uma área, fez toda uma área, onde a lavanderia fez um quarto. Eu acho que lá depois vai ser. Mas lá tem sombra, tem árvore em volta

Sobre a antiga moradia

A casa de vocês foi destruída? Com a enchente a minha casa destelhou, caiu o telhado, assim, todo ele. Como é uma cota muito baixa a prefeitura está tentando ver se vão condenar, né? Porque minhas vizinhanças assim, todos perderam a casa. Então, ficou a minha, e os da rua da frente, né? Mas, da rua de trás, então, todo mundo está sem casa. E daí, a prefeitura estava vendo como é que eles iam ver essa questão, se eu ia ficar lá ou ganhar casinhas definitivas, ou se eles vão liberar para a gente voltar para casa, mas até então lá vai ser condenado.

E você quer voltar para sua antiga casa? Não, a gente já não queria antes, assim, se tu for olhar nossa casa, ela era grande, ela tinha 5 quartos, 2 banheiros, sabe? A gente tinha uma boa comodidade, mas melhor um pouco mais apertado, que pode chover o quanto que quiser chover, que não vou me preocupar, pode derramar a água, que eu estou segura, sabe?

Que tu não vai se matar o ano todo trabalhando, para conseguir comprar móveis, para vir uma chuva ali e a gente perder tudo.

Foi a primeira vez que vocês foram atingidos? Não, a cota é muito baixa, né? 23 pegando o porão, e daí com 27 pegava em cima, né? Mas se a gente não tirava antes dos 23, a gente ficava dentro de casa, ficava sem as coisas, ficava esperando pra ver se iria subir, né?

Vocês moravam em quantos?

Em baixo morava minha comadre, que mora aqui na frente, que agora foi trabalhar. E em cima morava eu e os dois pequenos. E lá morava a minha comadre e o marido dela e as duas crianças também.

Depois que vocês passaram pela enchente ali, ano passado, aí vocês foram pra esse ginásio? É, para o ginásio, pro Cristo reino que ficou. E qual é o bairro que você morava antes? O bairro Oriental.

O que causava o estresse lá no abrigo? Tudo do ginásio. Era a questão de não ter privacidade. Não tinha questão de um mecher nas coisas dos outros, mas tinha questão de tipo, agora eu quero olhar a TV, eu não consigo olhar a TV, porque tem crianças, todo mundo gritando, às vezes as crianças se pegavam daí, que não tem o que fazer, porque eu tenho os meus, eles brigam também.

Tem as coisas que você tinha lá. Você conseguiu trazer tudo pra cá e o que você fez? A gente conseguiu tirar. Eu tenho algumas coisas que a gente vendeu, algumas coisas que nós temos lá, então. A gente tem alguma coisa lá na casa e umas a gente vendeu, né? Umas a gente doou, porque daí o que tava estragando a gente, né? Ficou passando lá diante, assim, não ia, não ia ficar parado. E umas a gente doou, umas a gente vendeu, umas a gente guardou.

As crianças estudam? Sim. Ficaram tempo sem escola? A primeira e a segunda semana, foram as semanas mais tumultuadas. E aqui, por coincidência, o município dava transporte por Odilo. Então ela não precisou modificar nada. Ela só pegou o ano. E antes a gente pagava a topic. Só que agora, daí, para nós, a melhorou.

E lá no ginásio, você lembra o que tinha? Onde vocês dormiam? Não, tipo que nem nós, tinha cama e nem quem não tinha cama. E aí, os que ficaram sem é a prefeitura que conseguiu doação, veio um monte de colchão.

Era tudo aberto? Não. Eles botaram divisórias, fizeram tipo um corta chamás, eu acho que era? Era um, tipo como se fosse um toldinho em pé, sabe? Com uns

varalzinhos. Ali eles colocaram para dividir as famílias, né? E aí, numeraram cada família e fizeram divisão delas.

E tinha cozinha? Não, na verdade, não podia cozinhar, né? A gente recebia comida de fora tudo pronto. Sabe como a gente teve muito problema com comida lá. Que não estava dando muito certo. As comidas não estavam sendo muito boas, né? A gente viu muita comida com cabelo. Muita arroz duro, muita coisa estragada, sabe? Então, assim, a gente optou por nós mesmos cozinhar. Então, como não podia, dentro de nada, a gente foi fora. A gente puxou uma lona lá e começamos a cozinhar ali fora. Aí umas famílias não quiseram, né?

E quem administrava o ginásio? Tinha o primeiro coordenador, foi o Pida, e depois foi o Samuel, né? Era da Prefeitura? De manhã, quando eles vinham, eles serviam café a partir das sete horas, acho. E daí era pão, um leite. E daí tinha fruta também. E daí meio dia serviam vianda, né? Quem marcava agendava, daí ela iria retirar. Daí de tarde serviam café.

E o banho? Aí o banho lá era comunitário, tinha banheiro dos homens, tinha o das mulheres, e tinham dois de cadeirantes. Daí tinham os vestiários, porque daí como acho que lá isso aí é festa, né? Um grupo se adaptou, tomava banho nos vestiários e uns na lavanderia. Não foi feito em equipe, mas um grupo, vamos tomar banho só ali. Daquela turma, tomar banho só ali. Limpava ali e a gente estava ali. Tinha dois chuveiros naquele das mulheres, no total quatro.

Quantas pessoas estavam lá com vocês? 61 famílias. Isso, cada família com três ou quatro pessoas, 200 a 250 pessoas aproximadamente.

E aí, no ginásio, vocês ficaram quanto tempo? 4 meses. É, 4, 5 meses, eu acho. Então, maio, junho, julho, e final de agosto viemos para cá.

E previsão para ficarem aqui, para sempre? Não. A princípio diz a prefeitura que não, né? Que eles vão fazer as casinhas provisórias, e daí vão me chamando. O pessoal daqui vai saindo pra lá, e assim eles vão indo. Por cinco meses, você vai ver isso aqui, huh? Já. Bom, nós estamos da enchente, no caso. Nós fiquemos nos nas, e viemos pra mais um mês e pouco. E eles não deram prazo. É, não sei lá, oito meses.

Eles já começaram a construir? Não. Não, porque não abriu. É, eles falaram oito meses, né? Não tava nenhum mês ainda no ginásio o prefeito já estava prometendo essas casas. Demoraram cinco meses. Imagine uma casa permanente. Por isso que todo mundo está fazendo uma área, quem pode ir adaptar um quarto tá fazendo.

Você pode fazer um desenho, ou se você quiser traduzir algumas palavras, como seria um abrigo ou uma casa sem todos os olhos ideal para você?

Olha, eu acho que ideal até aqui seria ideal, só que ela precisaria só um pouquinho mais de espaço, porque não digo claro que não vai ter como modificar uma casa com dois quartos, mas tipo assim, que nem é cara, tem criança onde dorme o casal, dorme as crianças, aí a pessoa não tem privacidade, acho que poderia modificar isso aqui, ter botado pra cá, porque quando você abre a porta do banheiro, o vizinho lá na rua te enxerga, foi poucos detalhes que foi mais espaço, aqui é o banheiro, então assim, a porta não fecha totalmente, então ela segura aqui, mas ela não tranca, né? Tipo, as vezes meu filho vem correndo, o banheiro abre, o vizinho tá lá, quase que me enxerga, tá? Aí é tipo tudo assim, sabe? Foi poucas coisas que faltou, porque a princípio a gente gostou, né? O lugar ficou bom, a sala, a cozinha, tá? Tudo bem! A cozinha tá bom, não precisaria tanto espaço, só achei o quarto, eles poderiam dar, talvez, uma aumentada e ter um pouquinho dividido, sabe?

E você está com três, um beliche e a cama de casal? E daí tem só, se tu olhar, tem só um corredorzinho assim pra passar ali.

Entrevista - 02

Idade - 69

Local de nascimento - Três Passos/RS

Filhos - 4

Idade dos Filhos -

Escolaridade - 5º série

Renda mensal - R\$

Como a senhora se sente nesta habitação Temporária? Aí aqui eu não tenho estresse, não tenho problema. Os meus filhos disseram nem oito dia não ia ficar. Eu disse eu quero mostrar pra vocês.

E tem alguma que a senhora mudaria aqui ou aumentaria ou eu retiraria? Não, a única coisa que eu queria fazer era uma área assim porque o sol bate dentro da casa. Isso é a única coisa que eu ia fazer. O resto está ótimo.

Entrevista - 03

Casa: 27

Hora: 16:00

Data: 13/11/2024

Idade: 46

Gênero: Feminino

Local de nascimento - Planalto/RS

Filhos - 5 (31, 21, 28, 27, 25)

Escolaridade - 2º série

Renda - até 1 salário mínimo

Na sua opinião, quais são as qualidades deste abrigo?

Para mim, o principal é a dignidade. Tem a privacidade do banheiro, uma cama para dormir, e lá no ginásio estávamos dormindo no chão, sem privacidade, todo mundo junto.

E a sua casa, ela é bem ventilada e a iluminação como é?

Sim ela ventila, não fica com cheiro de mofo ou de coisa ruim.

O vento passa bem e o sol entra.

E quanto à sensação de bem-estar?

Aqui, a gente faz a nossa comida, isso traz segurança, e o que mais me traz bem-estar é a dignidade.

Como você avalia a segurança aqui?

Não tenho preocupações sérias com segurança. A gente até dorme e esquece a porta aberta. Não tenho nada pra alguém roubar.

Quais são os problemas do abrigo?

Não tem problemas aqui.

Como foi perder a casa?

A casa onde eu morava antes era alugada, ela foi condenada, e eles acabaram colocando fogo nela.

E os móveis, conseguiu guardar algo?

Não, vim com duas mochilas de roupa e uma sacolinha de ferramentas. Roubaram muitas coisas no ginásio.

Entrevista - 04

Data: 13/11/2024

Idade: 51

Gênero: Masculino

Local de nascimento - Três Passos/RS

Filhos - 01 (14 anos)

Escolaridade - 8º série

Renda - Não trabalha

Sobre as qualidades? Gosto da paz deste local, não tem barulho como tinha no abrigo antes.

E os problemas da moradia temporária? É muito quente e ainda não é verão, pega muito sol aqui. Também sinto falta de espaço para fazer canteiros, gostaria de ter uma horta.

O abrigo é muito distantes, falta posto de saúde, hospital e creche para as crianças.

GRUPO 02 - Vítimas das enchentes em Estrela/RS (Terreno 02)

Local: Habitações Temporárias

Rua Coronel Mena Barreto / Bairro Imigrantes / Estrela

Entrevista 05

Idade - 41

Local de nascimento - Argentina

Filhos - 03

Idade dos Filhos - 02, 06 e 19 (dois pequenos moram junto)

Profissão - Professora de ensino médio e fundamental.

Renda mensal - R\$ 3.000,00

Qual é a sua opinião sobre as principais qualidades da moradia?

Então, até que a gente achou que ia ser bem quente, né? Porque a gente imagina que um container não tinha nem ideia. Que é a fechadinha aqui, mas ele é bem térmico dentro assim inclusive a gente prefere ficar mais dentro que não tem sol.

Vocês construíram essa varanda? Sim. Sim, porque a gente tem ele, né? (o filho pequeno) tem dois anos e ele é muito fujão. Então a gente foi obrigado a construir isso aqui. Que daí cria um espaço pra ele brincar aqui, né?

E o que que você acha que deveria acrescentar ou retirar para melhorar o conforto de vocês aqui? Porque não só eu acho assim, a gente não reclama da casa né? Mas a gente é uma família, eu digo assim uma família padrão né? Um casal e dois filhos. É a maioria. Então precisaria ter mais espaço, são roupas para quatro pessoas, coisas pessoais.. E o espaço é bem reduzido e ainda, por exemplo, a máquina de secar, de lavar. Eu tenho, né? Fica na chuva, porque não tem como por dentro da casa, porque a casa já veio com os móveis básicos, seria até legal se tivesse um telhadinho aí onde a gente tem a máquina já ajudaria né? Porque a gente puxa um plástico, qualquer coisa já deu.

Tem algo que te deixa estressada neste lugar?

Não tem nada. Bem tranquilo e a gente trabalha todo dia, as crianças vão para creche, então a gente tá sempre mais à noite, é tranquilo.

E em relação ao abrigo que vocês ficaram? Vocês moravam onde antes?

A gente morava no bairro das Indústrias, passamos quase seis meses no abrigo. Só que assim, a gente faz pouco tempo que veio da Argentina, a gente vendeu o que tinha lá pra começar aqui. Aí venho aqui morar no bairro da Juruça pra gente conseguir um aluguel com conhecido assim, porque tem um tio meu que mora. E ele conseguiu com uma senhora conhecida pra ela fazer o aluguel pra nós sem um imobiliária porque a gente ainda não tinha toda a documentação, né? Um documento de identidade daqui, tudo isso. E aí isso foi complicado pra gente no princípio. E aí depois quando a gente perdeu a casa, a gente não tinha o documento antes. Então a gente teve que morar no abrigo. Aí não conseguia sair do abrigo porque não conseguia outro aluguel. Então se obrigou a viver com as três crianças assim.

E como que vocês se sentiam lá?

E eu eu na verdade que cheguei a ter depressão nas primeiras semanas. E lá não era fácil eu digo porque pra nós foi a primeira vez, talvez o outro pessoal que já tinha passado por essa situação, foi mais para a convivência, mas a gente foi a primeira vez, a gente não estava acostumado. Tinha outra cultura, nossa família, por exemplo era só nós quatro. E aí de repente morar com cem pessoas no mesmo lugar e no princípio era tudo um espaço aberto, a gente só tinha o colchão porque não conseguimos tirar nada da casa, aí a gente só tinha colchão no piso e feito com cadeira, com delimitou para que ninguém pisasse em nós, né? Mas foi tudo. Na casa a gente perdeu tudo, porque a gente não conseguiu tirar, tinha pedido o caminhão

nunca chegou. E a casa tá lá ainda não? Aí a dona disse que ela não ia arrumar outra vez agora, porque ela já tinha perdido outra vez. Então lá no abrigo o problema era privacidade, mais de cem pessoas, né? Estava no ginásio Boa União.

A convivência no abrigo também serviu pra isso, nos conhecermos. Então a gente já se acostumou a conviver com as pessoas. A maioria assim, desde vizinha, por exemplo, essa da frente que ela tava no outro abrigo, mas aqui do lado outro dia ela tava com nós, tem vários que sim, estavam no mesmo momento.

Sobre espaço para crianças, espaço de convívio, você acha que falta alguma coisa? Eles tem aqui em cima uma pracinha que eles vão sempre aí as crianças, eu por exemplo as levo porque eu gosto mais que ele esteja debaixo das minhas asas e da minha vista, né? Porque a gente fica assim preocupado, nós que não somos daqui a gente não conhece muito as coisas ainda, então eu sou muito gosto disso, por isso eu digo eu agradei que eu peguei essa primeira casa porque ele tem todo esse pátio e ele anda com a bike dela aí. Sento aqui. Aí já estamos né? Por isso aí eu disse: graças a Deus a gente pegou essa casa aqui porque aí tem ela pode brincar bem tranquilo. Pode ficar aqui olhando. Aí vem todas as crianças que sempre brincam aí. Sentado e a gente fica aqui olhando, olhando. Aí não tem perigo que é o mais importante.

Se comparar aqui onde você está em relação a tua casa onde tu morava lá se tu gosta mais daqui ou como era antes? E é bem difícil de responder isso porque a gente acha que a gente no processo da convivência do abrigo a gente aprendeu outro jeito de viver né? Porque antigamente eu gostava e achava que aquele era o único jeito de viver, né? Então depois de tudo isso ter um lugar por mais pequeno que seja, por mais eh a gente pensa assim, é tudo, né? Não é preciso ter uma casa tão grande pra gente ter tudo que a gente precisa, porque a gente chegou aqui depois de morar no abrigo é tudo que a gente precisa. Então é, eu acho que tem sempre um antes e um depois. A pessoa nunca vai ser a mesma depois que passar por motivação. Nunca vai ser a mesma. Então a gente aprende também a valorizar muito mais coisas simples que a gente talvez nem sabe como eu digo o tema do uma manta ou a roupa de cama que a gente por aí não era que dava tanta importância depois chegar no momento e não ter nada, aí como que a gente viveu desse jeito a vida né?

Entrevista 06

Data: 13/11/2024

Local de nascimento - Estrela/RS

Escolaridade - 5º série

Estado civil - Casado

Profissão - Montador

Filhos - 2 (20,16 anos)

Renda - Até 1 salário

Quais as principais qualidades da habitação temporária?

Aqui tem muita paz, é tranquilo.

Quais os problemas da habitação temporária?

Como ponto negativo eu vou falar do calor. Não conseguiram colocar ar condicionado por causa da carga de energia, já tem problema assim na parte elétrica, imagina se colocar ar. Mas poderiam ter colocado película nos vidros para não entrar tanto sol e ainda dar privacidade.

Também achamos a casa pequena e sem privacidade nenhuma para o casal, é muito complicado com o quarto tudo junto.

Quando tomamos banho a casa alaga porque não tem caimento suficiente para o ralo.

Do que vocês sentem falta?

Sentimos falta de uma praça e também a escola é muito distante.

Como era lá no abrigo?

Não tinha privacidade, muito barulho.

GRUPO 03 - Vítimas das enchentes em Cruzeiro do Sul/RS**Local das Entrevistas: Habitações Temporárias**

Endereço: Rua São Rafael Germano Hentz, 18 / Cruzeiro do Sul

Entrevista 07

Data: 14/11/2024

Local de nascimento - Cruzeiro

Escolaridade - Ensino médio

Profissão - Cuidadora

Filhos - 4 (8, 5, 4, 9 meses)

Renda - Até 1 salário

Como era lá no ginásio? Lá era úmido, mofo nas paredes. Porque caia água, aí quando batia sol já saia aquele bolo. Foi daí que ele começou a ficar mais magro, estava ruim lá. Aí eu peguei pneumonia lá.

Lá no ginásio era tudo junto, como vocês dormiam? No começo foi tudo no piso bruto mesmo. Nem colchão liberado pra gente. E tinha um monte que tinha chegado. E isso é fato.

E quantas pessoas estavam lá famílias? Sessenta famílias, mais ou menos cinquenta pessoas pra mais.

E o que que tinha estrutura lá assim que a senhora lembra ? Tu acorda tu vê um, tu dorme tu vê outro. Isso era o que mais me incomodava. A Aliança Evangélica depois de um tempo, foi um mês e pouco eu acho, fizeram uma casinha dentro do abrigo. Mesmo assim por cima chovia, pingava tudo por cima.

Quem organizava lá o ginásio era a prefeitura?

A aliança evangélica fez abaixo pra tirar nós de lá.

É pra tirar vocês do ginásio pra trazer pra cá?

Não, porque a gente não tinha pra onde ir.

E o que que tinha lá no no ginásio?

Tinha uns que eu vou dizer pra você, não tinha como. Comida, vinha muito estragada com mofo. A água era rara aparecer.

Entrevista - 08

Data: 14/11/2024

Local de nascimento - Paraná

Escolaridade - Primeiro grau

Profissão - Não trabalha

Filhos - 2 (14, 18 anos)

Renda - Até 1 salário

O que você avalia o bem-estar das casas temporárias?

É bom, a gente tem muita privacidade.

A única coisa ruim é o calor e a água. É muito quente aqui dentro.

Gostaria de acrescentar ou mudar alguma coisa nas casas?

A ventilação, principalmente. E melhorar a qualidade da água

Como é que é o espaço aqui?

É pequeno, tem muitas pessoas, e é difícil acomodar tudo. Tem uma casa que eles tem 4 filhos mais o marido e a mulher, daí não cabe né

Quando chegaram ao abrigo?

Em 30 de maio.

Você veio sozinha ou com alguém?

Com meus filhos.

E sua antiga casa, como era?

Eu morava no Passo de Estrela. Era de material, de alvenaria, com dois quartos e uma área de cozinha. Foi destruída por uma enchente e depois por um incêndio.

Você estava no abrigo do ginásio antes?

Sim, eu estava querendo este aqui.

Lá tem aproximadamente 38 famílias ainda.

No ginásio era tudo junto, sem repartições. Era um espaço de aproximadamente cinco por cinco, cada um com a sua porta.

E as repartições?

Era um quadrado, assim, cinco por cinco, cada um com porta.

O que mais incomodava no ginásio? O barulho

Entrevista - 09

Casa 18

Idade - 50

Local de nascimento - Vacaria/RS

Filhos - 02 / Idade dos Filhos - (27, 34)

Profissão - Não

Escolaridade - 4° série

Estado Civil - Casada

Renda mensal - Até 1 salário

Quais as principais qualidades da habitação temporária?

Em relação ao ginásio é o banheiro, lá todos tinham que tomar banho junto. Então é a privacidade. Nós ficamos antes no ginásio do centro de Cruzeiro, lá tinham 5 chuveiros para umas 300 pessoas.

E sobre as outras características ambientais da habitação, como a senhora avalia? A temperatura é muito quente, é melhor ficar lá fora do que aqui dentro. Se você deixar tudo fechado é abafado e se abre enche de mosquito.

E com relação a localização? É tudo longe, tem que pagar uber pra tudo, nós vamos no centro de cruzeiro, pq aqui não tem nada e não passa ônibus.

O que você gostaria de mudar ou melhorar? O espaço é horrível, no banheiro você tem que sentar de lado, é tudo apertado. Os meus filhos são altos, pra entrar eles tem que se abaixar. A ventilação é boa, mas o sol bate lá dentro, fica muito quente, precisaria de um beiral, uma proteção, um toldo.

Meu filho dorme no sofá, porque ele é muito grande, não cabe no beliche. Na verdade, as beliches todo mundo usa como roupeiro, porque o roupeiro é muito pequeno, não cabe nada.

Qual espaço é mais confortável? - Fora de casa, porque aqui dentro é tudo apertado, não tem espaço. Para eu sair da minha cama e ir ao banheiro eu bato nos pés dele que estão fora do sofá.

Cadeira não tem, mesa que eles entregaram não dá pra usar porque é muito alta. Você não consegue sentar direito, não consegue sovar um pão, aquela mesa alta com banquetas são para bar e não para fazer e servir comida.

Entrevista - 10

Casa 09

Idade - 26

Local de nascimento - Cruzeiro/RS

Filhos - 02 / **Idade dos Filhos** - (10, 02)

Irmã mora junto

Profissão - Não

Escolaridade - Ensino Fundamental

Estado Civil - Solteira

Renda mensal - 1 salário

Quais as principais qualidades da habitação temporária?

A privacidade que no abrigo não tinha. (ficou 5 meses no abrigo)

E sobre as outras características ambientais da habitação, como a senhora avalia? O calor é o pior problema, imagina como será no verão, falaram que ia ser fresquinho, mas é um forno, parece que estamos numa sauna. Não tem sombra, o sol bate demais e não tem nada que o proteja.

Como ficou a situação da casa em que vocês moravam? Foi toda destruída, parece que passou um avião.

Quanto tempo ficou no abrigo? Fiquei 5 meses.

Na sua opinião, quais são as maiores qualidades dessa casa que vocês receberam? A privacidade. A gente tem uma privacidade, que é um abrigo, né? Um abrigo bonitinho.

Há questões, assim, das mobílias que vocês receberam? Vocês tinham mobílias? Conseguiram retirar alguma coisa da casa? Eu comprei com 5 mil, mas não pude trazer nada, né? Está tudo dentro de um galpão. Nossa. Aqueles 5 mil que eles disponibilizaram. A gente achou que logo ia para uma casa, né? Que ia caber.

Como é que ficou a situação da sua casa lá? Ela foi, de fato, já condenada? Ela levou toda a parte de cima. Levou todo o telhado e tudo. Ela era de material, né? De material. Tijolos. E mesmo assim foi com tudo. A parte de cima parece que passou um avião, sabe? Ficou muito estranho.

Quanto tempo você ficou lá no abrigo? Eu fiquei 5 meses.

E qual que seria um problema dessa casa? Uma dificuldade ou algo que você gostaria que fosse melhor? O calor. Meu Deus do céu. Quando é assim, não dá para ficar.

Vocês ainda não passaram nenhum inverno, né? Não.

Mas pegamos no verão mesmo. E está sendo cruel. Dizem que era para ser fresquinho, mas não é fresquinho.

Não? Meu Deus do céu. O sol bate assim. Eu vou te contar.

Não dá para parar. Muita abafado. Calor. Acho que esquentar-se bem com o forno. Mas parece que estou numa sauna. Tem essas janelas, sim, mas não entra muito vento. É que o sol bate demais, né? Não tem sombra que nem lá. Não tem sombra. O dia inteiro sol, logo vem a sombra das árvores, mas também é quente. Sim.

E como é a relação das escolas, das crianças? A Sarah não vai na escola. Não vai? Não tem. Mas a Marquesa? Ela vai na PAE, daí ela vai de transporte público. O mercado tem, mas os postos estão tudo lá embaixo no centro. No centro. Tá.

Uma coisa, então, que você poderia preferir que acrescentasse nesse modelo de casa que vocês receberam? Pouco espaço. Aqui, né, as máquinas ficam tudo na rua. Já tem que tampar. Assim, não pode fazer nada. Eles não querem que façam área nem nada. Mas, no caso aqui, eles proibiram essa expansão, assim, das telhas ali? Aqui no outro, a gente viu bastante dessas. Não, aqui não pode, né? As máquinas ficam tudo assim, ó. **Ah, e por isso que vocês usam essas tendas.**

Pronto. Que são removíveis, né? Não pode furar. Certo. Meu Deus, gente.

Você tá inscrita ali naquele programa, né? Pra receber a casa permanente? Da prefeitura a gente vai ganhar quando tiver pronta, né? Mas aqui a gente ganha desde os 200 mil. E eu não ganhei, nem ela não ganhou. A gente tá esperando aí pela prefeitura, né? Aham, tem que esperar construir e chamar lá.

E nessa casa, o que que você sente, o que eu quero que tenha ou sente falta aqui? A vontade. Aqui é... Pra mim tá bom, assim, né? Mas é pequeninha, né? Que as meninas são quatro, né? Fica tua irmã e a tua filha na beliche. Você e sua mãe dormem comigo, nós dormimos na cama. Mas aí pra namorar a gente tem que esperar né? Aham. Tem que esperar dormir. É bem... Não tem privacidade nenhuma, né? E porque a beliche é assim e a cama é assim, né? É, do lado, né? Certo. É... Então, num abrigo nessa casa que você vai receber, né? Você prefere que tenha quartos separados?

Com relação à pequena ali, ela ainda dorme com você?

Dorme comigo. Mas já está na hora de parar, né? Mas não tem onde botar. Porque ainda tem muita coisa. E aí tem a cama de cima, eu usei para botar umas coisas, porque não tinha, não tem lugar. Imagina quatro pessoas, muita roupa, não dá para guardar roupinha assim. O roupeiro é pequeno. Pois a gente percebeu que na cozinha não vem armário, né?

E sente falta de lugar para guardar as coisas. As comidas, as panelas.

É. A gente deveria ter botado um aéreo em cima, né? Pelo menos, né? Para guardar.

Onde era a sua casa antes? Era lá embaixo, era bom porque era pertinho do centro, do posto.

A sua casa foi destruída? Destruída..

Era casa própria? Não. Era aluguel? Era aluguel. E essa relação dos aluguéis ali ficou complicada, né? Desaluguel social? Também. Ela nunca ganhou aluguel social. Não conseguiu. Eu, na verdade, vim mesmo para cá por causa da minha irmã, né? Por causa da deficiência dela, por causa dos problemas dela.

Ela tem qual deficiência? No caso, ela tem 17 anos, mas o cérebro dela é de uma criança.

E como que foi? Ela ficou no abrigo junto com vocês? Ela sempre morou comigo. E como ficou essa relação dela lá no ginásio? Porque é uma mudança drástica de cenário, né? De uma casa que você vive... Mas ela sempre dizia, ah, eu quero que você esteja em casa agora. Ela gosta de brincar, mas ela gosta também de ficar sozinha, de correr, cortar e coisas. Tinha outras crianças que brincavam da maneira deles, né? E ela não é. Mas ela se juntava junto. É? Deu para passar ali esse momento..

ENTREVISTA 11

Casa 10

Idade - 27

Local de nascimento - Novo Hamburgo/RS

Filhos - 02 / Idade dos Filhos - (04, 02 anos)

Profissão - Não

Escolaridade - Médio completo

Estado Civil - Solteira

Renda mensal - 1 salário

Como foi o resgate? Minha vida eu não gosto de contar, foi muito sofrido, nós quase morremos todos. Ficamos 2 dias dentro da água, quando sai não conseguia mais caminhar, minhas pernas não sentia mais. Tivemos que improvisar um pedaço de pau e remar alguns quilômetros para conseguir ajuda, muitos vizinhos nossos morreram lá, já caíram do telhado e morriam. Foi muita tristeza. Gente pendurada em árvores pedindo socorro e a gente não podia fazer nada. Nossa casinha foi com tudo dentro, fotos..Ainda que os documentos a gente conseguiu refazer.

ENTREVISTA 12

Assistente Social

Data: 14/11/24

Local - Abrigo da prefeitura em Cruzeiro do Sul/RS

Idade - 40 anos

Gênero - Feminino

Estado Civil - Solteira

Tempo de formada - 19 anos

Tempo de atuação nos abrigos - 6 meses (contratada da prefeitura)

Como é que foi esse processo?

A primeira enchente foi em setembro do ano passado, setembro de 2023, tinha sido a maior até então. Logo depois, em novembro de 2023 teve mais uma, mais ou menos igual a de setembro, com um metro a menos. E aí agora em maio tem um teve essa, a de setembro tinha dado 29 metros, a de maio deu 34 metros. Então foi cinco metros a mais. Já foi bem desastrosa a primeira e a de maio foi muito pior. E foi com uma força, foi com uma violência muito maior assim.

Por um lado a enchente de setembro trouxe uma lição importante para que em maio não morresse mais gente do que aconteceu, assim se não tivesse dado de setembro teria sido bem pior. Nós tivemos acho que dezoito mortos e seis desaparecidos até agora.

E quantas famílias atingidas você sabe?

Deu mais ou menos umas duas mil e oitocentas famílias, aproximadamente seis mil pessoas.

E que ficaram desabrigados e desalojados?

Deu mais ou menos seis mil desabrigados e desalojados. No início nós chegamos a ter onze abrigos, quase mil pessoas em abrigos, mas muitos ainda foram pra casa de parentes e amigos. Então, em abrigos nós tivemos quase mil pessoas no início, em ginásios e abrigos fixos. Mas estes abrigos foram se desfazendo muito rápido, então nós tínhamos ficado até junho, julho com 04 e aí reduzimos para 03, e aí no mês passado então a gente reduziu para 01.

Com a vinda dos containers (em Cruzeiro do Sul tem 28 casas provisórias) a gente conseguiu realocar o pessoal, conseguiu colocar muitos em aluguel social e aí reduzimos só para esse aqui.

Como você avalia a questão do bem-estar das pessoas que estão nas casas provisórias?

Nossa, foi um divisor a vinda dessas casas provisórias foi um momento de retomada da autonomia, retomada da privacidade principalmente. Da paz da família, porque por mais que o abrigo tenha divisórias, é um ambiente coletivo, não é um ambiente privativo, então a maior alegria deles era poder ter um banheiro pra só pra família poder usar por exemplo. Então esses pequenos detalhes, assim poder dormir não ouvir barulho, que tem muita gente aqui dentro que trabalha de madrugada, então sai, acorda no meio da noite pra poder ir trabalhar e aí toca despertador, acorda o vizinho do lado. Então, por mais tranquilo que seja, não é um ambiente que dá autonomia total para as famílias, que dá total privacidade.

Dentro do abrigo eles recebiam alimentação três vezes por dia, café, almoço e jantar, passaram a ter autonomia para fazer a sua comida, então eles passaram a receber auxílio-alimentação, que aqui no abrigo o pessoal não recebe, para poder se organizar. E aí eles se animaram para poder ir trabalhar.

Essas casas ainda assim são provisórias foram cedidas pelo governo do estado. O município prepara o terreno, prepara a área, faz terraplanagem, faz a fossa. Faz a colocação da rede de luz e o estado traz o container e coloca. Elas são provisórias até que se construam as casas permanentes. Nós temos garantido já, que as casas permanente vão sair, tem vários projetos de casas iniciando, mas a expectativa é que provavelmente para o ano que vem tenha um andamento melhor.

E as pessoas que ainda estão aqui neste salão comunitário tem alguma previsão de realoca-los?

Pedimos mais casas provisórias, estamos com alguns impasses com relação a terreno local. Caso não seja possível eu ficar provisórias.

Essa estrutura que ela era utilizada antes?

Sim, era utilizada pela comunidade, é um salão comunitário, até inclusive eles fazem jogos de futebol no campo no final de semana. Então isso não está acontecendo agora.

A ideia de colocar as divisórias aqui dentro foi de uma ONG chamada Aliança Evangélica que veio para o município de Cruzeiro, eles vieram no início com setecentas pessoas, eles vieram em muitos, eles estão desde maio aqui. Foi essa ONG que providenciou, que fez as divisórias, que levantou o dinheiro para poder construir. Porque o município por mais esforço que fizesse não estava alcançando, a gente dependeu muito da ajuda de voluntários, porque a gente tinha um número limitado de pessoas, de profissionais para trabalhar, então eles vieram naqueles

grupo gigantesco, com um monte de gente, um monte de profissionais pra fazer, eles colocaram divisórias aqui e no ginásio do centro que era outro abrigo que nós tínhamos, ele já foi desmanchado.

Quanto tempo vocês ficaram sem divisórias?

Um mês e pouco, não demoraram muito. Daí cada um tinha o seu espacinho, colocava suas coisas e ficava tudo aberto assim. Então eu dizia que era um mar de gente, de móveis, de colchões, de roupas. Hoje nós estamos com sessenta e duas pessoas aqui só, trinta e duas famílias.

E lá no contêiner são vinte e oito famílias e setenta e nove pessoas. A gente fez o levantamento essa semana porque algumas pessoas foram se mudando, então atualizamos essa semana os dados.

Se você tivesse o poder de intervir ali naquelas estruturas (casas provisórias), o que que você mudaria ali?

Nos dias quentes ali está muito calor, só que não tem como colocar ar-condicionado em função da rede de luz não comportar. Então talvez eu colocaria um um toldo, alguma coisa assim, para ele poderem ter uma areazinha externa (isso também não foi permitido que fizessem) para proteger pelo menos a máquina de lavar por exemplo.

O espaço dentro eu acho bem bom. Apesar de parecer muito pequeno eles conseguiram organizar. A família da Clara, por exemplo que é uma das nossas acolhidas, ela tem quatro filhos, eles são seis.. Então ela conseguiu se organizar assim, apesar do espaço pequeno, porque o que que a gente fez? Os móveis que eles tinham, a gente levou para um outro espaço. Eles já tinham os móveis deles, eles foram ganhando assim doações, eles foram recebendo geladeira, fogão e eles tinham isso dentro do abrigo. Então como não ia caber no contêiner que já vem mobiliado (ele veio com as camas, com a geladeira, com tudo) as coisas deles foram levadas para um outro espaço, para um outro ginásio para eles entrarem só com o necessário, com as roupas, enfim, deu pra organizar em função disso. Se tivesse que colocar mais os móveis deles, não teria possibilidade. Estão guardados lá no no outro ginásio os móveis deles pra quando eles forem pras suas casas poder levar. Porque a casa nova vem sem, eles não vão poder levar o que veio dentro da casa provisória, então eles tem que levar o que é deles.

Tem mais alguma coisa que vocês queiram nos contar que acham importante?

Em termos de infraestrutura?

Para resolver a questão do calor, por exemplo, não seria resolvida com ar condicionado. Talvez a colocação de um toldo para eles poderem sentar lá fora, por exemplo. Ou procurar um lugar que tivesse mais árvores, mas isso também é algo que precisaria pensar muito. Um lugar que tivesse árvores em volta, porque é o que a gente menos tem, né? Então, se tu for lá no cantinho onde tem árvores na volta, ninguém tá reclamando do calor. Aqui na frente, onde não tem árvores, aí onde eles estão reclamando do calor, então a arborização seria uma possibilidade a ser estudada previamente eu acredito que com todas essas lições e aprendizados.

Os municípios atingidos vão ter que se organizar para isso no futuro, até já se pensou em situações de abrigos municipais, para novos eventos que viessem a ocorrer, nos planos de contingência. Estão construindo um plano contingente e acredito que vai ter essa questão de construção de abrigos municipais para serem alojamentos temporários. Tem que se planejar como vão ser esses alojamentos temporários, se serão coletivos? Para deixar permanentes em situações de emergência.

Vocês aqui não tinham ainda um plano de gestão de risco do município?

Não porque na enchente de setembro não deu. Pra frente não deu tempo. Mas setembro foi a primeira vez que deu tão grande assim. Sempre aconteciam enchentes, mas o pessoal já estava meio acostumado, era tradição assim, a água subia encharcava as casas, todo mundo voltava limpava sua casa e tudo bem. Só que nessas últimas ela veio e levou tudo embora. Essa foi a diferença

E as casas provisórias depois serão reaproveitadas?

Provavelmente vão ser devolvidos para o Estado. Eu não sei se o estado vai ceder para o município, se o estado cedesse para o município pra ficar permanente. aí talvez poderia se pensar em reutilizar para novos eventos. Mas a princípio é o Estado, quem fez a aquisição e cedeu para os municípios.

GRUPO 04 - Indígenas (José Boiteux / SC)

ENTREVISTA 13 (Caciques)

Data: 28/01/25

Local da entrevista - Casa Indígena - Capitão Pedro Leite, 530 / Barreiros - São José

- A casa acolhe famílias dos povos Kaingang, Xokleng e Guarani, que buscam melhores condições de vida na cidade.

Idade - 54 anos

Naturalidade - Aldeia Coqueiros/Victor Meirelles

Filhos - 8

Gênero - Masculino

Estado Civil - Amasiado

Profissão - Presidente Cacique Xokleng

Escolaridade - Primário

Na tua opinião, quais seriam as qualidades do abrigo para bem-estar?

Há um abrigo emergencial, ele deve ser considerado a cultura e ter segurança.

E assim, o que causaria uma sensação de estresse dentro do abrigo?

Um abrigo precisa ter atendimento à saúde, à educação, o social.

Tem alguma coisa que o senhor gostaria de colocar em relação a esse projeto, esse futuro projeto dos abrigos?

Então, o que teria que ser no futuro? Em cada aldeia, nós temos nove aldeias, né?

Então, onde existem essas aldeias que ficam ilhadas, teria que ter esses abrigos, né? Com toda a estrutura porque quando chove muito ali eles fecham a barragem e alagam toda a área aqui, isso já aconteceu por diversas vezes, a última vez foi em 2023 dia 8 de outubro. A Defesa Civil não vem cumprindo com os acordos. De 2015 até a última enchente que deu. O único apoio que eles dão, quando ficamos ilhados, é a cesta básica. Mas quanto a outros acordos que existem, até hoje não foram cumpridos.

Sobre agrupar as casas conforme o número de pessoas por família, como seria o tamanho ideal. Geralmente vivemos juntos em três famílias o que dá um total de 8 a 12 pessoas.

GRUPO 05 - Haitiano

ENTREVISTA 14

Codiname - Benjamim

Data: 20/08/24

Local da entrevista - Casa do entrevistado

Idade - 48 anos

Naturalidade - Haiti

Filhos - 3

Gênero - Masculino

Estado Civil - Casado

Profissão - Jardineiro

Escolaridade - Primário

Chegou no Brasil em 2013 e morou por um mês em abrigo improvisado em Brasília no Acre. Saiu da República Dominicana e foi de avião até a Bolívia, lá pegou um táxi para atravessar a fronteira e entrar no Brasil indo para um abrigo no Acre.

Estava psicologicamente muito abalado por ter deixado a família em outro país, não sabia se iria conseguir encontrá-los tão cedo. O abrigo era um ginásio de futsal que foi adaptado para abrigar 1.400 pessoas aproximadamente (num local que era para 400 pessoas).

Segundo o entrevistado, não tinha estrutura suficiente de banheiros, nem cozinha, refeitório. “Eram apenas colchonetes jogados pelo chão e as famílias com mulheres e crianças permaneciam nestes espaços por dias sem privacidade, dependendo de doações da comunidade para se alimentarem”.

Comiam as marmitas em pé ou sentados nos colchões no chão. Tomavam banho de balde porque não tinham chuveiros. Faziam fogo na área externa do acampamento, improvisaram uma forma de cozinhar com latas de extrato de tomate, faziam comidas fáceis como macarrão e ovos. Os que possuíam dinheiro compravam os alimentos e dividiam com os que não tinham nada.

Em relação às atividades que realizavam no abrigo, nos contou que recebiam orientações de pessoas da comunidade, enfermeiras, professoras e voluntários. Estas pessoas nos orientavam sobre as regiões do Brasil, e contavam em quais era melhor para se instalar. Falavam sobre o clima, a comida, a cultura e etc. Foi assim que escolhi Santa Catarina.

Quando questionado sobre o sentimento de pertencer ao lugar, relatou que dos 1.400 abrigados 90% eram haitianos, os outros 10% eram senegaleses e dominicanos. “Me senti pertencente ao grupo porque a maioria era do Haiti e todos se ajudavam, eram como irmãos”. Também se sentia muito acolhido pelos brasileiros.

Quanto ao estado psicológico do entrevistado, como ele se sentia no abrigo, nos disse que a falta de privacidade, o excesso de barulho, dificuldade para dormir, tudo isso gerava estresse.

Sobre o abrigo ideal ele respondeu que além de ter uma estrutura para atender as necessidades básicas com o mínimo de conforto - que é uma cama, cozinha, refeitório e banheiro (conseguir fazer a higiene com privacidade). Deveria ter uma sala coletiva com televisor para ver notícias e informações (que também não tínhamos) e também ver futebol para relaxar. Esta sala de tv no abrigo ideal poderia ser usada para passar orientações gerais necessárias aos imigrantes e também poderia passar cursos de qualificação para o trabalho. “Quem fica numa situação assim não sabe o que fazer, nem para onde ir, é um sentimento desesperador sobre a falta de direcionamento”.

Quando aplicada a técnica Whish Poema (o Poema dos desejos) ele preferiu dizer algumas palavras que representam o Abrigo Ideal: Comida, Banheiro, Cama, Privacidade, Televisão, Informação e Orientação.

Foi possível identificar nesta entrevista que para proporcionar bem estar e diminuir significativamente os sintomas emocionais, psicológicos, decorrentes do estresse causado pelos desastres, os ATPs precisam ter (além da estrutura para atendimento das necessidades fisiológicas) privacidade, ambientes coletivos, informação e orientação.

APÊNDICE D -TRANSCRIÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRAFIA COMO MODELO APLICADA COM DESABRIGADOS QUE PASSARAM POR ABRIGOS EMERGÊNCIAS OU HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS

Foram apresentadas imagens de exemplo para que o participante escolhesse qual destas imagens passa a sensação de bem-estar de acordo com cada critério:

Codinome - Entrevista 01

Material: É madeira e compensado, por que eu acho que é uma coisa mais rápida.

Forma: Eu acho essa com telhado duas águas, porque ela vai dar a sensação de uma casa mesmo, né? Uma sensação de se sentir em casa.

Implantação: Eu acho que um pouco mais distante pela questão de, tem o vizinho ali e daí o vizinho não gosta de cachorro, sabe? E daí tem a questão de, ah, temos criança, daí as crianças vão sentar uns pra brincar. Ou, sabe, coisa, tipo, questão assim de, ou às vezes o vizinho tem muito, muita coisa pra guardar e daí Jogou no vizinho pra te bagunçar e se não querer deixar bagunçado... Tipo, o que faz? O que mais? Tipo, questão do cachorro, questão dos vizinhos, assim... Mas nessa questão é mais sobre essa delimitação de espaço, né? O centro de convivência, de ter um espaço para as crianças brincarem, é algo assim. Se ela fosse numa disposição mais afastada, seria interessante?

É, aqui deveria ter, pelo menos, botar uma pracinha ou botar alguma coisa. Porque o que acontece? Chega no final da semana, todo mundo está em casa, todo mundo quer descansar e não tem lugar. E se tivesse um lugar lá na sombra, todo mundo poderia sentar. Essas áreas de convívio, né?

Iluminação e ventilação: Eu prefiro a imagem com grandes aberturas, porque mesmo se você está dentro de casa, você dá a sensação de ar puro, né? Porque quanto mais fechado... É, quanto mais fechado, menos circulação de ar, a gente sente, né? E eu gosto de janela, que abre assim. Eu não gosto daquela gente. Elas são meio que de puxar. Então, se ela abre assim, você consegue colocar a coberta para pegar sol.

Divisão de Espaços: Com divisórias acho que é um pouquinho melhor, né?

Você prefere com divisórias? Sim.

Opções das camas: com o uso de beliche, ou as camas separadas. Olha, o que que passa mais bem estar assim nessa disposição do ambiente? Não tinha nada

contra os beliches, mas eu prefiro camas separadas, pelo fato de que... Não fico com a sensação segura de que um dormisse em cima do outro. Os meus também tinham um beliche antes, mas a gente está embotando chão. de queda e até porque quando vê a família tem criança pequena não tem como dois pequenos não tem como botar em cima é muito perigoso eu acho que é mais pôr a questão assim de queda o medo que é uma coisa que eu falo muito que o meu filho é mais gordinho assim né medo que ele cai em cima dela que não dá uma sensação é não dá sensação boa e a pessoa que dá o embaixo fica muito abafado né no dia que tá muito quente é muito abafado ali, fica muito tipo já tá enchido de coberta e daí mais uma pessoa em cima eu não consigo

Codinome: Entrevista 02

Material: Tá então a um é a letra D, blocos ou tijolos aparecendo porque eu acho que a casa fica mais bonita.

Forma: É Letra A. Porque o modelo assim já é bem aconchegante. Gostei dessa.

Implantação: Essa aqui. É. Letra B. Gosto do vizinho próximo mas não tão junto.

Iluminação e ventilação: Grandes janelas com varanda ainda, tudo que eu gostaria.

Ambientes: Prefiro os ambientes todos divididos.

Quartos: Prefiro com camas separadas

Codinome: Entrevista 03

Casa 27

Material: Blocos de argila porque remete a segurança e faz lembrar de uma casa. Este abrigo remete a um container.

Forma: É Letra A. Porque lembra uma casa

Implantação: Distantes, porque gosto de privacidade.

Iluminação e ventilação: Grandes janelas. Porque a casa aberta entra mais sol, gosto de casa arejada

Ambientes: Prefiro os ambientes todos divididos para que as visitas não vejam os quartos

Quartos: Prefiro com camas separadas sem beliches.

Codiname: Entrevista 04

Material - Blocos de argila, porque são mais seguros.

Forma - Tradicional. É parecida com minha antiga casa.

Implantação: Prefiro os abrigos mais distantes para ter espaço para horta e jardim.

Iluminação e Ventilação: Prefiro sem janela pra ficar mais privativo.

Ambientes: Eu prefiro tudo separado.

Quartos: Camas separadas.

Entrevista 05

Material - E eu acho de madeira que dá mais aconchego.

Forma - Tradicional. Mas também pelas culturas da gente, né? Porque a gente foi criado num ambiente assim. Talvez tu perguntasse pra uma pessoa que morou toda a vida em cidade grande iria responder outra opção.

Implantação: E eu acho que tem que ser mais distante sim. Para gente ter o espaço da gente, né. Eu acho assim uma coisa tão importante ter o espaço, né? Ainda mais depois de morar assim todo mundo tão junto,.

Iluminação e Ventilação: Eu gosto desta que está com janelas grandes e vista para o exterior.

Ambientes: Eu gosto de mais dividido.

Quartos: A gente aprendeu que assim, por exemplo, vai sobrar muito mais espaço, né? Sobre o bem-estar, eu acho que deveria ser mais separado, né? Para eles ter cada um tem seu espaço.

Entrevista 06

Material - Blocos de argila, por causa do conforto térmico.

Forma - Eu gosto da forma cubo como esta aqui.

Implantação: Prefiro os abrigos mais distantes para cada um poder expandir.

Iluminação e Ventilação: Prefiro sem janela pra não esquentar tanto e ficar mais privativo.

Ambientes: Gosto dos ambientes integrados.

Quartos: Camas separadas são melhor.

Entrevista 07

Material: Bambu (memória)

Forma: Tradicional

Implantação: Distantes

Iluminação/Ventilação: Luz natural e janelas grandes

Ambientes: Prefiro tudo separado

Quartos: Camas separadas

Entrevista 08

Material: Madeira

Forma: Tradicional, porque a minha casa era deste modelo

Implantação: Gosto dos abrigos próximos

Iluminação/Ventilação: É melhor com janelas grandes

Ambientes: Prefiro tudo separado

Quartos: Prefiro camas separadas que é melhor né

Entrevista 09

Casa 18

Material - Eu acho que por segurança eu escolho os blocos de argila (tijolos), mas eu acho o bambu muito bonito.

Forma - Eu prefiro que seja semelhante a uma casa mesmo e não uma caixa como estás.

Implantação - Eu prefiro distante, a gente precisa de espaço.

Eles perguntaram se queriam as casas uma de frente pra outra e ainda bem q escolhemos viradas.

Iluminação e Ventilação: Grandes janelas, prefiro casas bem ventiladas.

Ambientes - Prefiro tudo com divisórias, pq dormitório com cozinha não funciona. Aqui não tenho privacidade nenhuma com meu namorado e os filhos junto.

Dormitório - Prefiro cama separada, beliche é para criança. Cama separada não fica tão abafada. Usamos como roupeiro a beliche.

Entrevista 10

Casa 09

Material: Madeira é mais familiar

Forma: Casa Tradicional

Implantação: Gosto dos abrigos distantes

Iluminação/Ventilação: integração com exterior e varandas

Ambientes: Prefiro com divisórias

Quartos: Prefiro camas separadas

Entrevista 11

Casa 10

Material: A madeira eu acho mais familiar.

Forma: A tradicional. Essa que vocês têm aqui, por exemplo, você não gosta muito do formato? Como é que é? **Porque vocês chamam de contêiner, né? Mesmo não sendo um contêiner.** Então ele parece muito, porque veio transportado. Pela forma de transporte.

Implantação: Aquela ali eu gosto mais. Os distantes? Os distantes, é. Um pouquinho.

Iluminação/Ventilação: A com varanda.

Ambientes: Com divisórias. Mais bem-estar. A gente pode ficar em um lugar, sentado. Não precisa estar tudo junto. Dormir tudo embolado.

Dormitórios: Separadas. Se fosse na minha casa, uma do lado da outra.

Entrevista 12

Assistente Social

Material: Eu estou pensando no calor que é um problema ali, então com a madeira talvez fosse mais fresquinho. E não dá pra você chegar com vinte e oito casas nesse lugar, por exemplo, e botar vinte e oito TV, vinte e oito máquinas de lavar, cai a chave e não funciona.

Forma: Eu vou na letra A, tradicional. Essa eu não tenho dúvida, pq é semelhante às casas que eles tinham

Implantação: Letra C, mais distantes, pensando na convivência, no espaço de cada família, Porque aí um tem cachorro, aí não funciona, reclama. Então que cada um pudesse ter seu espaço seria melhor.

Iluminação e Ventilação: A letra E, aí com varandas e coisas assim. Sempre luz natural é mais saudável,

Ambientes: Separado. Letra B. Isso facilitaria a vida. Sim, mesmo que seja uma separação física. Nem seja separado com guarda-roupa divisória.

Quartos:

A melhor sensação seria camas separadas, porém pensando em espaço e otimização a beliche seria bem útil. Mas a pergunta é sobre o bem estar, então eu prefiro com cama separada.

Entrevista 13 e 14 (indígenas)

Materiais: O bambu, que seria outro material, porque ele é mais tradicional. Só que é tradicional o Guarani. Então, tem que ser uma construção que seja da etnia Xoklen, né? Sim. Quais são os materiais que vocês acabam utilizando mais? É madeira.

Forma: Poderia ser formato de estrela. Das opções eu prefiro a Colméia

Implantação: Abrigos distantes, casas separadas para ter mais privacidade no terreno.

Ventilação/Iluminação: Luz natural com janelas

Layout: Preferimos os ambientes mais divididos

Quartos - Preferência por camas separadas

Cacique 02

Material - O bambu mesmo, pela tradição.

Forma - Tradicional.

Implantação: Integrado não dá. Tem que ser mais distante, tem mais espaço mas principalmente a privacidade né.

Ventilação/iluminação: Prefiro a casa com varanda integrada com externo.

Layout: Eu acho que esse dividido é melhor.

Dormitórios: Camas separadas.

Entrevista 15

Codiname: Haitiano

Material - Blocos de argila pela segurança

Forma - Tradicional.

Implantação: Prefiro distante pela privacidade

Ventilação/iluminação: Gosto de janelas grandes

Layout: Prefiro tudo dividido

Dormitórios: Camas separadas.

APÊNDICE E -TRANSCRIÇÃO DA TÉCNICA POEMA DOS DESEJOS

Codinome - Entrevista 01

Você pode fazer um desenho, ou se você quiser traduzir algumas palavras, como seria um abrigo ou uma casa ideal para você?

Olha, eu acho pra ser ideal ela precisaria só um pouquinho mais de espaço, porque não digo claro que não vai ter como modificar uma casa com dois quartos, mas tipo assim, que nem é casa, tem criança onde dorme o casal, dorme as crianças, aí a pessoa não tem privacidade, acho que poderia modificar isso aqui, ter botado pra cá, porque quando você abre a porta do banheiro, o vizinho lá na rua te enxerga, foi poucos detalhes que foi mais espaço, aqui é o banheiro, então assim, a porta não fecha totalmente, então ela segura aqui, mas ela não tranca, né? Tipo, as vezes meu filho vem correndo, o banheiro abre, o vizinho tá lá, quase que me enxerga, tá? Aí é tipo tudo assim, sabe? Foi poucas coisas que faltou, porque a princípio a gente gostou, né? O lugar ficou bom, a sala, a cozinha, tá? Tudo bem! A cozinha tá bom, não precisaria tanto espaço, só achei o quarto, eles poderiam dar, talvez, uma aumentada e ter um pouquinho dividido, sabe?

E você está com três, um beliche e a cama de casal? E daí tem só, se tu olhar, tem só um corredorzinho assim pra passar ali.

Codinome: Entrevista 02

Se a senhora conseguisse expressar assim algumas palavras ou fazer um desenho de como seria o abrigo ideal: Eu gostaria de ganhar minha casinha e ficar lá e fazer minha vida.

Codinome: Casa 27

Se a senhora conseguisse expressar assim algumas palavras ou fazer um desenho de como seria o abrigo ideal: Eu gostaria que a casa tivesse um espaço para um jardim e uma horta

Codiname: Clara

Se a senhora conseguisse expressar assim algumas palavras ou fazer um desenho de como seria o abrigo ideal: Eu gostaria que fosse muito quente, nem tivesse cheiro ruim de esgoto e que a água fosse de qualidade.

Codiname: Casa da vizinha da Clara

Se a senhora conseguisse expressar assim algumas palavras ou fazer um desenho de como seria o abrigo ideal: Eu gostaria que fosse muito quente, nem tivesse cheiro ruim de esgoto e que a água fosse de qualidade.

Codiname - Casa 18

Como seria a habitação temporária ideal para você? Eu queria muito um espacinho atrás para poder fazer um puxado para o meu filho. Porque onde morávamos antes ele tinha o espaço dele, ele morava embaixo e eu em cima. Então para mim era ter minha casinha e um espaço no terreno pra ele também fazer um puxado e um lugarzinho para uma horta.

Codiname - Casa 09

Como seria a habitação temporária ideal para você?

É, eu queria que fosse um pouquinho maior, que fosse puxada. Porque as coisas a gente tá tudo lá no abrigo, lá em cima, né? E daí vai estragar, né? Eles deram 5 mil pra gente comprar, né? Por que eles não deixaram a gente trazer, né? E não pode tirar nada que tem dentro.

Codiname - Casa 10

Como seria a habitação temporária ideal para você?

Apesar de tudo que passei a palavra que define essas casas é gratidão.

Codiname - Haitiano

Como seria a habitação temporária ideal para você?

Comida, Banheiro, Cama, Privacidade, Televisão, Informação e Orientação.

